

LOUISE GALVESTON



O REINO SECRETO DE

TODD

TODD TEM 12 ANOS E CONSEGUIU GERAR VIDA A PARTIR DO CHULÉ.

#irado

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# SUMÁRIO



[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[EPÍLOGO](#)

**LOUISE GALVESTON**

**O REINO SECRETO DE**  
**TUDO**

*Tradução*  
Paulo Polzonoff Junior

**#irado**

Título original: *By the grace of Todd*  
Copyright © 2014 Working Partners Ltd.  
Copyright © 2015 Editora Novo Conceito  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:  
Equipe Novo Conceito

Ilustração da capa: © Patrick Faricy

Design de capa e tipologia: © Emily Osborne

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Galveston, Louise

O reino secreto de Todd / Louise Galveston ; tradução Paulo Polzonoff Junior. --  
Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: *By the grace of Todd*.

ISBN 978-85-8163-566-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-05899 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha  
14095-260 — Ribeirão Preto — SP  
[www.grupoeditorialnovoconceito.com.br](http://www.grupoeditorialnovoconceito.com.br)

# PRÓLOGO



## OS TODDLIANOS

— *Pequenos, já lhes contei a lenda de como o Grande e Poderoso Todd resgatou sua vovó e eu e todo o nosso povo da escravidão do ser demoníaco chamado "Max"?*

— *Sim, sim, mas nos conte novamente!* — implorou a pequena Andrômeda enquanto as outras crianças gritavam, empolgadas.

*Perséfone, minha adorável esposa, bateu em meu braço com o chapéu de caubói que ela havia feito com folhas. Um tanto atordoado, eu a afastei.*

— *Que droga, Lewie, já lhe disse para não me chamar de "vovó"! Faz com que eu pareça velha demais.*

— *Tudo bem* — suspirei. — *Parece que minha memória não é mais o que já foi.*

— *Mas você se lembra da feira de ciências e do poço da perdição, certo, vovô Lewis?* — implorou Andrômeda, sua voz denotando pânico. *Seu longo cabelo lilás caía em mechas macias nas fibras do cobertor rosa onde ela e os outros Netinhos saboreavam um lanchinho antes de dormir.*

— *Claro que me lembro, Andy. Eu...*

— *Conte sobre Max, vovô Lewis! Conte sobre quando ele criou um terremoto que quase matou todo mundo!* — pediram em coro os outros Netinhos.

— Bem, acho que alguns de vocês já ouviram isso antes... — eu ri para o rostinho sardento deles e escalei o Pico das Roupas de Ginástica para que todos pudessem me ouvir. — Mas ouçam com atenção, e eu imagino que a vovó, quer dizer, a avó de vocês, vai preparar seu famoso sanduíche de pele morta e geleia de dedinhos do pé.

— Hummm! — celebraram os Netinhos.

— Ouçam, então, crianças — comecei. — Tudo teve início quando... — Parei no meio da frase e me virei para Perséfone, que se pôs a preparar os sanduíches. — Não se esqueça de tirar as bordas do meu, querida.

Perséfone engasgou, balançando a cabeça.

— Sou casada há tanto tempo com esse coroa e ele acha que vou me esquecer de tirar as bordas do sanduíche dele — ela resmungou para si mesma.

Eu sorri para ela, piscando, e me voltei para as crianças.

— Antes que Todd provasse seu poder aniquilando seus inimigos, os ferozes e tolos Gigantes da Escolinha Newton, nosso povo vivia precariamente na Toddlândia, em cabanas primitivas sobre meias nojentas...

— Vocês, que são novos, não têm ideia de como está bom agora! — Uma voz familiar me interrompeu e eu me virei para encontrar Herman, o Sábio, chegando da biblioteca. — Porque, quando tínhamos a idade de vocês e queríamos um sanduíche de pele morta, tínhamos de sair e tirar geleia de dedinhos do pé da sujeira com nossas próprias mãos. E, se quiséssemos...

— Quer dizer que você não tinha pilhas de roupas de ginástica sujas para comer? — perguntou Lyle, a voz ligeiramente trêmula. Lyle era o mais velho dos Netinhos e adorava exibir seu conhecimento para as crianças mais novas. — Eu achava que nosso povo sempre tinha vivido no quarto de Todd.



— Isso mesmo, queridinho — disse Perséfone enquanto passava a geleia de dedinhos do pé num pedaço de pele morta. — Antigamente tínhamos de cuidar de nós mesmos. O Grande Todd não sabia que estávamos vivos.

Os Netinhos prenderam a respiração.

— Ela está dizendo a verdade. Naquela época, vivíamos na escuridão total sob a cama de Todd e ele desconhecia a existência da sua avó ou de Herman, o Sábio. — Acenei para nosso velho amigo. — Não conhecia ninguém do nosso povo.

— Na verdade — acrescentou Herman com um menear de cabeça —, mal sabíamos esfregar dois gravetos para fazer fogo quando Sua Grandeza nos tirou de debaixo da cama e nos trouxe à luz.

Perséfone bufou.

— Isso mesmo. E várias coisas horripilantes aconteceram antes que as Velhas Sobrancelhas Peludas nos avistassem. Talvez seja melhor começar a contar isso desde o início, vô.

— Acho que você tem razão, meu amor. Crianças, vocês gostariam de ouvir a história de como sua avó e eu conhecemos o Grande e Poderoso Todd?

Os Netinhos se animaram.

Bebi o restante do suco doce que havia no meu copo e pigarreei.

— Nossa história começa no primeiro dia em que Todd entrou no reino da Escola Secundária de Wakefield, um lugar assustador, governado por criaturas enormes e cruéis chamadas "A Turma do Zoológico"...





## CAPÍTULO 1



**Meu melhor amigo Duddy** olhou para o céu sem nuvens de setembro e disse:

— Leonardo da Pinchy, sentimos tanto por você ter morrido e tal. Você era um incrível caranguejo-ermitão, e vamos sentir muito a sua falta.

Ele fez uma pausa e olhou para mim.

Mordi o lábio e murmurei:

— Siga em frente.

Duddy deu de ombros.

— Certo. — Ele abriu os braços e disse, numa voz alta e limpa: — De qualquer modo, Pinchy, obrigado por nos deixar pintar o Koi Boy do *Dragon Sensei* na sua concha com o esmalte da minha irmã. Foi muito legal da sua parte. E também foi muito legal da sua parte

aquela vez que você picou minha mão com sua garra, apesar de termos de colocá-lo sob a torneira para que você o fizesse. Quero dizer, tenho certeza de que foi assustador para você também. E a mão ficou roxa durante uma semana. — Ele parou e me olhou de novo.

Tenho certeza de que ele estava pensando que eu tivesse mais a acrescentar à homenagem a Pinchy. Afinal, ele era o *meu* bichinho de estimação. Mas era Duddy quem realmente se importava com Pinchy. Na verdade, foi Duddy quem percebeu que ele estava morto.

— Ei, como está o Pinchy? — ele perguntara dez minutos antes, tirando os olhos do meu laptop. Estávamos no meu quarto, assistindo ao último episódio do *Dragon Sensei* para relaxar de um primeiro dia de aula longo demais na Escola Secundária de Wakefield.

— Quem? — peguei o mouse, pausando o vídeo.

— Dã, Todd! Leonardo da Pinchy, seu único animal de estimação! Posso pegá-lo?

*Ah, certo. Aquele Pinchy.*

— Ah, claro — respondi. Meu estômago começou a revirar. Eu tinha uma boa ideia do que estava por vir.

Duddy pegou o caranguejário da prateleira sobre minha cama e o balançou.

— Hum. Ele não está se movendo.

*Oh-oh.* Olhei melancolicamente para a tela do meu computador.

— Não tiro Pinchy há uns dois dias, então talvez ele esteja tímido...

Duddy ergueu a tampa do aquário e se inclinou sobre ele.

— Ugh! — disse ele, afastando a cabeça. — Está fedendo! Você disse que faz dois dias, Todd, ou há duas semanas?

Meu rosto enrubesceu enquanto Duddy pegava Pinchy.

— Eu não estou muito certo se você deveria fazer isso...

Tarde demais. Assim que Duddy o tocou, Pinchy caiu da concha.

— Acho que ele está morto — disse Duddy, boquiaberto.

— Sim, percebi.

— Será que ele ficou doente? — Duddy me perguntou, de olhos arregalados, ao colocar cuidadosamente o corpo de Pinchy sobre a mesa. — Caranguejos-ermitões podem ter câncer?

— Hum... — Senti uma pontada de culpa ao tentar me lembrar da última vez em que lhe dei comida e água. Sábado, talvez? Mas no último sábado ou no anterior... Quem sabe?

— Espere aí... já volto. — Duddy saiu do meu quarto, os passos ecoando enquanto ele rumava para a cozinha. Alguns segundos mais tarde ele reapareceu, segurando um saco plástico e uma caixinha. — Para o funeral. — Ele encolheu os ombros.

Agora estamos no quintal olhando para o buraco que cavamos sob uma enorme árvore. Dentro do buraco estava a caixinha que enterramos... e dentro da caixinha estava Pinchy.

Senti o olhar sincero de Duddy pedindo que eu falasse.

— Ah, Pinchy, sinto muito mesmo. Decomponha-se em paz, amiguinho. Amém.

Duddy concordou, satisfeito. Se ele soubesse que era culpado de caranguejicídio, não teria continuado.

— Leonardo da Pinchy, que você siga...

Mas Duddy foi interrompido por uma gargalhada no quintal ao lado.

Uma gargalhada *familiar*.

— HAU HAU HAU HAU! HAU HAU HAU! Ffffffffbbt.

A última parte da risada era nova. Ao longo do verão, nosso inimigo, Ernie Buchenwald, colocara o Maior Aparelho Ortodôntico do Mundo. Ele claramente tentava aprender a lidar com a saliva.

Duddy ficou pálido quando a cabeça alaranjada, enorme e rosada de Ernie apareceu na cerca. Ernie esticou um dedo grosso na nossa direção e riu um pouco mais.

— HAU HAU HAU! HAU HAU HAU HAU! Vocês estão fazendo um funeral para um *caranguejo*?

Duddy olhou rapidamente para mim, então respirou fundo, enrijecendo os ombros. Ele chutou um pouco de terra sobre a caixa de Pinchy e eu o ouvi sussurrar algo que terminava com “Amém” enquanto, escondido, fazia o sinal de cruz sob a jaqueta.

— Focê não fai dizer oi, idiota? — zombou Ernie.

— Oi — murmurei, olhando para meus próprios pés. O verão todo eu esperei que o início do sexto ano trouxesse consigo uma nova era, livre de tormentos. Mas claro que eu desejava demais.

— Só estamos tentando demonstrar nosso respeito — explicou Duddy.

Ele ficou de pé com os braços cruzados, como se fosse proteger sozinho o túmulo de Pinchy.

— Ah, é mesmo? — respondeu Ernie. — Famos fer isso. — Este já tinha passado uma enorme perna sobre a cerca e estava passando sobre ela. Para sorte de Pinchy, ele não estava interessado em caranguejos-ermitões. Ele caiu no chão e voltou os olhos atentos para mim. — Ei, Todd, onde eftá aquei efkate feu?

— Skate? — sussurrei.

— Fim, feu efkate. Acho que focê deferia empreftá-lo para mim.

Fiquei paralisado. A ideia de um “empréstimo” para Ernie significava cem anos.

— Ah, meu pai o levou para o trabalho.

Ernie fungou ao se aproximar de nós, abrindo e fechando os punhos. Ele era enorme e mau, mas não era burro.

— No hospital?

Meu pai era enfermeiro da ala de emergência. Ele praticamente vivia no hospital naqueles dias, trabalhando em turnos extras para pagar nossas contas, desde que a mamãe fora demitida de seu emprego como professora.

— Ele, hum... Ele queria mostrá-lo para um menino que foi internado com varíola.

Ernie arqueou as sobrancelhas alaranjadas tão alto que elas quase tocaram os cachos de seus cabelos.

— Faríola?

*Droga.* As pessoas ainda pegam varíola, não?

Um enorme dedo rosa de repente me cutucou entre os olhos, quase arrancando meus óculos.

— Oufa fó, feu baratinha. Quero o efkate e quero agora, fenão fou mandar *Max Loving* perfeguir focê amanhã.

Congelei. Max Loving era a única pessoa na Escola Secundária de Wakefield mais assustadora do que Ernie. O nome dele era uma piada cruel. Ele era tão grande quanto Ernie, e três vezes mais malvado, e não tinha a mesma afeição torta que eu gostava de imaginar que Ernie nutria por mim e pelo Duddy depois de passarmos cinco anos na Escola Fundamental Roosevelt juntos. Max estudou na Newton, uma escola enorme do outro lado da cidade. Dizia-se que alguma coisa na cantina tornava todos os alunos enormes e maus. Ou talvez tenha sido apenas um sonho.

Meu braço tremia de verdade. Eu sabia o que tinha de fazer. Estava prestes a apontar para a nossa garagem, onde meu skate novo descansava numa prateleira especial que meu pai construía no meio da noite, quando de repente...

— *Todd Galveston Butroche!*

A porta se abriu e minha mãe apareceu no alto da escada, os cabelos despenteados e o rosto manchado com algum tipo de substância roxa. No colo ela trazia o Terror dos Todds, minha irmã de um aninho, Daisy, que ria enlouquecidamente e agitava seus sempre estranhos dedinhos roxos.

— Olá, sra. Butroche! — disse Duddy.

— Espero mesmo que o clima fique afim, focês não? — acrescentou Ernie, rindo insolentemente.

— Ah, oi, Duddy. Ernie — respondeu minha mãe, baixinho, só agora percebendo que tínhamos companhia. — Vocês podem ir para casa e deixar Todd sozinho? Preciso dele por alguns minutos. Por favor.

Dei uma última olhada para Duddy. O olhar de solidariedade que ele me lançou confirmou minhas suspeitas: fui salvo de um valentão e seria morto por outro.

— Então a gente se vê depois — sussurrou ele, saindo pelo portão até a entrada dos carros, Ernie bem ao lado dele.

Senti um frio na barriga. Esperava que Ernie não causasse muitos problemas para Duddy, mas pelo menos Duddy não tinha nada para ser roubado. Ainda assim, a ideia de Duddy sobreviver a Ernie sem mim era difícil de suportar. Talvez eu pudesse segui-los e...

Meus pensamentos pararam repentinamente quando notei o silêncio. Olhei para minha mãe.

— Entre — ela rosnou. Chamas pareceram sair de seus olhos escuros, exatamente como SharkTreuse do *Dragon Sensei*. — *Você precisa limpar o seu quarto.*







## CAPÍTULO 2



— **Eu não falei para você** guardar suas tintas a noite passada, antes de dormir? — disparou minha mãe. Eu a segui juntamente com o Terror de volta para casa e agora estava fazendo o melhor para desviar o olhar e parecer arrependido. — E eu não falei para você que a Daisy mexeria nas suas tintas?

— A Daisy mexeu nas minhas tintas?! — perguntei, percebendo as implicações do que minha mãe estava dizendo. Se Daisy mexeu nas minhas tintas, isso significava que o bonequinho de Oora, um personagem do *Dragon Sensei* no qual estivera trabalhando no meu quarto, estava provavelmente destruído. Corri pelo corredor, abri a porta do quarto e descobri que...

Tudo estava bem.

— Qual o problema? — perguntei a mamãe. Passei os olhos no meu quarto, sem saber ao certo do que ela falava. Claro que, graças

à minha irmãzinha, havia uma trilha roxa, verde e dourada que levava até a minha mesa, onde deixei de pintar Oora, mas meu quarto parecia o mesmo que eu e Duddy havíamos deixado. — Tudo parece certo para mim.

— Certo? Certo? Você chama isso de certo?! Olhe só isto, Todd Galveston! Há pilhas de roupas pelo chão. Há mais embalagens de comida aqui do que no supermercado. E estes não foram os únicos restos que você não se deu ao trabalho de limpar. — Ela se aproximou, enojada de um pedaço de pizza na minha penteadeira. — Quero dizer... foi isto o que encontrei ao abrir a porta do seu quarto para ver onde sua irmã se pintou. Isto não é um quarto... é um *chiqueiro*!

— AI!!!! — gritei. Olhei para o local de onde vinha a dor, para aquela que não era minha mãe. Princesa VanderPuff, o terrível poodle da minha mãe, lançou-se contra mim e enfiara os dentes no meu tornozelo. Era o cumprimento de sempre de VanderPuff, mas a hora não podia ser pior. Tentei tirar os Dentes de Agulha da minha meia enquanto mamãe falava sem parar, remexendo os braços.

— Por isso é que eu chamei você e mandei seus amigos embora. — Ela chutou uma pilha de roupa suja com o tênis. — Quem sabe que tipo de animal você está abrigando? Ratos ou... ou... baratas! A Daisy podia ter sido enterrada viva aqui. Ou comida!

Daisy concordou, se encolhendo toda, depois saiu engatinhando, provavelmente procurando algo para destruir.

— Olhe só o seu carpete, todo coberto de tinta. E... aquilo é a concha do Pinchy? — Ela apontou para minha cama. — O que aconteceu com ele?

Engoli em seco.

— Hum... Ele meio que... encontrou seu destino.

Era o que o vilão do *Dragon Sensei* sempre dizia quando matava alguém.

Mamãe arregalou os olhos.

— O que isso significa? Todd, você o alimentava e lhe dava água, certo? Você lembra que a moça da lojinha disse que você tinha de umedecer as guelras dele de vez em quando?

Fiquei só olhando para ela. Sabia que tinha de mentir para me salvar, mas as palavras não vinham.

Mamãe passou as mãos na cabeça, balançando-a como se estivesse sofrendo um terremoto que só ela podia sentir.

— É que... *Todd!* Não é de admirar que você não tenha se lembrado de cuidar dele. Como você conseguia *encontrá-lo* nesta bagunça? — Ela olhou em volta, os olhos denotando cansaço.

Abri a boca:

— Eu...

Ela suspirou e fechou os olhos.

— Esqueça, Todd. A culpa é minha... por pensar que você seria responsável o bastante para cuidar de outro ser vivo. Claro que você não é responsável o bastante nem para cuidar de um pedaço de pizza.

Ela se aproximou da minha cama e pegou o prato de papel. A pizza foi revirada, revelando uma colônia de mofo azulado.

— *Ugh!* — gritou ela, soltando o prato.

Naquele momento, um barulho estrondoso de algo batendo veio da cozinha.

Mamãe bufou e colocou a mão na cabeça.

— Deixe para lá, Todd. Não vale a pena falar nada para mim. Enquanto isso, preciso limpar o que quer que a Daisy tenha feito, porque a Lucy vem para a aula de piano em cinco minutos. — Ela apontou um dedo para mim e resmungou: — Se você não limpar isto *imediatamente*, não vai à feira na sexta... nem à festa de aniversário do Duddy no fim de semana! Está me entendendo?

— Você não acha que isso é um tanto... improvável? — Eu implorei: — Quero dizer, levei anos para fazer esta bagunça. Você acha que consigo arrumar tudo numa tarde?

*DIIIIN DOOON. DIIIIN DOOOON.*

— PODE ENTRAR, LUCY! — gritou mamãe, abaixando-se e me entregando um saco de lixo que estava amassado no alto de um monte de roupas da última vez que ela me mandou limpar meu quarto. Ela me jogou o saco de lixo e berrou: — LIMPE ISTO... AGORA!

Ela saiu correndo, batendo a porta atrás de si. Suspirei e me aproximei da pilha de roupa suja que eu havia batizado como "Monte de Butroche". O cheiro que emanava era horrível, mas tomei uma golfada de ar pela boca e segurei o fôlego enquanto empurrava as roupas sujas para dentro do saco.

Quando não consegui mais colocar as roupas no saco, sentei-me na pilha e olhei em volta. Estava cercado por escombros e louças sujas, embalagens de doce, roupas e um helicóptero de brinquedo do qual Daisy arrancou o motor, *video games*... e essas eram apenas as primeiras coisas que pude identificar. Havia ainda minha mesa bagunçada, da qual pingava tinta. Onde atacar primeiro?

Finalmente me levantei e decidi ver o que havia sob a cama. Assim que tivesse aquele lugar limpo, poderia colocar mais coisas lá.

Deitei-me de bruços na cama e joguei a cabeça para o lado, espiando no escuro. Havia uma tonelada de coisas empilhadas. Um monte de papel. (Talvez minha lição de casa perdida dos últimos cinco anos?) Um bolinho mordido do primeiro aniversário de Daisy. (Sério, não terminei de comer aquilo?) Minhas travas de beisebol, as meias da sorte que eu havia usado a temporada inteira ainda dentro delas. (Nunca fiz contato com uma bola, exceto quando ela me atingiu, três vezes na cabeça e uma vez no nariz. Mas, se eu não estivesse usando a Esquerdinha e Direitinha da Sorte, vai saber quantas vezes eu teria sido atingido?)

Quando estava prestes a esticar o braço e ver se o bolinho estava podre, *aconteceu*.

A coisa que mudaria minha vida para sempre.

Algo fiascou. Achei que talvez fosse a eletricidade estática do tapete, mas então aquilo aconteceu novamente. Desta vez a faísca foi ainda maior. Seria o reflexo do sol nos meus óculos? Coloquei as mãos nas laterais da cabeça, bloqueando a luz.

*Faísca. Faísca. Faísca.*

Minhas mãos ainda estavam do lado do rosto, impedindo que a luz que passava pela janela entrasse no meu campo de visão. Certamente as faíscas não vinham do sol.

De repente, aconteceu uma terceira vez. *Faísca. Faísca. Faísca.*

Engoli em seco. Eu estava certo, aquilo não vinha do sol.

Vinha da minha meia.





## CAPÍTULO 3



**A porta do meu quarto se** abriu com um estrondo.

— Todd Galveston Butroche!

*Usando o nome do meio três vezes num só dia? Sério?* Mas desta vez isso não amedrontou o meu coração.

Porque não era minha mãe gritando. Era apenas Lucy.

Lucy morava do outro lado da rua e era a melhor aluna de piano de mamãe, que sempre me dizia para ser legal com ela, e seus lembretes ficaram mais intensos depois que mamãe perdeu seu emprego de professora e estava somente dando aulas particulares.

Mas ser legal com Lucy geralmente significava deixá-la falar sem parar sobre o que ela havia aprendido naquele dia. Lucy era inteligente demais para ir à escola conosco, com nossos cérebros limitados, por isso ela era educada em casa, por sua mãe. Eu havia

sido obrigado a “brincar” com ela desde que éramos criancinhas, e com o tempo ela só ficou mais estranha.

Ignorando Lucy, coloquei a mão sob a cama e trouxe a meia para perto, segurando-a diante do rosto. Ouvi um zumbido e a segurei perto do meu ouvido.

— Ooooooh! — cantou um coro de vozinhas agudas.

Certo, naquela hora eu realmente não estava entendendo nada. Puxei a meia para mais perto.

— Oi? — sussurrei. Mas nada aconteceu.

— Com quem você está falando?

*Aaaaaai!* Saltei meio metro e acabei caindo da cama. Durante minha conversinha com a meia, Lucy havia entrado e estava bem perto de mim.

Se Lucy notou que havia me assustado o bastante para me derrubar no chão, ela não mencionou nada.

— Sei que não é o Pinchy. Sua mãe me contou o que aconteceu com Pinchy. Todd, como você *conseguiu?*

Fiquei de quatro.

— Hum, Lucy, estou um pouco ocupado, então...

Lucy levantou a mão e acenou, como se espantasse uma mosca.

— Tudo bem, Todd. Sua mãe me mandou aqui visitá-lo enquanto ela arruma a geladeira. Ela disse que talvez eu pudesse ajudá-lo. O que você está fazendo?

— Ah, você sabe, o de sempre. — Eu me arrastei de volta à cama. A meia estava no tapete e eu senti que ela olhava para mim.

Lucy se ajeitou cuidadosamente na beirada da cama, olhando para a bagunça com uma expressão séria.

— Sabe, Todd, é uma boa ideia trocar o lençol de vez em quando.  
— Ela bateu no colchão. — Porque você solta 40 mil células mortas



de pele por hora, o que dá aproximadamente 2.240.000 células mortas em sua cama por semana, dependendo de quanto tempo você dorme e se tira ou não sonecas.

Ela se levantou e passou o dedo pela estante sobre a minha mesa onde estavam os bonecos do *Dragon Sensei*, depois ficou olhando para a camada grossa de poeira na ponta do seu dedo.

— Você sabia que a maior parte da poeira na sua casa é composta por células humanas mortas que alimentam trilhões de animais microscópicos? Você solta cerca de quatro quilos de pele morta por ano. Legal, né?

— Claro. — Eu tinha de tomar cuidado para não parecer interessado demais, senão ela se estenderia por horas. Da última vez que Lucy e eu “brincamos”, ela passou meia hora falando sobre *consubstância* humana espontânea ou coisa parecida e que fardos de feno pegam fogo sozinhos.

Foi quando me ocorreu. *Talvez você não queira que Lucy vá embora; talvez você queira a ajuda dela!* E fiquei de pé.

— Então você se lembra do outro dia, quando estava me falando sobre *consubstância* espontânea?

— Você quer dizer *combustão*? ã-hã. Não é legal pensar que pessoas podem pegar fogo do nada, por alguma reação química interna, sem fonte de calor externa? É um dos grandes mistérios da natureza, e a maioria dos cientistas tem dúvida de que isso aconteça mesmo. — Ela se aproximou demais do meu rosto e sussurrou. — Mas eu *acredito*. E você?

Dei um passo para trás.

— Hum, não tenho certeza, mas você acha que pode acontecer com roupas?

— Como assim? Em alguns casos, a pessoa fica toda queimada, mas as roupas permanecem intactas. — Ela se aproximou do meu rosto novamente. — Não é fascinante?

— Ah, sim. — Fui até a porta e a fechei. — Preciso lhe mostrar uma coisa — eu disse. Não acreditava que estava fazendo isso, mas eu tinha de saber. — Você já ouviu falar de combustão espontânea de *meias*?

Lucy mordeu o lábio e fez uma careta.

— Não, mas lembra do que eu disse sobre fardos de feno pegando fogo por causa da relação entre o feno seco e o feno úmido?

Não me lembrava dos detalhes, mas fiz que sim com a cabeça.

— O que realmente acontece é que o feno úmido armazenado começa a suar, o que gera calor quando a transpiração da planta se junta à atividade de bactérias e mofo. Há várias outras coisas envolvidas, mas basicamente, se o calor for capaz de escapar e entrar em contato com feno seco... *bum!* — Ela fez um som de explosão, cuspiendo. Perdigotos me atingiram no rosto e eu me limpei.

*Feno suado... meia suada...*

— Por que você está perguntando? — Seus olhos escuros se arregalaram. — O que o fez se interessar assim por ciências?

Era agora ou nunca. Peguei a meia do chão, mostrando-a para Lucy. Ela podia achar que eu era completamente maluco, mas não ia me entregar para ninguém na escola.

— Acho que alguma coisa está entrando em combustão na minha meia.





## CAPÍTULO 4



**Lucy pegou ansiosamente** a meia e lambeu os lábios.

— Por quê? Ela ainda está pegando fogo?

— Hum, não exatamente.

Foi quando mamãe enfiou a cabeça pela soleira da porta.

— Como estão as coisas aqui? Mais limpas?

Lucy exibiu um impressionante sorriso encantador de pais.

— Estamos chegando lá, sra. B. Bolando um plano de limpeza. Ei, como estão as coisas na cozinha? Todos os aparelhos estão voltados para o mesmo lado?

A mamãe revirou os olhos.

— Por enquanto, sim, Lucy. Mas ainda preciso limpar alguns lugares. Você se importa de fazer sua aula outra hora?

Lucy fez que sim.

— Sem problemas, sra. B. Estaremos bem ocupados por aqui.

Mamãe sorriu, parecendo aliviada.

— Bom ouvir isso. — Ela desapareceu e voltou segundos mais tarde, nos entregando um pacote de biscoitos recheados. — Você gostaria de um lanchinho? Lucy, estes são os biscoitos preferidos do Todd.

Enquanto eu pegava o pacote, Lucy olhou para os biscoitos como uma hiena faminta. Ela colocou um deles na boca e revirou os olhos.

— Hummm, uma combinação deliciosa de xarope de milho, óleo de canola e chocolate. Obrigada, sra. B — disse ela, com os dentes pretos. — Só não conte a Susan que eu comi isto.

Lucy sempre chamava a mãe pelo primeiro nome. Eu não sabia por quê.

Mamãe arqueou as sobrancelhas.

— Você quer um pouco de leite?

Lucy fez que sim, depois ergueu a mão e engoliu.

— Espere. O leite é de soja, amêndoa, cabra ou vaca?

— Vaca. Com dois por cento de gordura.

— Não posso, sra. B., sou totalmente intolerante à lactose, principalmente se misturar leite com açúcar. É melhor H<sub>2</sub>O, sabe?

Não resisti:

— O que acontece se você beber leite de vaca?

— Cólicas que levam a uma evacuação intestinal total, gases fedidos, fezes flutuantes e...

Mamãe tinha ouvido o bastante.

— Vou lhe trazer um pouco de água.

Ela saiu e eu apontei novamente para a meia.

— E então? Você pode me ajudar com isso?

Lucy levou a meia ao nariz, cheirou-a e a afastou.

— Este é definitivamente o pior cheiro que eu já senti. — Ela fechou os olhos e lambeu os lábios, como se degustasse alguma coisa. — Uma mistura nojenta e fedida de cogumelo, mofo e umidade gerada por sua pele morta misturada com água. — Lucy pegou minha mão e me cumprimentou. — Parabéns! Ela está tão suja que aposto que você poderia cultivar uma planta nela.

Mamãe trouxe a água e foi embora.

Peguei a meia com o maior cuidado possível.

— Acho que *tem* alguma coisa crescendo dentro dela.

Lucy apertou o nariz com uma das mãos e segurou a meia com a ponta dos dedos da outra.

— Fungos, provavelmente. *Tinea pedis*. Comumente chamados de “pé de atleta”. Isso é extremamente contagioso. Você não tem luvas, tem? De nitrilo e sem talco, de preferência.

Olhei em volta.

— Ah... Tenho uma luva de beisebol.

— Melhor que nada. — Lucy pôs a meia na luva e aproximou o rosto dela. — Hummm. Hummm. — Ela deixou a meia e a luva sobre a penteadeira e segurou minha perna. — Agora preciso examinar a sola dos seus pés e entre os seus dedos.

Eu me livrei dela.

— Desculpe. Os pés estão fora de questão. — Ninguém iria segurar meus dedos além de mim mesmo, e de qualquer modo isso parecia algo maior do que um caso de pé de atleta.

Pigarreei e disse:

— Acho que vi faíscas saindo dela.

— Faíscas? Como uma descarga eletrostática? — Ela fez uma careta e se aproximou do meu rosto.

Eu me afastei dela e foi então que a meia soltou uma faísca.

— Olhe lá! — gritei. — Aconteceu de novo!

Lucy pegou a meia e a examinou.

— Estranho. Roupas não costumam emitir descargas eletrostáticas a não ser que estejam sendo vestidas por pessoas. Minha teoria é que essa meia tem uma sobrecarga de elétrons e precisa liberar a carga negativa sobre outro objeto.

— Acha que é só isso? — Pensei em lhe dizer sobre as vozes que ouvi na meia, mas achei que seria exagero.

— ã-hã. — Lucy pegou sua partitura. — Sua meia provavelmente é vítima de um desequilíbrio entre prótons e elétrons. Mas, pelo fedor, acho que também há fungos envolvidos. Deixe-me ir para casa e pegar meu microscópio. Não consigo ver nada a olho nu.

Achei que Lucy iria sozinha, mas ela acenou para mim a caminho da porta, deixando minha meia na mesa.

— Você vem?

Arqueei as sobrancelhas.

— Você acha mesmo que minha mãe vai me deixar sair deste quarto?

Lucy riu.

— Deixe comigo.

Ao passarmos pela cozinha, mamãe tinha a cabeça enfiada na geladeira enquanto Daisy estava sentada no chão, inalando pedaços de queijo, um a um. Lucy disse que ia pegar alguma coisa “essencial para nosso plano de limpeza”. Mamãe resmungou algo que soou como “tudo bem”. Saímos antes que ela pudesse mudar de ideia.

— Você sabia que o Oreo contém vanilina, um flavorizante artificial derivado do petróleo? — Lucy me perguntou enquanto

caminhávamos.

— O quê?

— ã-hã. Isso pode limitar a enzima dopamina no fígado em até cinquenta por cento.

— Se é tão ruim assim, por que você comeu um?

— Porque sinto muita falta de comer porcaria. Além disso, o gás acumulado no meu trato gastrointestinal por causa do açúcar vai impulsionar o chocolate pelo meu cólon como um foguete. Então, a qualquer instante eu vou subir até a estratosfera. — Lucy assobiou e riu de sua piada sem graça.

Eu fingi rir e segui Lucy até a porta da frente.

A casa dos Pedotos se parecia com a nossa do lado de fora, exceto pelo fato de que, onde tínhamos belos arbustos, eles tinham grama e ervas daninhas com flores espalhadas por todos os lugares. O lado de dentro também era confuso. Havia vasos de plantas por toda parte, e os móveis com estampas animais e as imagens da natureza faziam com que você se sentisse num safári.

Quando entramos, a sra. Pedoto estava esticada sobre uma enorme bola rosa fazendo algo que Lucy chamava de "Pilates". Uma música oriental animada tocava no aparelho de som. Ela tirou o rabo de cavalo vermelho dos olhos, se levantou e correu para a cozinha.

— Oi, Todd — disse a sra. Pedoto, enxotando um gato que dormia sobre a bancada. — Aqui não, Fluffy.

"Fluffy" era um mutante tirado de *Guerra das Estrelas*. Ele tinha orelhas enormes, olhos verdes arregalados e uma pele enrugada preta e branca. O monstrengo me viu, arqueou o corpo e rosnou, depois pulou no chão e ficou lambendo a barriga sem pelos.

— Como tem passado o verão, Todd? — perguntou a sra. Pedoto ao vasculhar a geladeira. — Acho que você já deve ter voltado à escola. Lucy e eu começaremos com nossas aulas na semana que vem, apesar de nunca deixarmos de aprender. — Ela se virou e abriu

os braços. — A *vida* é nossa sala de aula. O que você aprendeu hoje?

Fui salvo de responder por Lucy.

— Na verdade, Susan, é por isso que estamos aqui. Todd precisa de ajuda com uma experiência científica.

A sra. Pedoto riu.

— Ah, que lindo. Vou preparar para vocês meu milk-shake especial de morango orgânico e leite de soja para lhes dar energia enquanto vocês trabalham. — Ela tirou o gato da bancada novamente e colocou um prato de coisas marrons diante de nós. — Experimente estes biscoitos crus de quinoa e alfarroba. Sou alérgica a aveia e chocolate, sabe? Mas estes biscoitos são saudáveis e não contêm glúten.

Eles também não tinham sabor nenhum. Mas o milk-shake compensou.

— Parece o milk-shake do McDonald's — eu disse.

Lucy riu e o sorriso da sra. Pedoto desapareceu por um instante, reaparecendo em seguida. Ela puxou um banquinho para perto de mim.

— Que matérias você está fazendo este ano, Todd? E como está a querida Daisy? Ela já ganhou seus molares de um ano? Diga à sua mãe que as pastilhas de ervas do Health Hub são as melhores para a coceira dos dentinhos.

— Temos de voltar ao trabalho — anunciou Lucy ao descer do banquinho e sair pelo corredor. — Na verdade viemos pegar meu microscópio. Todd está fazendo uma experiência no seu quarto.

Corri atrás dela antes que a sra. Pedoto pudesse me convidar a comer com eles. Eu gostava da minha comida cozida e sem gatos.

O quarto de Lucy era basicamente um laboratório com uma cama. Havia cartazes de ciências pelas paredes, um conjunto de química com vidrinhos e queimadores num canto e uma maquete do sistema



solar pendendo do teto. Até mesmo a penteadeira dela estava cheia de aquários com plantas e criaturas estranhas. Ela tinha uma Vênus papa-mosca, um “camarão-dinossauro”, uns dois lagartos verdes e girinos que ela disse que haviam criado pernas. As lâmpadas ultravioleta sobre os aquários conferiam ao quarto um bizarro brilho azulado.

— Isso é uma tarântula?

— ã-hã — disse ela. — É a Gerty. Ganhei no meu aniversário. Ela foi batizada em homenagem a Gerty Cori, que ganhou o Prêmio Nobel em 1947 por seu trabalho com glucose. — Lucy pegou o microscópio e se virou para mim.

— Vamos.

Atravessamos a rua e estávamos de volta ao meu quarto antes que Susan pudesse tirar os olhos do liquidificador. Lucy pôs o microscópio na minha mesa e colocou a meia sob as lentes.

— Aqui está. Dê uma olhada.

Eu não queria admitir que não sabia usar o aparelho.

— Você primeiro. O microscópio é seu.

— A meia é sua! — Lucy cruzou os braços e fez uma careta para mim. Eu provavelmente me parecia tão tolo quanto me sentia, porque ela disse: — Não se preocupe, vou ensinar você.

Eu me aproximei, fechei um dos olhos, como ela me pediu, e olhei pelo tubo com o outro olho.

— Está tudo embaçado.

— Você tem de tirar seus óculos.

Tirei e olhei de novo.

— O que você vê?

— Nada além de uma coisa borrada.

Ela girou um botão do lado do microscópio até que eu pudesse ver uns pontinhos vindo para a frente e para trás entre pontos maiores que não se moviam.

— Há alguma coisa viva ali, mas não sei dizer o quê.

— Foco — murmurou ela, girando o botão ao lado do microscópio.  
— E agora?

Os pontos se transformaram em riscos. Os riscos se moveram entre círculos escuros, se misturaram e se separaram novamente. Mexi no botão até que a minha meia entrasse em foco.

*Não.* Não podia ser.

— Nossinhora! — Eu me endireitei, esfreguei os olhos e olhei novamente.

— O que é?

— Ah... — De repente senti tontura e minhas pernas tremeram. O milk-shake de soja da sra. Pedoto tinha alguma erva que provocava alucinações? Porque era incrível o que eu estava vendo.

Eu estimava que houvesse ali uns cinquenta deles, do tamanho de formigas. Mas não pareciam formigas. Pareciam... pessoas. Pessoas de pele clara. Algumas eram menores e andavam como a Daisy, e outras estavam curvadas e tinham enormes barbas brancas. A maioria tinha cabelos castanhos e parecia ter a minha idade. Usavam togas brancas.

— Uau.

Lucy respirava no meu pescoço.

— Todd, o que é? Deixe-me ver. Como você mesmo disse, é o *meu* microscópio.

— Espere um pouco, sim? A meia é *minha*!

O que quer que fossem, as criaturas estavam ocupadas entrando e saindo de construções marrons que pareciam cabanas de sujeira. Eu não sabia o que era a coisa amarelada que carregavam, mas eles

prenderam aquilo na ponta de gravetos e os jogaram sobre uma minúscula fogueira.

— Era isso o que estava soltando faíscas! — sussurrei. — Uau. Lucy me tirou do caminho.

— Não aguento mais! O que você? ...

Ela olhou no microscópio e disse algo que deveria ter chocado minha mãe.

— Não posso... não é... como eles?...

Era a primeira vez que eu via Lucy ficar sem palavras. E se ela os via também eu não estava louco, pelo menos não menos louco do que ela. A não ser que estivéssemos os dois tendo alucinações.

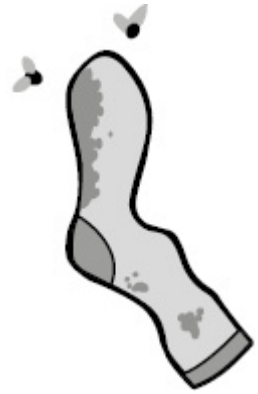
— O que você acha que eles são? — perguntei.

— Não o quê, Todd. *Quem*. — Lucy não tirou os olhos do microscópio. Ela começou a falar bem rápido. — Bem, é óbvio que há toda uma civilização vivendo na sua meia suada. Alguns devem ser fêmeas, porque os pequeninhos parecem bebês. Sim, aquele ali tem um rabo de cavalo! Não sei como eles se reproduzem ou se regeneram. Talvez seja espontâneo, como você pensava. E eles são avançados o bastante para construir cabanas e cozinhar; é isso o que eles estão fazendo ao redor da fogueira, mas não dá para ver o que eles estão preparando para comer. Provavelmente alguma forma de bactéria. — Lucy mexeu no botão de foco um pouco. — Não. Não, espere. Aquilo parece... pedacinhos de unha do pé. Eles estão tirando uma porção de uma unha grande e assando como marshmallow! — Ela tremeu e aproximou ainda mais a imagem, depois finalmente se endireitou e respirou fundo.

— Lucy?


Ela se virou lentamente, os olhos vidrados.

— Inacreditável — disse. Depois bateu na minha mão com tanta força que eu achei que meu braço se quebraria. — Você percebe o que fez, Todd Butroche? Você criou vida com pura sujeira!





## CAPÍTULO 5



**Na manhã seguinte,** me sentei na aula de Ciências como um zumbi. O sr. Katcher citava “fatos científicos legais” e falava sobre seus planos para nossos projetos, mas eu não conseguia prestar atenção em nada. Só conseguia pensar na pequena civilização que vivia na minha meia. A civilização pela qual Lucy parecia pensar que éramos responsáveis.

No dia anterior, ela falava tão rápido que eu não sabia como ela conseguia respirar.

— Estas criaturas são INCRÍVEIS! Estamos prestes a fazer história! Você sabe disso, não?

Eu estava prestes a fazer alguma coisa, claro.

— Acho que é melhor você ir embora — eu disse, me livrando dela. — Tenho coisas a fazer.

Lucy piscou na minha direção um bilhão de vezes.

— Coisas? Você tem *coisas* a fazer? E quanto ao seu povo?

— *Meu* povo?

— Sim! Deixe-me simplificar as coisas para você. Como somos responsáveis por tirar estes indivíduos do ambiente seguro debaixo da sua cama, somos responsáveis por garantir que eles continuem vivos e em segurança, certo?

Ela era ainda mais louca do que eu imaginava.

— Ah, tive um funeral há alguns minutos por causa de um caranguejo do qual eu me esqueci completamente. *Um* caranguejo. Como você espera que eu mantenha toda uma cidade de pessoas minúsculas viva?

Lucy jogou-se ao meu lado na cama.

— Vou ajudá-lo! Podemos ensiná-los a ler e escrever. Pense em como eles podem evoluir em matemática e ciências... Eles são obviamente muito inteligentes. Podemos treiná-los para serem pacíficos e tolerantes. Uma civilização que não conheça a guerra. Sem a opressão de tiranos! Sem escravidão! — Ela se empolgou tanto que quase me bateu no rosto ao abrir os braços e depois segurar a cabeça. — Nada de secas, pragas ou fome!

Eu estava oficialmente apavorado. Tentei lhe contar sobre todas as coisas com as quais tinha de lidar: o fato de o meu novo skate não andar sozinho; além disso, Duddy e eu precisávamos planejar uma estratégia para remover Ernie Buchenwald de nossas vidas para sempre. Mas nada que eu dissesse a convenceria. Finalmente eu a expulsei do quarto, dizendo que precisava de tempo “para pensar”.

Agora Duddy ria para mim e mostrava a enorme meleca que tirara do nariz. Apesar de distraído, não pude deixar de rir. Escrevi um 7 no canto do meu caderno do *Dragon Sensei* e o ergui para que ele visse.

Eu dava notas para as melecas de Duddy havia muito tempo. Para que ele conseguisse um 10 perfeito, tinha de haver sangue e muito ranho junto. Duddy riu novamente.

*Se ele gostava daquilo, o que ele diria quando eu lhe contasse sobre as pessoas minúsculas na minha meia?*

Olhei para a frente. O sr. Katcher dizia:

— Sei que estamos no começo do semestre, mas gostaria de extrair a criatividade de vocês e ver do que meus pupilos são feitos! Vocês não só farão projetos de ciências individuais como participarão do projeto *da classe*. Agora prestem atenção, meus futuros Einsteins, porque tenho alguém especial aqui cuja vida dependerá de vocês!

Ele desapareceu no seu laboratório secreto e voltou com um lagartinho pendurado ao lado de seus óculos.

— Este — disse ele, soltando o lagarto da cordinha dos seus óculos e o segurando no ar — é Camo, nosso camaleão. *Chamaeleo calyptratus*. Seu trabalho este ano é cuidar desta incrível criatura e sustentá-la. Na verdade, vocês se revezarão cuidando do Camo em suas próprias casas!

A turma toda gritou, empolgada.

— Cara — disse uma voz do outro lado da sala. — Essa coisa parece um alienígena! Veja só os olhos dele!

Eu me virei para ver quem falava. Max Loving. Um metro e sessenta e dois e cerca de 68 quilos de pura maldade. Ele era mau até mesmo com um *camaleão*. As meninas todas suspiravam e davam risadinhas como se Max tivesse dito a coisa mais engraçada de todos os tempos. Enquanto isso, meus colegas de classe homens cochichavam nervosamente, com medo de atizar o leão.

A interrupção de Max me fez pensar naquelas pequenas pessoas na minha meia em casa. Elas não tinham uma aparência esquisita; eram até bonitas, na verdade.

Mas o que eu deveria fazer com elas? Treiná-las para fazer minha lição de casa ou algo parecido? Ensinar programação de computadores para elas? Eu nem sequer sabia como fazer com que

aquele estúpido antivírus no meu computador parasse de me pedir para atualizá-lo.

*Talvez eu devesse dá-las para Lucy.*  Ela cuidaria bem delas. Quero dizer, ela provavelmente lhes ensinaria cálculo e as faria estudar para o vestibular do povinho em poucos dias, e era isso o que todos... hum... pais queriam, não?

Mas algo me incomodava na ideia de me livrar daquelas pessoas, e eu não conseguia saber o quê. Ontem, quando olhei brevemente para as criaturas pelo microscópio, podia jurar que uma delas olhou para mim e me apontou com seu dedinho. Por um instante, imaginei que nossos olhares tivessem se cruzado. Era como se ela... como se ela estivesse feliz por me ver, ou coisa parecida.

*Eu.*  Todd Butroche. Estudante mediano, em geral burro e com maus hábitos sanitários.

Eu tinha de estar imaginando coisas, certo?

Foi quando levantei os olhos e quase fiz xixi na calça. O sr. Katcher estava ao meu lado e não parecia feliz. Até mesmo seu estranho bigode parecia apontar para o chão, numa careta.

— Eu lhe fiz uma pergunta, senhor... — Katcher procurou meu nome em sua prancheta.

— Butroche — eu disse.

— Ah, sr. Butroche. — Ele se abaixou, inundando-me com um hálito fétido de café. — Você poderia compartilhar sua opinião sobre o fenômeno que estávamos discutindo?

*Oh, não.*

— Sobre camaleões precisarem de toneladas de vermes?

A turma riu. Foi quando percebi que Camo tinha sido afastado. O sr. Katcher havia deixado de falar sobre camaleões.

— Negativo. — Ele suspirou e se endireitou. — Existe um fenômeno como a combustão humana espontânea? Se você



estivesse prestando atenção aos meus fatos científicos legais, não teria dificuldade para esclarecer o assunto para a turma.

Caramba. Eu na verdade sabia do que ele estava falando.

— Você quer dizer quando as pessoas pegam fogo por causa de uma reação química no interior, sem fonte externa de calor?

Suas sobrancelhas se arquearam e as pontas do bigode quase tocaram as orelhas.

— Sim! Era exatamente o que eu dizia. Agora, qual sua opinião sobre o fenômeno?

— Ah, eu acredito. — Eu me endireitei na cadeira e continuei: — Quero dizer, se pode acontecer com fardos mofados de feno quando eles superaquecem, por que não aconteceria com pessoas? Muitos cientistas não aceitam que a combustão seja um fato, mas *eu*, sim.

Acho que o sr. Katcher era um crédulo também, porque ele me deu um tapinha nas costas e disse:

— Muito bem, sr. Butroche. Você tem uma das qualidades mais importantes num cientista: a capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Mas espero que participe das discussões da turma no futuro. Entendido?

Fiz que sim, aliviado. Eu não conseguia acreditar que Lucy tinha acabado de salvar minha pele.

O sr. Katcher voltou à frente da sala e agora se apoiava na mesa.

— Vamos voltar aos nossos projetos de ciências. Vocês terão até sexta-feira para trabalhar neles. Como expliquei, o vencedor participará da competição regional de ciências na Feira de Topsfield no fim de semana, ganhando *duas pulseiras de passeios grátis*.

A turma toda gritou. A Feira de Topsfield é praticamente a coisa mais legal da região de Boston. Eles têm um brinquedo chamado Slingshot que faz com que todos vomitem.

O sr. Katcher voltou à sua mesa.

— Gostaria de reservar alguns minutos para descobrir quem vai fazer dupla com quem. Então vou passar pelas fileiras e vocês podem me dizer com quem querem trabalhar. *Capisce?*

Ele pegou um caderno na sua mesa enquanto Duddy me cutucava com força no ombro. Eu me virei.

— Você e eu. Terrário. Fechou?

Fiz que sim. Duddy fazia um terrário para todo projeto de ciências desde o jardim de infância. Era uma aposta certa. Além disso, ele fazia todo o trabalho, o que se adequava à minha agenda perfeitamente.

Foi então que ouvi meu nome.

O mais bizarro é que ele vinha da boca de Max Loving.

O sr. Katcher o espiou por sobre o caderno.

— O que foi, sr. Loving?

Max pigarreou e olhou diretamente para mim.

— Eu *disse* que vou trabalhar com Todd Butroche.

*Cooooooooooooo*? Será que entrei em outra dimensão? Lucy tinha muito a dizer a respeito disso, mas eu entendia menos sobre outras dimensões do que sobre fardos de feno.

O sr. Katcher lançou um olhar de surpresa na minha direção, mas concordou com um gesto de cabeça e escreveu o que eu presumia ser meu nome em seu caderno.

— Excelente. E no que vocês trabalharão?

— Uma catapulta — respondeu Max. Ele estava me encarando agora, seus olhos escuros me atravessando sob suas sobrancelhas peludas, e isso me deixava com vontade de fazer xixi. — Vamos construir uma que seja grande o bastante para lançar uma melancia. *Blammo!* — Max imitou o barulho de uma enorme melancia arrebentando a janela, e se dissolveu numa risada maligna.

Outras crianças riram também, mas dava para ver que elas estavam com medo. “Melhor Todd Butroche do que eu”, todas pensavam. Olhei para Duddy, que fez sinal para eu me manifestar.

Balancei a cabeça e dei de ombros. Max Loving havia me pegado. Não havia nada que eu pudesse fazer.

O sr. Katcher seguiu pela fileira, e Max olhou diretamente para mim e piscou. Engoli em seco, procurando no meu cérebro uma forma de atrair a atenção dele. *Nada*. O que era aquilo?

Voltei os olhos para minha mesa e fiquei olhando para a superfície gasta, tentando desaparecer.

Quase consegui — pelo menos mentalmente — quando o sr. Katcher anunciou:

— Isso significa que todos têm um par, exceto... Ernie Buchenwald e Duddy Scanlon.

Levantei os olhos, vasculhando toda a sala, e entrei em pânico. *Não*. Sério. Será que Duddy e eu havíamos irritado alguma espécie de deus dos valentões?

— Vou fazer meu projeto sozinho — disse Duddy em voz alta ao mesmo tempo em que Ernie disse:

— Fiiiiim! Duddy Fanlon fai fafer meu projeto de fiênfia! Quero difer...

O sr. Katcher levantou os olhos, distraído.

— O quê? Então vocês querem trabalhar juntos? Ótimo. — Ele fez uma última anotação no seu caderno e o fechou. — Mal posso esperar para ver o que vocês vão inventar.

Eu me virei e olhei para Duddy com olhos arregalados. Ele estava mais pálido que o normal.

Era difícil imaginar como o dia podia piorar.

Até que...

O sr. Katcher deixou o seu caderno na mesa, pegou uma caixinha com uma alça e a colocou sobre o tanque de Camo.

— Todd Butroche! — gritou ele.

— Aqui! — gritei de volta, assustado.

Óculos por todos os lados. O sr. Katcher se virou para mim com um enorme sorriso.

— Como recompensa por sua resposta inteligente sobre a combustão humana espontânea, Todd, você vai ser o primeiro a cuidar do Camo por uma semana.

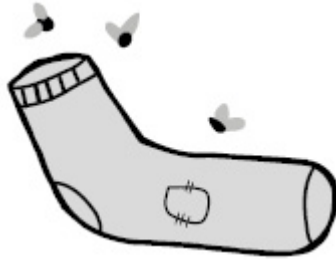
— Ooooh — fez a turma. Eu teria gemido também, se me restasse qualquer emoção. A última coisa de que eu precisava era ficar preso cuidando de um lagarto que exigia muita manutenção. Olhei para trás e vi a reação de Max. Ele me surpreendeu com um meneio de cabeça. *O que estava acontecendo?*

— Todos terão a sua vez, mas Todd é o primeiro. — O sr. Katcher tirou Camo da sua jaula e cuidadosamente o colocou na caixinha. — Aqui está. Também vou incluir instruções que devem ser seguidas à risca. — Ele me deu um tapinha nas costas. — Excelente trabalho, Todd. Tenho certeza de que ele estará em boas mãos.

Eu tinha certeza de que ele *não estaria em boas mãos*. Queria dizer ao sr. Katcher que Camo não duraria um dia entre VanderPuff e a Dra. Baba, mas ele passou a mencionar outro fato científico legal.

Olhei para Camo dentro da caixinha e ele olhou de volta para mim, claramente sem se impressionar.

Se nem mesmo um lagarto queria ficar comigo, então por que Max Loving queria?





## CAPÍTULO 6



**Eu achava que as coisas tinham** chegado ao fundo do poço na aula de Ciências naquele dia. Mas havia outro momento de decepção me aguardando em casa.

Mamãe me encontrou na porta.

— Oi, querido! A Lucy veio aqui há algumas horas e eu a deixei entrar no seu quarto, já que vocês são tão amigos agora.

— Mamãe! — gritei. Ernie abordara Duddy para “falar fobre fiênfia” logo depois que o sino tocou, então não tive oportunidade de lhe contar sobre as pessoinhas. E agora Lucy estava aqui? Será que eu não teria trégua?

— O que é *isso*? — perguntou mamãe, apontando para a caixa com Camo. Foi o bastante para VanderPuff começar a latir e uivar como louca. A Dra. Baba e seu cobertorzinho vinham logo atrás. Ela bateu palmas e gritou e fez aquela dancinha que sempre faz quando

está a fim de causar destruição. Segurei a caixa o mais alto que pude, pairando sobre o monstro e o bebê, e corri para meu quarto.

— Lembre-se — mamãe disse atrás de mim —, vou dar uma aula de piano daqui a meia hora e você precisa cuidar da Daisy!

Corri para o quarto, fechei a porta atrás de mim e coloquei a caixa com Camo no chão.

— Olhe, Lucy, foi um dia difícil e eu tenho de relaxar, se você não se importa...

Acho que Lucy não ouviu nada do que eu disse. Ela estava inclinada sobre minha mesa com a meia aberta, conversando com ela.

— O-oi, como... nós... podemos... ajudá-los?

Bati no ombro dela.

— Ei!

Lucy deu um salto e se virou.

— Ah! Não o ouvi chegar! — Ela se aproximou do meu rosto. — Bem, o que você acha?

Ela usava óculos de sol de plástico vermelho com enormes lentes grossas presas com fita adesiva.

— Fiz estes micro-óculos esta manhã para que pudéssemos ver as peçonhas sem ter de colocá-las sob o microscópio o tempo todo. Legal, né?

— Chique. — O sr. Katcher teria adorado o acessório novo dela. Por que parecia que de repente eu estava vivendo num filme ruim de ficção científica? — Olhe, você precisa mesmo ir embora...

— Eu sabia que você não se importaria se eu entrasse no seu quarto, já que você queria ajuda para cuidar da sua civilização. Eu fiquei aqui a tarde toda.

— Legal. — Joguei meus livros na cama, já que a mesa estava sendo usada por Lucy e os humanoides. — Você não tem de

estudar?

— Disse a Susan que estava trabalhando num projeto independente.

— Na minha casa?

— ã-hã. Ela acha que tem a ver com piano. Eu não a corriji. — Lucy me entregou os óculos e pegou uma pranchetinha branca da minha mesa. Ela estava cheia de diagramas e números. — Aprendi tanto sobre eles hoje. — Ela apontou para um bonequinho de palito erguendo um carro. — Por exemplo, apesar de serem do tamanho de formigas, eles têm uma agilidade e força incríveis.

Fiquei olhando para a ilustração.

— E eles têm carros?

Ela revirou os olhos.

— É só uma ilustração! Claro que eles não têm carros... ainda. Mas conseguem erguer coisas com quase cinquenta vezes o peso deles.

— Você os pesou?

— Você está ignorando o ponto principal, Todd.

— Qual é?

— Eles trabalham e cooperam como formigas. Eles vivem juntos em harmonia e conseguem realizar qualquer coisa por meio de um incrível senso de união.

— Certo. Bem, isso tudo é muito interessante, mas preciso ficar sozinho no meu quarto agora. Então, que tal levar a meia para a sua casa, para que você possa pesquisá-la com todos os seus equipamentos?

— Mas você precisa saber disso. Eles são seu povo. Os toddlianos.

— *Toddlianos?* — resmunguei.



— Isso mesmo. Aqueles que pertencem a Todd... um toddliano; plural “toddlianos”. — Ela se espreguiçou na minha cama, claramente ficando mais à vontade. — Sente-se e eu explicarei como eles se comunicam.

Fiquei no meio do quarto, de braços cruzados.

— Não tenho certeza se...

Lucy me interrompeu.

— Os toddlianos falam do mesmo jeito que a gente, mas em alta frequência. Você precisa ouvir.

— Ótimo, mas...

— Está vendo esta equação? — perguntou ela, me ignorando e apontando para alguns números e um relógio na sua prancheta. — Enquanto eu os observava hoje, aconteceu uma coisa fascinante! Eles envelheceram bem diante dos meus olhos! Um dia nosso é igual a anos na Toddlândia!

— Todd... lândia? — *Meu Deus.*

Lucy deu uma risadinha e apontou para minha meia como se a anunciasse no canal de vendas.

— Foi assim que batizei o império deles. De qualquer modo, eles já aprenderam a fundir ferro para fazer ferramentas, então minha hipótese é que estejam evoluindo a uma velocidade incrível. A essa velocidade, um toddliano nascido pela manhã pode estar lendo Shakespeare ao meio-dia, com a nossa ajuda!

— Shakespeare? — Ela era louca. — Isso é útil. Assim, quando eu me esquecer de alimentá-los, eles podem dizer: “Faminto ou não faminto, eis a questão?”

Lucy me entregou os óculos.

— Por favor. Como se eu fosse permitir que eles passassem fome. Coloque isto e observe seu povo em atividade!

Olhei para os óculos na minha mão e tornei a olhar para Lucy.

— Isto? Mesmo?

— Sim! — gritou ela. — Agora, vamos lá. Divirta-se com seus súditos!

— Certo — respondi. Se aquela era a única forma de acalmar Lucy, acho que eu não tinha alternativa. Tirei meus óculos comuns e pus os dela, meu abdômen formigando enquanto me inclinava para ver melhor.

*Certo, então talvez eu estivesse um pouco curioso.*

As lentes especiais faziam tudo parecer grande e nebuloso até que eu enfocasse na meia.

— Espere... isso é uma montanha?

— ã-hã. Provavelmente consiste em células mortas e poeira da última vez que você usou sua meia. É uma meia de beisebol, certo?

— Sim.

— Então é poeira do seu último jogo. Olhe no alto do monte Bambino.

Eu me levantei e a encarei por sobre os óculos.

— Bambino? De bebê?

Lucy fez que sim.

— O Sultão da Rebatida. George Herman Ruth Jr., Red Sox, 1914 a 1920. Setecentos e quatorze *home runs*. O meu pai é obcecado por beisebol, e eu achei que era adequado batizar este monte de acordo com a natureza da meia onde ele se encontra. — Ela me empurrou de volta para a meia. — Tente encontrar Lewis.

— Lewis?

— Sabe, como o Lewis da expedição Lewis e Clark? Os exploradores que...

Antes que ela tivesse tempo de me dar uma aula de história norte-americana, eu a interrompi:

— Por que não Clark?

Lucy me lançou aquele olhar de “como você consegue ser tão burro?”.

— Porque é evidente que ele não *se parece* com Clark.

— Tem certeza de que *ele* não é *ela*? Talvez você deva lhe dar o nome de Pocahontas. — Eu não era tão burro quanto ela pensava.

— É Sacagawea, e algumas meninas têm cabelos compridos e rabinhos de cavalo. — Dava para notar pelo sarcasmo na voz dela que ela queria acrescentar “seu burro”, então me abaixei e encontrei o monte Bambino novamente. No alto estava um humanoide. Quando o vi, fiquei paralisado; era o mesmo homenzinho que apontara para mim no dia anterior. Ele tinha orelhas enormes que despontavam do seu cabelo castanho. Seus olhos eram enormes, castanhos e redondos, assim como seus... *óculos*?

Ele parecia estar olhando para mim, o que me deu um arrepio.

— Uau — foi tudo o que eu consegui dizer.

Lucy se aproximou da meia também.

— Todd, conheça Lewis. Lewis, este é Todd.

Foi quando notei outros dois toddlianos protegendo Lewis no monte Bambino. Um deles era uma menina com rabinho de cavalo, de pé com os braços cruzados. O outro era um cara baixinho com olhos grandes e escuros.

— Quem são os outros? — perguntei.

Lucy tirou os óculos do meu rosto e os estudou.

— Ah, parece que são amigos de Lewis. Eu os chamo de Perséfone e Herman.

Eu não pretendia perguntar sobre a origem dos nomes. Antes que eu pudesse falar, de qualquer modo, os três ergueram as mãos para mim e depois lentamente se curvaram.

— Lucy? Acho que eles estão fazendo reverência para mim.

— Deixe-me ver! — Lucy tirou os óculos da minha cabeça e os colocou. — Estranho. Eles não fizeram isso *comigo*.

— Cuidado com as minhas orelhas, viu? — Elas podiam parecer tão grandes quanto as do Mickey Mouse, mas eu queria mantê-las na minha cabeça.

— ã-hã. Olhe, ele está apontando para você. Acho que quer dizer alguma coisa. — Ela me devolveu os óculos.

Eu os coloquei e quase caí.

— Oi! — gritou Lewis, acenando para mim, um sorriso de orelha a orelha no rosto.

Olhei para Lucy.

— Ele acabou de *falar* comigo?

Lucy revirou os olhos com desprezo.

— Vamos lá, Todd. Você está sendo mal-educado.

Ela tinha razão. Endireitei os óculos no meu rosto e me virei para Lewis, falando lentamente para que ele pudesse entender.

— Oi, Lewis! De onde vocês vieram? E o que vocês estão fazendo na minha meia? E vocês produzem seu próprio alimento? — Pigarreei. — Porque não sou muito bom nisso.

Lewis se curvou novamente e repetiu:

— Oi.

Depois grunhiu duas vezes.

Lucy se aproximou.

— Ele ainda não fala inglês. Sua língua nativa é uma série de grunhidos. Não tenho a menor ideia do que ele disse, mas acho que é uma espécie de cumprimento em toddliano.

Foi quando batidas enlouquecidas na porta me fizeram dar um pulo.

Quem quer que estivesse do lado de fora estava batendo com força suficiente para derrubar a porta da frente.

Da sala de estar, minha mãe gritou:

— Vai atender?

— Sim, só um minuto! — gritei. Deixei os micro-óculos sobre a escrivaninha e corri pelo corredor. Pelo caminho, peguei Daisy, que estava rabiscando a parede com um giz de cera roxo. *Droga! Eu deveria estar cuidando dela.* Peguei o giz de cera da mão dela e li o rótulo: "Berinjela Elegante". *Eca! "Lavável"*.

Lucy estava logo atrás de mim.

— Temos de levar a Daisy? — Ela tentou pegar a menina, mas Daisy se encolheu toda e se segurou firmemente no meu pescoço. Eu a tirei e a pus no meu colo, depois abri a porta da frente com a mão livre para encontrar...

*Max Loving.* Ele estava prestes a bater de novo e quase me deu um soco no nariz quando a porta se abriu. Que bom que Daisy estava apegada a mim, porque, ao ser surpreendido, eu quase a deixei cair.

— Ei, Bunda Dura — disse Max. — Conheça meus amigos. — Ele deu um passo para o lado, a fim de revelar dois enormes e assustadores homens.





## CAPÍTULO 7



**Max passou por mim** e entrou na cozinha.

— E aí, carinha? Pensei em trazer meus amigos para dizer oi. Estávamos passeando pelo bairro e eu achei que seria uma boa hora para conversarmos sobre nosso projeto de ciências. — Ele se serviu de um punhado de biscoitos salgados da cadeirinha de Daisy e apontou com a cabeça na direção de Lucy. — Quem é ela?

— Ah... — Eu não conseguia parar de olhar para os enormes amigos de Max. — Esta é minha vizinha, Lucy Pedoto.

Eles riram do sobrenome dela.

— *Dodo* — o maior disse, com uma voz fina e desafinada. — Dã, eu sou um pássaro dodô, me dá um biscoito?

O outro tinha um moicano pintado de amarelo e uma coisa de metal pontuda que saía do meio do seu nariz, como uma flecha. Não pude deixar de me perguntar o que acontecia quando ele espirrava.

Ele pegou alguns biscoitos e começou a jogá-los pela cozinha, mirando na boca do grandão. A maioria errava o alvo e caía no chão. O grandão de repente notou Daisy e estava ocupado demais fazendo barulhos para chamar a atenção dela. Daisy se remexeu no meu colo, desceu pelas minhas pernas e correu até os biscoitos caídos no chão, enfiando-os na boca.

— Que criancinha linda — disse o cara grandão. — É sua irmãzinha?

Agora que olhava mais de perto, podia ver que aqueles caras não eram exatamente *homens...* eles só estavam um pouco além da puberdade do que Duddy e eu. Este cara tinha pelos o bastante sobre o lábio para compensar o que lhe faltava nas laterais da cabeça, que eram raspadas com desenhos de relâmpagos. Ele usava trajes do deserto e enormes botas de motoqueiro.

— Ah, adoro bebês — disse ele ao tentar pegar Daisy. Eu disse *tentar* porque, quando ele a pegou, ela soltou o maior dos berros e ele a largou como se ela fosse uma cobra.

— Sim, e os bebês adoram você, Nixy — disse o cara com o piercing no nariz, rindo. Sua barriga balançava e barulhos engraçados saíam do nariz dele.

— Todd? — mamãe me chamou da sala.

— *Ela está bem!* — gritei. Corri e peguei Daisy no colo, e ela se segurou no meu pescoço novamente e se acalmou.

Max escolheu esse momento para fazer as apresentações.

— *Hombres*, este aqui é Todd Bunda Dura...

— Na verdade é... — comecei a corrigi-lo, mas ele me cortou.

— E estes são a Turma do Zoo: Spud Kim e Dick Nixon. — Ele apontou para o cara com o piercings no nariz e para o cara maior com pelos no rosto, respectivamente.

— Não somos parentes — disse Dick, passando o dedo pelo bigodinho que parecia sujeira sobre seu lábio. — Mas você pode me

chamar de Nixy. — Lucy riu por algum motivo.

Dick cantarolava “O Velho McDonald” que o aluno da mamãe tocava na sala ao lado.

— Vocês têm um piano? — perguntou ele. — Sei tocar o tema do *Mario Bros*.

Max tossiu alto e Dick lhe lançou um olhar nervoso, depois acrescentou:

— Para o bebê, quero dizer. As crianças adoram música.

Ele começou a avançar para a sala, mas eu coloquei Daisy no chão e impedi a passagem dele.

— Ah, minha mãe está dando aula, então talvez você não devesse ir lá.

Dick olhou para mim e eu senti meu estômago revirar. Ele era *tão* grande. Para minha surpresa, ele apenas deu de ombros, balançando seus relâmpagos na cabeça e voltando para a cozinha.

— Tudo bem.

Fiquei paralisado. Aquele cara enorme deu ouvidos a mim, Todd Butroche? Estes caras tinham mesmo vindo passar um tempo comigo na *minha* casa? O que estava acontecendo aqui?

Max pôs sua mão carnuda no meu ombro.

— Então o que você e a Menina Dodô estão fazendo no seu quarto? — Ele arqueou a sobrancelha. — Beijo de língua?

*Que nojo.* Claro que os amigos dele acharam aquilo hilário e fizeram todo tipo de barulho nojento de beijo.

— Não! — gritei, enquanto Lucy dizia:

— Na verdade, estávamos examinando espécimes bem interessantes no microscópio.

Dick bufou.

— Cha-to.



Max estreitou os olhos para ele.

— Sinto discordar — disse Lucy, sua voz fina e alta como sempre.  
— Para citar Henry Powers: “Dentre todas as invenções, nenhuma supera os Óculos Dióptricos de Florença”.

Spud dobrou a cabeça como se tivesse água no ouvido.

— O que foi que você disse?

Lucy pôs as mãos na cintura.

— Da próxima vez que os senhores, e eu uso o termo vagamente, contraírem uma infecção bacteriana e tiverem de tomar antibiótico para melhorar podem agradecer um cientista que usou um *microscópio* para descobrir células, bactérias e a penicilina! — Ela apontou para eles, um de cada vez. — Sem o *microscópio*, vocês todos provavelmente estariam mortos agora. Ou talvez nem tivessem *nascido...*

— Ah, Lucy, talvez esta não seja a melhor hora para contar a história do microscópio. — Apontei com a cabeça para nossos convidados, silenciosamente implorando que ela reconhecesse o risco que corria.

Pela primeira vez ela me deu ouvidos.

— Muito bem. Nossa pesquisa aqui pode mudar o mundo algum dia. Mas — ela disse, com doçura — tenho certeza de que o que vocês estão fazendo também é importante.

Todos olharam para Lucy como se ela tivesse acabado de sair da nave-mãe.

Ela os encarou com um olhar capaz de derreter um iceberg.

Max me bateu no braço. *Ai.*

— Gosto dela. — Ele de repente correu pelo corredor rumo ao meu quarto, seus amigos atrás. — Vamos ver a pesquisa deles, caras.

Eu me virei para segui-los, mas Lucy correu e me segurou pelo cotovelo.

— Espere! — ela sussurrou. — Todd, acho que não devemos mostrar os toddlianos para estes bárbaros. Estou detectando uma vibração muito negativa. Você não está sentindo?

*Tarde demais.*

— Cara! Olhe só estes óculos! — Max e seus amigos já haviam invadido meu quarto e ele estava fazendo barulho da minha escrivaninha.

— Tudo vai ficar bem — sussurrei para Lucy. Afinal, não havia como dizer para aqueles caras deixarem minhas coisas em paz. Eu já estava sobrevivendo demais, já que, por algum motivo, eles não haviam me batido. — Tenho certeza de que eles vão ficar entediados logo.

Daisy riu e eu percebi que ela ainda estava na cozinha. *Ah, não.* Corri para pegá-la.

*Ah, não!* Ela havia trocado o giz de cera por garfos, e tinha feito sua arte em quatro dos armários de madeira. Mamãe teria um ataque cardíaco. Ela mesma havia instalado aqueles armários.

Tirei o garfo das mãos de Daisy e a carreguei para meu quarto. Pude ouvir Spud perguntando:

— O que é esse cheiro? É aquela meia? Cara, que fedor!

Corri para dentro do meu quarto com Lucy atrás de mim, mas era tarde demais. Max já estava usando os micro-óculos e olhando para a meia.

— O quê... ca-ram-ba! Vocês precisam ver isso!

Spud pegou os óculos da mão esticada de Max.

— São formigas ou uma espécie de inseto — gaguejou ele. — Formiguinhas com roupas e casas. Que legal. Mas, cara, isso fede!

— Me-dê isso aqui! — exigiu Dick, tirando os óculos de Spud e os colocando sobre seus relâmpagos na cabeça. — Ah, caramba! É um monte de alienígenas minúsculos. LEVE-ME AO SEU LÍDER! Ei! — gritou ele, virando-se para mim. — O que eles comem? Spud, pegue um graveto na jaula do lagarto para que possamos abrir um deles e ver o que tem dentro.

*Isso é ruim.* Remexi na caixa de Camo e vasculhei meu cérebro em busca de algo para dizer a fim de distraí-los.

Ao contrário de mim, Lucy não hesitou. Ela se pôs entre Dick e a meia. Ele recuou, claramente assustado diante da visão de uma Lucy furiosa.

— Para seu conhecimento — ela disse, com um sorriso no rosto —, eles são uma nova civilização minúscula.

Dick a empurrou para o lado, tocou a meia e pareceu pegar um toddliano. Ouvi um gritinho que parecia a voz de Lewis. Lucy fez sinal para que eu fizesse alguma coisa.

Abri a boca. *Talvez eu possa dizer que os toddlianos não sentem dor, então não há por que torturá-los.* Mas novamente Lucy foi mais rápida. Ela bateu no queixo de Dick, com força.

— Dá isso aqui!

Ele recuou e deixou Lewis cair; ele gritou ainda mais alto. Lucy conseguiu pegá-lo antes que ele caísse no chão, pelo menos os gritos pararam. Ela colocou a meia na minha mesa e devolveu Lewis a ela.

— Eles são muito delicados.

— Ah, desculpe. Não sabia disso, Princesa Dodô — zombou Dick numa voz de menina. — Delicados como você?

Spud riu.

— Adoradores de insetos unidos — riu ele, colocando a mão sobre o coração. — Juro nunca machucar um inseto, mesmo que ele me morda. Insetos têm sentimentos também.

Max franziu a testa.

— Que seja. Ouça, talvez devamos deixar os insetinhos na meia por enquanto. *Não queremos machucá-los, não é?* — Ele parecia sarcástico, mas se colocou ao lado de Lucy e diante da meia.

— Ah, sim, *claro que não* — disse Spud, dando uma risadinha louca. Ele se aproximou de onde eu estava com Camo. Quando percebi, ele abriu a gaiolinha e tirou de lá o lagarto, segurando-o no alto.

— Que máximo, cara! — gritou Dick.

— O que você está fazendo? — gritou Lucy. Ela correu até Spud e tentou tirar Camo dele.

— Acho que não — disse Spud, afastando o camaleão dela. — Olhe aqui, comedor de insetos — provocou ele. — Eu lhe trouxe um bichinho!

Então ele colocou Camo perto da meia.

Os olhos de Camo se voltaram para as pessoinhas, ele desenrolou a língua e a esticou sobre a Toddlândia. Ouvi um grito vindo da meia, mas Spud parecia não ouvi-lo.

Lucy arrancou os óculos de Dick e olhou a meia.

— Eles estão fugindo! Todd, eles estão correndo em todas as direções!

— Eca, cara, vamos pegá-los — disse Max. — Sério, não queremos perder os insetinhos.

Camo mirou e disparou sua língua, marchando como um tanque de dois dedinhos rumo aos toddlianos. Corri, peguei-o e o joguei na minha cama, onde Daisy estava sentada, chupando a chupeta com uma expressão séria.

— Peguei um! — gritou Max, devolvendo-o à meia.

— Tome cuidado! — ordenou Lucy ao permitir que um punhado de toddlianos passassem da palma de sua mão para a cidadezinha. —

Eles não são imortais, sabia?

Dick esticou seu bigodinho.

— Hã?

— Eles se quebram! Alguns são idosos e há crianças entre eles também. Nem todos são atletas!

— Atletas! Filho da mãe! — Spud se levantou da minha poltrona e passou a mão pelo moicano. — Caras, o treino de boliche começa em cinco minutos! Quem é que vai fazer aqueles meninos lamberem seus sapatos, senão nós?

Dick jogou os bonequinhos do *Dragon Sensei* com os quais estivera na cama brincando, ao lado do camaleão e de Daisy.

— Temos de ir! Loving, você vem?

— Agora, não — respondeu Max. — Temos uma situação de emergência aqui.

— Vamos, caras! — Spud fez o sinal de paz com a mão e desapareceu atrás de seu amigo.

Assim que eles se foram, Max se virou para mim.

— Desculpe por eles, Bunda Dura. Às vezes eles... exageram um pouco.

— Você com certeza fez *muito* para impedi-los — ironizou Lucy. Então, reclamando para os toddlianos que não subiam em sua mão, ela voltou sua atenção para mim. — Todd, diga que eles estão seguros agora, já que parecem não acreditar em mim.

— Não falo o idioma deles.

— Não, mas eles respeitam você. Lewis se curvou a você, lembra? Você tem de tentar.

Max se ajoelhou na mesa, onde vários toddlianos se reuniam.

— Desculpe por meus amigos terem assustado vocês, pessoinhas. Ei, eles deram as costas para mim!

Lucy me entregou os óculos.

— Aqui, Todd. Temos de devolvê-los às suas casas, e você é nossa única esperança. Afinal de contas, é sua meia e sua civilização.

Nunca fui bom com discursos, então não tinha motivo para acreditar que eles me ouviriam. Mas pus os óculos e troquei de lugar com Max. Valia a pena tentar.

— Oi — eu disse.

Vi Lewis na multidão. Ele se virou e se aproximou quando comecei a falar. A menininha com rabinho de cavalo, Perséfone, estava ao lado dele e me olhava com curiosidade. O cara bobão, Herman, estava a alguns metros dali, roendo a unha e me observando com olhos ainda maiores.

— Ah, cidadãos da Toddlândia. Peço desculpas por quase deixar o Camo comê-los. Por favor, voltem para a meia e eu tentarei mantê-los salvos de... predadores.

Lewis estava com tanto medo que eu o via tremendo. Ele piscou os olhos enormes e levantou a mão como se perguntasse “por quê?”. Herman insistia em balançar a cabeça e resmungar para si mesmo. Perséfone, juro, franziu a testa para mim e depois bateu nos ombros de Lewis, virando-se e o guiando de volta à meia. O restante deles se enfileirou atrás dos três.

Perséfone acompanhou Lewis para dentro de uma cabana. Ao sair de lá, parou e acenou para mim. O que foi que eu fiz? Não era minha culpa o fato de Max e seus amigos terem invadido meu quarto. Eu os havia salvado de Camo, não?

Lucy se levantou e suspirou.

— Acho que eles não querem se comunicar com a gente. Esse grosseirão — ela apontou para Max com um dedo acusador — e seus capangas os fizeram se voltar contra nós. — Ela parou e me olhou. — E a culpa é sua, Todd. Eu lhe disse para não permitir que eles entrassem aqui.

Max bufou.

— Você realmente escolhe perdedores como amigos, Bunda Dura. Achei que você fosse mais legal do que isso.

Senti um frio na barriga. *Ele está me provocando!* Tudo de uma só vez, imaginei as pancadas que Max Loving podia dar em alguém que o contrariasse. Tinha de ser ainda pior do que os soquinhos que Duddy e eu recebemos de Ernie na Escola Fundamental Roosevelt. Eu me lembrei das manchas e do cheiro da cabine abandonada no banheiro dos meninos no terceiro andar. Eu me lembrei de tentar explicar a mamãe por que estava chegando em casa com os cabelos molhados de novo.

Tremi. *Isso não pode acontecer.* Lucy tinha de sair dali antes que eu entrasse para a "lista de inimigos" de Max, para sempre. Quanto mais eu pensava nisso, mais ficava com raiva também. Na verdade, quem Lucy achava que era, andando pelo meu quarto e falando mal do cara que podia impulsionar, ou arruinar, minha vida na escola? Ela nem mesmo era aluna de Wakefield!

— Por que você não volta para casa se não gosta da forma como cuido deles? Aqui é minha casa, meu quarto e minha meia, se é que você não percebeu!

Lucy me encarou. Apesar de ter acabado de me acusar por voltar os toddlianos contra nós, acho que ela não esperava que eu me voltasse contra ela. Seus olhos se escureceram, suas narinas se dilataram e ela ajeitou uma mecha do cabelo sobre o ombro.

— Bem... *desculpe*. De nada por toda a ajuda!

Max ficou olhando para a meia como se estivesse em transe.

— Vejo você por aí — disse ele para Lucy.

— Ou não — resmungou ela, saindo do meu quarto. Poucos segundos mais tarde, ela bateu a porta da frente com força o bastante para fazer com que minha janela tremesse.

Respirei fundo. *Não dê bola. Ela é esquisita mesmo.* Mas agora eu estava sozinho com Max e não conseguia pensar em nada legal para dizer. Enquanto isso, ele ainda olhava fixamente para a meia. Acho que nem percebia que eu estava no quarto.

— Ah... desculpe por ela. Minha mãe a deixa entrar aqui, nós não costumamos brincar juntos.

Max não respondeu.

— Então — eu disse, desesperadamente tentando salvar a tarde.  
— Vamos... vamos nos reunir amanhã depois da escola para trabalhar na nossa catapulta?

— Catapulta? — repetiu Max, olhando para mim como se eu tivesse sugerido que fizéssemos aulas de dança do ventre. — Esqueça a catapulta! Nosso projeto de ciências está bem aqui! — Ele apontou para a mesa. — Cara, você tem uma civilização na sua meia! Não acha que isso basta para que a gente leve um 10 em ciências? — Max jogou a cabeça para trás e riu. — Mal posso esperar para ver a cara do Katcher quando lhe mostrarmos isso!

Senti uma mistura esquisita de emoções. Alívio por Max ainda querer andar comigo. Mas também... pavor. Ou algo parecido com medo. No fundo, sentia que provavelmente era má ideia expor os toddlianos ao mundo. Expô-los à escola era ainda pior!

*Como dizer isso para Max?*

— Hum... boa ideia, mas... bem, não tenho certeza se é um bom plano deixar a meia sair da casa. É um mundo hostil, e as pessoas podem...

— Relaxe. Não sou Spud e Dick. Não vou deixar nada acontecer a seus amiguinhos. Não acabei de provar isso? — Ele se aproximou e remexeu em meus cabelos como se eu fosse uma criancinha. — Na verdade, por que não fazemos um pacto de que nenhum de nós vai contar *a ninguém* sobre as pessoinhas antes da nossa apresentação? Assim, quando as apresentarmos à turma, todos dirão: *Como assim???* Olhe só o projeto deles! E nós tiraremos um 10.



— Ah, sim... — gaguejei, aliviado por Max e eu estarmos de certa forma na mesma página. Acho que isso significava que eu não poderia contar nada a Duddy, mas Max talvez estivesse com a razão, e isso apenas o deixou ainda mais empolgado quando finalmente imaginou a civilização na aula. Fiz que sim. — Faz sentido.

— Sim, faz sentido! — disse Max, rindo. Depois, mais sério, ele acrescentou: — Sério, cara, não fale para ninguém.

— Ah, não se preocupe. Não vou dizer nada.

O sorriso abandonou o rosto dele.

— Porque, se você contar a alguém, eu e você estamos arruinados. Entendeu?

Eu me encolhi.

— Não vou mesmo.

— Promete? — Ele se animou todo.

— Prometo.

— Ah, estou só tirando sarro — respondeu Max, o sorriso de volta e ainda maior. — Sei que você não vai dizer nada! Fique comigo e tudo vai ficar bem. — Ele se levantou, a meia na palma da mão. — Por que não levo a Insetolândia comigo para lhes dar mais proteção? Não há lagartos ou bebês na minha casa.

— Eu... bem... — *Ah, cara*, aquilo não era nada bom. Mesmo levando Daisy e Camo em consideração, Lucy me mataria se soubesse que entreguei os toddlianos para Max.

Max deve ter percebido meu pânico, porque me abraçou com seu braço peludo.

— Ei, você pode confiar em mim, cara. Prometo cuidar do nosso projeto e cuidar de você em Wakefield também. Por que você não se senta na minha mesa com a Turma do Zoo para o almoço de amanhã?

Será que eu estava sonhando? Nos últimos dois dias, ninguém teve coragem de chegar perto daquela mesa onde Max e seu grupo se sentavam. Eu seria o segundo cara mais legal do sexto ano!

— Ah, claro!

— Maravilha. — Ele se dirigiu à saída, a meia na mão.

— Ah, talvez você deva mantê-la imóvel — sugeri. — Você não quer provocar um terremoto.

Max sorriu.

— Você é quem manda, carinha. — Ele esticou o braço e equilibrou a meia na palma da mão. — Que tal assim?

Fiz sinal de positivo e o segui até a porta para vê-lo indo embora. Se Lucy estivesse espiando pela janela e visse Max deixando a casa com a meia... Bem, por que eu me importava? Era *minha* meia. Além disso, Max havia prometido protegê-los; e, levando em conta o que aconteceu com o pobre Pinchy, ele provavelmente faria um trabalho melhor do que o meu.

Quando Max chegou ao fim da calçada, virou-se e acenou. Senti meu estômago revirar. Ele usava a mão que segurava a meia e a agitava para a frente e para trás ao vento!

— Ei! — gritei, contendo o impulso de correr atrás dele. Tentei parecer tranquilo.

— Será que você, sabe, pode segurá-los com firmeza? Lembra?

Max parou de acenar.

— Certo. — Ele se virou, pegou a mochila, abriu-a e fez um gesto exagerado jogando a meia dentro. Depois fechou a mochila e a jogou nas costas, levantou os olhos e me lançou um enorme sorrisinho assustador. — Não se preocupe, Bunda Dura. Já pensei em tudo.





## CAPÍTULO 8



### LEWIS

*Pode-se pensar que quase ser devorado por um dragão de língua grudenta seria sofrimento o bastante por um dia, mas não. Logo depois do ataque do Camo, meu povo e eu vivemos um terrível terremoto que quase nos arrancou da nossa casa e nos lançou ao desconhecido! Foi somente graças à Inteligência de Herman, que nos mandou formarmos uma corrente de toddlianos e nos segurarmos a um fio solto na meia, que conseguimos nos manter todos seguros. Mas, mesmo que o terremoto tivesse acabado, nossos castigos não haviam chegado ao fim, de jeito nenhum! Então caímos num profundo e fedido abismo. Não era o mesmo fedor de Todd, que acariciava nossas narinas e deleitava nossos sentidos. Não, era um fedor diferente, de comida podre e de cueca de Max.*

*Seria aquela prisão o lixo de Max? Era muito maior do que nossa meia, e bem mais perigosa. Antes que a luz diminuísse com o fechamento das enormes mandíbulas serradas, estudei a paisagem estranha e perigosa. Perto de onde eu havia caído tinha uma enorme rocha rosa com selvagens marcas de dentes. Ao lado havia algo incrivelmente doce, coberto pelas mesmas marcas e uma sujeira esverdeada. A prisão portátil começou a se mover e enormes e afiados troncos de árvores ameaçavam nos empalar a cada sacudidela.*

*Estávamos cercados por enormes paredes lisas demais para serem escaladas. Mas era possível escalar as espirais prateadas nas laterais. Perséfone foi a única de nós corajosa o bastante para subir os anéis no alto da nossa prisão. Mas, ao chegar ao ponto mais alto, descobriu que os dentes serrados eram impenetráveis. De alguma forma havíamos deixado o Grande Todd furioso e estávamos condenados a sofrer no Poço do Castigo de Max.*

*— Ainda tremendo? — Perséfone me perguntou ao descer da espiral. Ela me deu um tapinha nas costas. — Use sua força interior; você está seguro agora.*

*— Seguro? — perguntei. — Você chama esta calamidade de "segurança"?*

*— Bem — disse ela, com menos entusiasmo —, pelo menos temos um ao outro. Pelo menos ainda estamos vivos.*

*Neste momento o poço deu um solavanco, jogando-nos contra uma das paredes lisas. Escorregamos pela superfície e caímos numa montanha de roupas úmidas e azedas de suor. Nunca senti cheiro pior do que o suor de Max nem nunca vi nada tão horrível quanto o dragão de língua grudenta. Devíamos ter desagradado nosso deus terrivelmente para que ele nos castigasse daquela forma.*

*— Talvez um toddliano tenha roubado um dos tesouros dele. Ele se tornou hostil quando suas coisas foram tocadas pela Adorável Que Chamam de Daisy — sugeri em meio às sacudidas.*

— Talvez seja o que eles chamam de coincidência. Ou azar — disse Perséfone enquanto nossas cabeças se colidiam. — Ai!

O último golpe arrancara meus óculos. Arrastei-me pelo fundo do abismo, à procura deles. Vasculhei minha alma em busca de respostas também. De uma coisa eu sabia: não era por sorte que quase havíamos acabado como comida de um dragão assustador e colorido. Não era coincidência que fomos entregues a Max. Era tudo coisa do onisciente Todd. O maior Ser do Universo que havia nos gerado e nos entregado ao nosso inimigo. Só queria saber o que havíamos feito para merecer isso.

De repente as mandíbulas serradas se abriram e a luz preencheu o abismo. Encontrei meus óculos e os pus a tempo de entrar na Meia do Grandioso, que era tirada da escuridão. Max segurou nosso vilarejo diante de seus cruéis olhos negros e começou a falar na agora familiar língua humana.

— Certo, meus insetinhos, vamos ver do que vocês são feitos. Quero que observem com cuidado, para que possam aprender os truques.

Ele acenou com a mão enorme para uma tela com pessoas pulando e usando roupas de tons brilhantes. Uma delas cantava uma melodia misteriosa e aguda que arrepiou minha pele.

— Hora de começar o treinamento para minha nota 10!

Max exibiu um sorrisinho malicioso.

O brutamontes nos deixou diante da tela gigantesca para "arranjar algo para comer", seja lá o que for isso. Perséfone e eu olhamos ao redor. Todas as nossas cabanas foram esmagadas, menos uma.

Ela subiu no alto de uma colina de sujeira e gritou:

— Meus caros toddlianos, por que vocês estão sentados desesperados quando há reparos a serem feitos? Devemos reconstruir... já!

— Não tão rápido, amigos — disse Herman, tirando os olhos do livro que estudava. — É preciso pensar um pouco mais. Apesar de elogiar seu entusiasmo, acho que a história sugere que obedecemos ao terrível Max ou então enfrentaremos graves consequências.

Depois de alguma discussão, parecia que todos concordavam com ele, por isso nos viramos novamente para os artistas. As imagens na tela eram quase tão sofríveis quanto nossa aldeia arruinada. Um homem musculoso tentava se equilibrar numa geringonça de uma só roda ao longo de um fio suspenso no ar. Ele levava consigo uma vara e uma mulher se equilibrava nos ombros dele, acenando para os espectadores lá embaixo.

No que ele estava pensando? Será que ele não percebia que, se caísse, suas entranhas e as entranhas daquela mulher explodiriam no chão?

Será que aquelas criaturas estavam sendo castigadas pelo Grande Todd? Depois, tecidos caíram do teto e pessoas giravam em meio ao tecido. Elas giravam corajosamente ao som de uma música triste.

— Lindo! — disse Perséfone com um suspiro.

— Suicida! — eu a contradisse. — Você não vê que não há nada para segurá-los se eles caírem? — Homens grandes e musculosos seguravam os tecidos e giravam as pessoas, que mantinham seus corpos rígidos, horizontalmente ao chão. Eu não suportava mais. — Desisto! — gritei para a tela. — Pare com essa loucura antes que vocês morram!

— Eles não podem ouvi-lo — disse Herman. — Nem podem vê-lo. Eles estão presos nesta máquina infinita. Não podemos fazer nada para ajudá-los ou avisá-los.

Sentei-me, desesperado.

O número seguinte era o mais mortal de todos. Pessoas com trajes apertados eram obrigadas a voar por círculos em chamas. Elas corriam por uma espécie de superfície de impulso, davam várias cambalhotas e atravessavam círculos de fogo. Quando eu não

*suportava mais ver aquilo, Max reapareceu e paralisou as vítimas no meio de um salto com uma caixa preta mágica. Eu havia subestimado os poderes dele.*

*— Fiz uns brinquedinhos novos para vocês — disse ele ao nos jogar, com meia e tudo, numa enorme e bagunçada estrutura de madeira. Os "brinquedos" pareciam miniaturas daqueles que apareceram na tela gigante. Eu estava examinando aqueles novos aparelhos quando uma mão enorme me ergueu no ar pelos cabelos.*

*— Tenha piedade, Grande Todd! — gritei, mas a voz grossa de Max envolveu a minha.*

*— Espero que os insetinhos estejam em boa forma. — Com a mão livre, o gigante mergulhou uma varinha num fluido e acendeu a extremidade. — Agora me ouça, insetinho. Seu objetivo é voar pelo meio do círculo sem virar fumaça. Claro que, se você virar churrasquinho, vai ser mais interessante, e temos um trilhão de vocês, então não há nenhum problema se torrarmos alguns durante o treinamento.*

*Ele me segurou sobre uma faixa comprida de borracha. Eu não conseguia respirar, e meu coração parecia sair pela boca.*

*— Certo, insetinho, vamos ver se você é bom de voo.*

*Senti cair.*

*— GRANDE TOOODD!*







## CAPÍTULO 9



**Na manhã seguinte,** corri até Duddy na escadaria da escola, esperando que ele não estivesse com raiva por eu não ter resistido quando Max me escolheu como parceiro.

— O que houve, Dudster? — perguntei, dando-lhe a saudação Saki de quatro dedos do *Dragon Sensei*. Eu me lembrei de Max me alertando para não contar sobre os toddlianos para ninguém, mas isso não significava que eu não pudesse contar a Duddy tudo o mais que estava acontecendo. — *Você não vai acreditar* no que aconteceu ontem depois da escola. Adivinhe quem...

Mas Duddy não estava prestando atenção às minhas notícias.

— Ei, Todd! — Ele se virou e deu uma risadinha. — Ouça, queria que você conhecesse uns caras. Eles são *tão* legais! Este é Ike e este é Wendell.

Foi quando notei dois caras ao lado de Duddy. Nunca os tinha visto antes, então eles não eram da Roosevelt. Ike era um varapau loiro. Seus cabelos eram mais encaracolados do que os de VanderPuff e seus olhos verdes eram grandes e arregalados como os de Camo.

Wendell tinha longos cabelos escuros, que ele usava soltos sobre os ombros. Suas mechas eram penteadas para longe dos olhos num rabo do cavalo, como o Dragonmaster-Sensei Nagee, mentor do Koi Boy. Wendell se curvou, de modo que eu pudesse ver bem seu coque de sumô. Quando ele se endireitou, notei que estava usando uma camiseta Koi-Boy de edição limitada, assinada pelo artista, laranja e preta. Sabia que aquilo devia ter lhe custado um bom dinheiro no eBay do Japão. (Não conte a ninguém, mas eu estava economizando para comprá-la também.)

Certo, então pelo menos Duddy não estava com raiva de mim. Ainda assim, era oficial: Duddy era um ímã de idiotas e havia conseguido atrair dois dos maiores imbecis de Wakefield em menos de quarenta e oito horas.

— Acredita nisso, Todd? Wendell faz Nagee e conhece todos os movimentos. — Wendell fingiu emanar eletricidade dos dedos, com efeitos sonoros e tudo. — E Ike é o melhor Mongee-Poo que eu já vi! — Ike desceu a escadaria e depois a subiu novamente, fazendo barulhos e coçando as axilas como um macaco enlouquecido.

Algumas meninas do sétimo ano se viraram e riram, e algo me atiçou. E se Max e seus amigos me vissem com esses caras? Eu seria trancado no meu armário, com certeza.

— Como você gosta do imperador Oora — continuou Duddy —, e eu sou capaz de interpretar praticamente todos, podemos brincar de *Dragon Sensei* por horas. Querem se reunir hoje depois da escola?

Wendell se curvou e Ike deu um salto, fazendo:

— HOO HOO HOO HI-YAH!

Foi quando me virei e vi Spud e Dick. Eles se revezavam atazanando algum menino do sexto ano da Roosevelt do outro lado da escada. Diante dos barulhos de Ike e Wendell, eles se viraram para olhar, franzindo a testa. Dick soltou o menino e balançou a cabeça lentamente, como se não acreditasse.

Então ele me viu.

Ele cutucou Spud, cujas sobrancelhas se arquearam, e ambos começaram a se aproximar. Senti meu sangue gelar nas veias. *Não não não*, pensei furiosamente. *Eles, não. Saia daqui, Butroche, seu idiota!*

Mas era tarde demais.

Spud segurou Wendell pela orelha.

— O que é que está acontecendo aqui? — perguntou ele, trazendo Wendell para perto de si e colocando seu outro dedo bem no rosto de Duddy.

— Bunda dura — disse Dick —, você faz parte desta reunião de perdedores?

Tentei engolir em seco, mas minha garganta havia ficado árida.

— Ah...

Duddy estava tentando fazer cara de corajoso, mas dava para ver que ele tremia.

— Todd é meu melhor amigo — disse ele, como se isso explicasse tudo.

O rosto de Dick se abriu num enorme sorriso falso.

— *É verdade?* — provocou ele.

Spud soltou Wendell e foi direto para o rosto de Duddy.

— Ah, vocês são melhores amigos? Vocês pintam as unhas um do outro e ficam ouvindo bandinhas de meninos? Vocês são *menininhas?*

Dick se voltou para mim.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Bunda Dura. Você faz parte disso?

Eu estava tremendo também, mas tentei esconder isso. Olhei de Ike para Wendell e Duddy. Seus olhos eram enormes e brilhantes, fixos em mim como se estivesse prestes a ser jogado num rio e eu tivesse o último salva-vidas do mundo.

— Eu...

Dick me agarrou pela camisa e me puxou para perto.

— *Responda!*

— Não!

Assim que a palavra saiu da minha boca, ele me soltou, me jogando pela escada.

— Calma — disse uma voz de comando. Spud e Dick recuaram e eu levantei os olhos para ver que, do nada, Max havia aparecido. Ele tirou Duddy do caminho. — O Bunda Dura diz que *não o conhece*, cara — disse ele.

E então estendeu a mão.

Eu a segurei e ele me ajudou a me erguer.

— Obrigado — murmurei, tentando evitar o olhar de Duddy.

Max deu de ombros.

— É para isso que servem os amigos, cara.

Então tive sorte. O sinal tocou, fazendo com que todos nós saíssemos correndo antes que eu pudesse me fixar nos olhos de Duddy. Corri para o banheiro e me escondi numa cabine por alguns minutos a fim de não ter de conversar com Duddy, depois me sentei na aula de ciências a tempo de o sr. Katcher começar a falar sobre os projetos novamente. *Ugh.*

— Obrigado por sentarem em lugares diferentes dos de ontem, a propósito. Vou passar pelas fileiras e pedir um resumo rápido sobre

o que vocês estão fazendo em suas apresentações. Ainda é possível mudar de tema, mas, como é um projeto de apenas uma semana, o tempo é curto e vocês deveriam começar logo.

Enquanto o sr. Katcher conferia o tema de cada dupla, Max me olhou, dizendo baixinho:

— Desculpe.

Fiz um gesto positivo com a cabeça.

Max sussurrou:

— Spud e Dick são apenas dois brigões, mas deixei claro que você faz parte da turma. Não vai acontecer de novo, prometo. Lembre-se: você pode confiar em mim. — Com isso, ele fez sinal para a mochila pendurada na cadeira, como se para deixar claro que os toddlianos estavam dentro dela, em segurança.

Suspirei — os métodos de Max podiam ser duros e eu ainda precisava pedir desculpas para Duddy, mas parecia mesmo que ele estava tentando ser legal comigo. E, se ele estava disposto a ficar do meu lado contra seus amigos — primeiro na minha casa e agora na escola —, então ele provavelmente tentava cuidar bem dos toddlianos.

Era o que eu esperava.

De qualquer forma, nossa interação havia chamado a atenção do sr. Katcher, porque naquele instante ele chamou Max.

— Sr. Loving — disse ele. — No que você e o sr. Butroche estão trabalhando?

Max piscou para mim e anunciou com orgulho:

— Chamamos nosso projeto de Novo Circo de Pulgas! Mas isso é tudo o que posso revelar por enquanto. É supersecreto.

O sr. Katcher pareceu intrigado, mas fez que sim com a cabeça e anotou nosso tema.

— Muito bem. Agora o que a próxima dupla tem para nós?...

Tentei chamar a atenção de Duddy enquanto o sr. Katcher anotava o tema de cada apresentação, mas não consegui — ele parecia envolvido no que quer que estivesse rabiscando no seu caderno. Até que o sr. Katcher chamou o nome dele.

— Sr. Scanlon, no que você e o sr. Buchenwald estão trabalhando?

— Num terrário com formigas — respondeu Duddy, apático. Virei-me e notei que ele não parecia nada interessado em formigas. Ele suspirou e lançou um olhar de súplica para Ernie, que copiava a lição de casa de uma distraída Katie Sharkey. Eu me senti muito mal mesmo por Duddy. Mas então levantei os olhos e vi Max rindo do outro lado da sala, acenando com minha meia. Ele piscou novamente e eu devo ter gritado, porque o sr. Katcher me perguntou o que estava acontecendo.

— Soluços — eu disse, arrotando algumas vezes. Isso fez com que o sr. Katcher falasse demoradamente sobre as causas científicas e a cura para os soluços, algo que não me interessava nada. Eu só conseguia pensar nos toddlianos e que como eles provavelmente se sentiam no meio de um tornado, e que coisas ainda piores os aguardavam em Wakefield. Se a escola era difícil para mim, um menino de tamanho normal, imagine para... mas não consegui concluir meu pensamento.

*Max deve ter um plano*, eu disse a mim mesmo. Ele havia prometido proteger os toddlianos e, como nosso projeto de ciências dependia do fato de eles estarem *vivos*, com certeza Max os manteria em segurança.

Só consegui falar com Max na hora do almoço. Mas, antes que eu o encontrasse, Duddy, Ike e Wendell me interpelaram.

— Todd, você *viu* o que vamos comer hoje? — Duddy estava tão empolgado que sua voz falhava.

*Ele estava falando comigo?* Fiquei tão surpreso que levei um minuto para entender o que ele havia dito. Então rapidamente

examinei o conteúdo do prato de alguém que passou por mim. A massa escura tinha um filme verde nuclear por cima. Delícia.

— Acredita? — perguntou Duddy alto demais. — Aquele molho se parece *exatamente* com a gororoba radiativa que Mongee-Poo solta pelo nariz para derrotar a Vespa em *A Fúria de Mongee-Poo*! E Ike diz que ele realmente solta coisas pelo nariz o tempo todo! Então podemos levar um pouco para o quintal e ter uma batalha *Dragon Sensei* de verdade.

Ike balançou a cabeça, concordando.

— Uma vez soltei espaguete por uma narina e uma almôndega pela outra. HOO HOO HOO HI-YAH!

Max e seus amigos se aproximaram antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— E aí? — disse Max. — Lamento interromper, Bunda Dura, mas a Turma do Zoo te espera. — Ele apontou para as janelas perto da janela e depois, com o mesmo dedo, cutucou Dick no braço.

— Desculpe pelo que aconteceu antes — disse Dick apressadamente.

— É, desculpe — repetiu Spud.

— Pense naquilo como um rito de iniciação — acrescentou Max. — Os meninos estão empolgados por terem um novo membro no nosso grupo.

— Isso mesmo, só uma iniciação amigável — concluiu Spud. — Venha se sentar com a gente.

Engoli em seco. Duddy e eu tentamos nos sentar à mesa perto da janela no nosso primeiro dia e quase acabamos cremados. Cometi o erro de olhar para Duddy agora. Ele tinha a cabeça baixa e não consegui ver seus olhos.

Eu tinha de fazer uma escolha. Num dos lados estava Duddy, o melhor amigo que alguém podia ter, mas ele vinha de uma vida de zoeira e humilhações. Do outro lado estava Max, que, eu começava

a achar, podia não ser um cara tão ruim no fundo. Se eu fosse amigo dele, passaria facilmente por aqueles anos na escola. E talvez passasse facilmente pelo ensino médio também. Talvez tivesse uma *vida fácil*.

Se escolhesse Duddy agora — se fosse me sentar com ele e os bobões —, sabia que Max nunca ia querer nada comigo novamente. E isso significa que eu jamais teria os toddlianos de volta.

— Ah, vão em frente, caras — eu disse, olhando rapidamente para a mochila de Max. — Ainda preciso pegar meu almoço.

Max fez que sim com a cabeça, compreendendo.

— Certo — disse. — Vamos dar espaço para o nosso amigo.

Assim que eles saíram, me virei para Duddy.

— Ei, cara, desculpe. — Duddy me encarou e insinuou um sorriso. — É que eu tinha combinado de almoçar com ele ontem.

Ike e Wendell se afastaram. Eles ficaram olhando para a gente por detrás da fila do almoço.

Duddy disse baixinho:

— Tudo bem, Todd. Eu entendo. Você quer ser legal. Max e os amigos dele são legais. Eu, não.

— Eu... — Mas como poderia reagir àquilo? — Talvez Max possa nos proteger de Ernie — completei finalmente. Não conseguia olhar nos olhos dele enquanto as palavras saíam da minha boca. Max podia me proteger, mas com certeza não ajudaria Duddy.

— Tudo bem, Butroche. Ainda vamos ser amigos fora da escola, certo?

Olhei para ele e sorri.

— Claro! — eu disse, talvez alto demais.

Duddy se animou, o que me deixou nervoso.



— Ótimo! Não se esqueça de que vamos nos reunir hoje à tarde para fazer as fantasias de *Dragon Sensei* para minha festa. Aqueles cajados brilhantes e cabeças de boneca que comprei pela internet finalmente chegaram, junto com meu veludo dourado para a capa de Saki. MELHOR FANTASIA DE TODOS OS TEMPOS, cara!

— Sim, estarei lá depois da escola... — murmurei, olhando distraidamente para o bufê de comidas quentes. Ernie Buchenwald havia entrado na fila para pegar leite, tirando os outros da frente, o que me deixou com ainda mais raiva. — Desculpe por você ter ficado com Ernie no seu projeto de ciências — acrescentei.

Duddy deu de ombros.

— Vai ficar tudo bem. Vou dar um jeito e usar meu cumprimento Saki para controlar o cérebro dele.

Eu ri, ignorando a reviravolta na minha barriga, e dei um soquinho no braço de Duddy.

— Você é o cara, Dud.

— Sim. E quem não gosta de formigas? Vejo você depois da escola, imperador. — Ele deu um soquinho no ar. — Oo-ra! Oo-ra! Oo-ra!

Despedi-me e fui até a mesa de Max. Estava prestes a dizer *oi* para a Turma do Zoo quando percebi que havia esquecido de pegar meu almoço. *Que maravilha.*

Virei-me e entrei na fila, apesar de não estar com fome.





## CAPÍTULO 10



**A vida era bem diferente** do outro lado da puberdade. A Turma do Zoo era barulhenta e rude e não se importava com o que os outros pensavam, e estar com eles era maravilhoso. Max me disse que eles faziam sempre guerra de comida na hora do almoço, desde o terceiro ano. Hoje, Dick Nixon parecia estar ganhando, porque era grande o bastante para ocultar a briga dos professores, ao mesmo tempo usando sua boca para cuspir molho como um irrigador de jardim. Mas impressionei a todos com meu notável movimento de granada, que sujou de molho branco a camisa de Spud.

— Muito bem, Novato! — gritou Spud, me cumprimentando.

*Maravilhoso.*

Mas algumas coisas ainda me incomodavam durante a guerra de comida. Uma era que eu estava com fome, porque *comer* parecia

algo reprovável. A outra era que eu não falava com os toddlianos desde que deixara Max tomá-los emprestados. Todas as vezes em que Max jogava pudim ou salada de macarrão em alguém, eu espiava sua mochila, tentando imaginar se poderia abri-la e ver se os toddlianos estavam bem enquanto ele não prestava atenção. (Não queria que ele pensasse que eu planejava exibí-los para nossos colegas de turma depois de prometer manter segredo.) No entanto, Max mantinha a mochila bem perto dele e, mesmo no meio da guerra, ele a tocava com os pés, como se estivesse com medo de que alguém se apoderasse dela. Parecia que eu teria de esperar pela minha oportunidade.

Em determinado momento, Ernie Buchenwald se aproximou de nós, me viu e ficou olhando. Ele se aproximou do pé da mesa e meu coração parou de bater. *Será que ele arruinaria tudo?*

— Ei, perdedor — disse ele, cuspiendo por sobre o bolinho de milho de Dick.

— EI, CARA! — reclamou Dick, levantando-se e mostrando todo o seu tamanho. (Ele parecia ter mil metros de altura. Mas na verdade era uns poucos centímetros mais alto do que Ernie.) — O que é que está havendo?

— Deixe-me lidar com isso — disse Max, também se levantando. Ele olhou para Ernie, apoiando-se na mesa como uma hiena prestes a atacar. — Quem você pensa que é, tirando sarro do nosso novo amigo Todd?

Ernie ficou olhando para ele, claramente sem entender.

— Fou Ernie Buchenwald — disse ele, cuspiendo ainda mais por causa do aparelho. — Fupereftrela da escola Roofefelt? Eu mandava naquele lugar. — Ele acenou para mim. — Efe cara é um bobão. *Bê-ô-bão.*

Spud riu.

— *Bê-ô-bão?* — repetiu ele. — Essa era a *gíria maneira* da Roosevelt? Que idiotas, cara.

Dick bufou.

— É, perdedor. Acho que a cultura na escola primária Newton era mais *refinada*.

Ao dizer isso, Spud jogou o que restava do seu molho em Ernie, que caiu com um barulho no alto dos seus cabelos alaranjados, como cobertura de bolo.

Ernie parecia entrar em pânico. Do tipo “o mundo não faz sentido”.

— O que fofê eftá difendo, cara? Fofê não *entendeu*? — Ele apontou para mim com seu dedo gordo. — Efe cara ufa fantafias de algum gibi do Japão! É tão *eftúpido*!

Ao se agitar, Ernie falava cada vez mais rápido e agora cuspia para todos os lados. Max e a Turma do Zoo pareciam enojados.

Dick se aproximou e empurrou Ernie.

— Cara. Fale, mas não cuspa.

Max concordou com a cabeça.

— É. Acho que estamos vendo quem é o *eftúpido*, e não é o Todd. Eu não acreditava no que estava acontecendo.

Eu, Todd Butroche, era mais legal do que Ernie Buchenwald.

O terror da situação transpareceu nos olhos de Ernie e ele balançou a cabeça, afastando-se. De repente vi o momento perfeito para usar meu movimento perfeito e joguei comida no ombro de Ernie. A comida fez um arco perfeito antes de explodir perto da orelha dele, sujando seus cabelos de bolo de chocolate e creme, descendo pelo pescoço e pelo ombro.

A Turma do Zoo caiu na gargalhada.

— MUITO BEM, NOVATO! — gritou Spud, me cumprimentando novamente. Max me olhou e deu uma risadinha. Agora sua risada não parecia nada assustadora.

— Bom trabalho, Bunda Dura — disse ele. — Se eu não disse isto antes, deixe-me dizer agora: seja bem-vindo à turma.

Ernie deu uma risadinha e se afastou. Eu o segui com os olhos até uma mesa vazia nos fundos, sobre a qual ele colocou uma caixinha de leite e seu saquinho marrom (sua mãe lhe preparava sanduíche de fígado todos os dias, eu sabia, razão pela qual ele tinha mau hálito), sentou-se e tirou o aparelho dental.

Por um instante eu quase me senti mal.

Quase.

*Finalmente o mocinho vence.* Olhei em volta imediatamente, saindo da cadeira antes mesmo que conseguisse parar e pensar em quem procurava ou no que fazia.

De repente, um pedaço de bolinho de milho me atingiu na cabeça.

Foi quando percebi. Duddy, era ele *quem* eu estava procurando. Era estranho demais o fato de ele não estar ali para ver o que aconteceu.

— Vamos lá, Novato, mostre a mágica do Bunda Dura! — gritou Spud, tirando-me dos pensamentos sobre meu ex-melhor amigo.

E então, como se para reforçar o que dizia, ele jogou uma rosquinha em mim.

Eu me virei e vi que, enquanto estava temporariamente atento a Duddy, a guerra havia ganhado força e agora a comida voava para além de nossa mesa até um grupo próximo de crianças do oitavo ano, todas meninas. O professor responsável se aproximou e ameaçou a todos com um castigo de uma semana, mas nem isso deteve a confusão.

O tornado de milho durou até poucos minutos antes de o sinal tocar, quando Max, presumo, se cansou de sujar as meninas do oitavo ano (jogando bolinhos amanteigados nelas) e anunciou:

— Vamos jogar pedras na família de esquilos na grande árvore. — Ele se virou para mim e perguntou: — Você vem?

Balancei a cabeça, dizendo que não.

— Não, acho que vou deixar para outra hora, sabe? — Apontei com a cabeça para a mochila dele. Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, sussurrei: — Não se preocupe, vou tomar cuidado.

— Você é quem sabe — disse ele, dando de ombros.

Assim que a Turma do Zoo desapareceu, abri a mochila de Max, preparado para ter uma conversa amigável com Lewis e seu grupo — se bem que, na conversa, Lewis e o grupo estariam ligeiramente nauseados —, quando finalmente ouvi uma vozinha implorando:

— Salve-nos, Grande Todd!

Com o coração disparado, remexi na mochila até encontrar a meia e a estiquei sobre a mesa, abaixando-me:

— Lewis, é você? — Não conseguia ver os traços dele sem os micro-óculos.

— Sim, Grande Todd, e precisamos da sua ajuda!

*Espera um minuto...* Virei-me para a parede e me curvei, de modo que ninguém me visse conversando com minha meia suja.

— Como vocês aprenderam inglês do dia para a noite?

— Max nos deixou diante de uma televisão de plasma de sessenta polegadas como as que o canal de vendas anuncia por três dias apenas por nove noventa e nove e noventa e nove. Ligue para 1-888-945-7777! — disse Lewis, com uma voz grossa de locutor. — Grande Todd, o que é um cartão de crédito?

Uau. Lucy tinha razão: eles eram mesmo inteligentes!

— Achei que você tinha dito que precisavam da minha ajuda.

— Precisamos — gritou ele em meio à bagunça na cantina. — Assim como Ashley em *The Bachelorette*. Tínhamos de saber o que aconteceu com ela, por isso prestamos muita atenção e aprendemos

sua língua tentando descobrir dicas sobre o que aconteceria. Mas Ashley não deve se casar com Jordan. Ela tem de se casar com Alex. Você pode alertá-la? Ela está arruinando a própria vida! — A multidão de toddlianos atrás dele de repente começou a gritar “Salve Ashley! Salve Ashley!”.

Vamos ver. Eu era legal agora e ainda assim estava conversando com um bando de pessoas em miniatura na minha meia de beisebol suja sobre *The Bachelorette*. Não tinha como isso ficar mais estranho! Fiz que não.

— Achei que *vocês* precisavam da minha ajuda.

— Você tem de nos resgatar, Grande Todd! Não deixe que Max fique conosco novamente. Estamos sofrendo terríveis injustiças e humilhações.

— Salve-nos, Grande Todd. Salve-nos! — gritaram os toddlianos.

— Por que vocês me chamam de Grande Todd?

— Porque você é o nosso líder supremo!

*Certo. Líder de alguma coisa.*

— Max está nos vendendo como escravos para seus amigos — continuou Lewis. — Ele diz que somos “mordomos”, mas assistimos à televisão o bastante na noite passada para aprender que mordomos têm sotaques diferentes e trabalham num lugar lindo chamado Downton Abbey. Escravos são maltratados e vivem numa terra cheia de ventos e devastada pela guerra chamada Tara. Além disso, ele vendeu Herman para o amigo de Max com cabelo feio.

— Você quer dizer o Dick?

— Esse mesmo! Ele deveria visitar o Supercortes e fazer alguma coisa a respeito daquele cabelo. Rápido, simples e com estilo. Não precisa nem agendar.

— Quem mais Max vendeu?

— Spud comprou Perséfone. Ela e Herman foram escravizados por apenas dez dólares cada um. Agora eu lhe pergunto: não valem

muito mais do que isso? No canal de compras, só o transporte do melhor par de saltos altos com lacinhas na ponta custa apenas nove e noventa e sete! Não sei direito o que transporte significa, mas não valem mais do que dez dólares para você, Grandioso? Você fará alguma coisa para resolver isso ou devemos apelar à Grande Juíza?

— Não sei se isso é o melhor...

Lewis começou a falar ainda mais rápido, sua voz quase estridente de tanta pressa.

— Se você não nos proteger, provavelmente morreremos queimados. Mencionei que Max está nos obrigando a saltar por círculos de fogo? É verdade! Não tenho mais sobancelhas! Elas foram queimadas na noite passada, quando fui obrigado a passar pelo Círculo do Inferno!

— Círculo do Inferno! — gritaram em coro os toddlianos.

Lewis parecia estar ficando desesperado.

— Como conseguirei que uma mulher solteira se case comigo sem sobancelhas? Não quero desrespeitá-lo, ó Grandioso. Mas, *por favor*, intervenha!

— Lewis, vou tentar, mas... — O sinal de aviso soou, temporariamente me salvando de ter de inventar uma explicação. — Por enquanto vocês têm de voltar à mochila.

Lewis concordou, sabiamente, e eu coloquei com cuidado a meia sobre os livros na mochila e a fechei, tentando ignorar os gritos por ajuda dos toddlianos.

Aquilo era pior do que eu imaginava. Pobres toddlianos. E Lewis parecia mesmo um orador de verdade. Ou um orador humanoide, que seja. Ele não merecia aquilo.

Mas o que eu diria para Max? “Ei, quero minhas pessoinhas de novo porque...” Se eu insinuasse que ele estava fazendo algo de errado, Max me devolveria ao grupo dos idiotas e eu seria torturado... como os toddlianos.



*Ugh!* Eu tinha de lhe dizer alguma coisa, mas o quê?

Max passou correndo pelas portas da cantina antes que eu pudesse me decidir. Ele deu a volta e jogou seus braços suados sobre meus ombros.

— Você deveria ter ido com a gente — declarou. — Destruímos um ninho cheio de filhotinhos de esquilo e depois...

Era agora ou nunca.

— Max, eu... eu...

Minha visão ficou embaçada enquanto eu tentava encontrar as palavras certas. Por fim meu olhar se deteve em Spud — que estava chutando um parquímetro — e Dick, que estava ali, rindo.

— Eu sei — disse ele, acenando para os amigos. — Aqueles caras são uns idiotas às vezes, mas tenho de ficar com eles. — Ele jogou a mochila nos ombros, fazendo com que meu estômago se revirasse, e apertou meu braço. — Preferia ficar com você. De qualquer modo, vamos para o ginásio jogar um pouco de basquete, irmão! — Ele riu de si mesmo e eu ri também.

O que me preocupava? Se os toddlianos podiam viver da sujeira na minha meia, eles tinham de ser bem durões.

Max não havia matado nenhum deles por enquanto — ele não poderia machucá-los e ainda assim conseguir uma nota 10.

Uns poucos dias fariam mesmo tanta diferença assim?





## CAPÍTULO 11



### HERMAN

— T-t-t-ãããão frio — sussurrei, batendo os dentes, apenas para me convencer de que não tinha ainda morrido congelado. Tentei me cobrir com as páginas do enorme livro aberto sobre o qual estava sentado, mas sem sucesso. As páginas amareladas eram finas demais para me manter aquecido e farfalhavam zombeteiramente enquanto eu tremia.

Aninhei-me no espaço entre as páginas gigantescas do Volume I da Enciclopédia Britânica, o nome inscrito na montanha de livros empilhados debaixo de mim. Vários volumes estavam abertos no chão, e eu passara o tempo como um preso naquele quarto cinza e cavernoso, explorando o conteúdo. Quando finalmente comecei a temer contrair aquilo a Volume H se referia como "hipotermia", decidi escalar o monte Britânica para tentar me manter aquecido.

*Mas nem a escalada nem os papéis eram capazes de me aquecer. Eu morreria entre as páginas, sozinho e anônimo. Adeus, Herman. Você tem de ser corajoso.*

*No começo achei que a fome seria meu pior inimigo. Tudo o que eu havia comido em três dias era um pouco de caspa da roupa suja e nada agradável de Dick. Mas a figura maternal dele desde então colocara as roupas na boca de uma enorme máquina branca que zumbia e tremia ao mastigar e digerir. Minha barriga roncava, e eu rasguei um canto de página e mastiguei o pedaço. Eca! Minha boca estava seca demais para engoli-lo, e eu cuspi a massa pela beirada da montanha.*

*Bocejei e me encolhi no alto de um diagrama colorido intitulado Trato Intestinal. O diagrama era liso e frio, o que me deixaria acordado por um pouco mais de tempo. A sonolência era um sinal claro de hipotermia.*

*Aprendi dados dos outros volumes para estimular minha mente — se o pinguim-macaroni tinha sido extinto, o que realmente afundara o Titanic — e recitei a poesia de Housman, Albert Edward para mim mesmo, seguida pela prosa de Hardy, Thomas.*

*— Simplesmente durma — uma voz insistia dentro de mim. — Pare de pensar e feche os olhos. — Meus olhos se fecharam e eu imaginei a figura maternal cantando uma canção de ninar toddliana:*

*Toddlândia, Toddlândia, nosso lar dentro de uma meia.*

*Toddlândia, Toddlândia, de floresta, colinas e pedras,*

*Desde o salgado rio de Suor até o grande mar Seboso,*

*Toddlândia, Toddlândia, nosso amor dedicamos a ti.*

*Pensar em minha figura maternal me fez acordar. Ela devia estar sofrendo muito pelo fato de eu não retornar. Tinha de me aquecer pelo bem dela.*

*Levantei-me e esfreguei os olhos, depois fui até a beirada da página para ter uma vista melhor das cercanias. Com certeza deveria haver um lugar mais quente em algum lugar dentro daquelas paredes. À minha esquerda havia vários instrumentos que pareciam ferramentas de algum tipo. Sob a parede de ferramentas, havia uma prateleira com uma enorme serra circular com dentes afiados. O luar brilhava sobre o metal prateado, e eu tremi.*

*Na parede à minha direita — o que era aquilo? Um gigantesco monstro vermelho agachado no chão, olhando para mim com olhos prismáticos. Como não havia notado aquilo antes?*

*O monstro era brilhante e de um ardoroso vermelho, como os sapos venenosos sobre os quais eu lera no Volume S. Mas, ao contrário dos sapos, que tinham um coaxar alto, este monstro estava imóvel e em silêncio. Sem dúvida esperava que eu me aproximasse para atacar.*

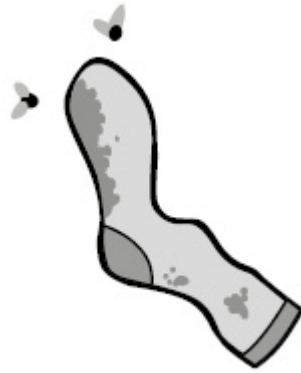
*Foi então que uma luz forte preencheu o ambiente quando a figura paterna de Dick entrou e se aproximou do monstro. Ele abriu a lateral e subiu nele, gerando um barulho e emitindo uma nuvem de fumaça por sua abertura anal. Então o portão atrás do monstro se abriu e ele saiu de ré. O portão se fechou.*

*Arrastei-me para o meio da página, tentando entender o que tinha visto. Seja lá o que fosse a criatura vermelha, a figura paterna de Dick não tinha medo dela; na verdade, ele parecia domá-la e controlá-la. A fumaça indicava um incêndio interno de algum tipo... Espere! Eu lera sobre combustão interna numa página.*

*Sim! Estava bem debaixo de mim! A luz permanecia acesa, dando-me uma visão melhor do diagrama sob as palavras Motor de Combustão Interna. Rapidamente absorvi as informações relacionadas ao motor e logo percebi que o temível monstro que me assustara tanto não era nada além de uma máquina conhecida como automóvel, comumente chamada de "carro".*

*Ri, aliviado. Herman, seu tolo, você tem tanto a aprender! Mas de uma coisa eu sabia: se eu encontrasse uma forma de entrar no carro*

*quando ele voltasse, eu estaria aquecido!*





## CAPÍTULO 12



**Não tive oportunidade de** conversar com Max sobre cuidar melhor dos toddlianos durante a aula de Educação Física, mas fui escolhido *em terceiro lugar* quando montamos times de basquete, o que era a segunda coisa mais legal que havia me acontecido.

A primeira era ter me tornado amigo de Max.

Você lê sobre os benefícios de ser popular, mas sentir aquilo em primeira mão era totalmente diferente. Por exemplo, quando trombei com Frankie Peito-Peludo-aos-Onze Ludevick, que se preparava para um último arremesso, *ele* pediu desculpas para *mim*, não o contrário.

Eu podia muito bem me acostumar àquilo.

A única coisa que não foi legal durante a aula de Educação Física foi quando Max e alguns alunos maiores do sexto ano roubaram a

cueca do Bob Esponja de Ike e a jogaram na água. Não sei o que ele usou como cueca pelo restante do dia — tentei me lembrar se Duddy tinha cuecas extras guardadas em algum lugar para emprestar —, mas Ike saiu correndo e riu com todo mundo. Ele era bem-humorado, aquele menino.

Por falar na atitude bobona de Duddy, uma hora mais tarde eu me descobri caminhando um quarteirão atrás dele a caminho de casa. Pela forma como ele chutava o ar e agitava os braços, era óbvio que ele estava envolvido com o *Dragon Sensei*.

Eu me percebi apressando o passo para conversar com eles — havia prometido a Duddy que brincaria com ele depois da escola — quando alguém me bateu com força nas costas e eu quase caí. Eu me virei para encontrar meu rosto no sovaco de Max.

— Ei, Bundinha, por que você está correndo? Cara, precisamos trabalhar no nosso projeto de ciências.

— Ah, certo — eu disse para o sovaco. — Podemos ir à sua casa. Onde você mora?

— Não, isso não vai dar certo. Meu irmão tem essa coisa semanal com seu agente da condicional, então é melhor irmos para a sua casa. Além disso, estou com nossa nota 10 bem aqui. — Max tirou minha meia do bolso e eu pude ouvir os toddlianos gritando. Eles provavelmente teriam de reconstruir todo o vilarejo depois de terem sido esmagados daquele jeito.

Mamãe gostou muito de ver Max quando entramos.

— Que bom que você está fazendo novos amigos, Todd.

Daisy estava na pia, e mamãe estava tirando ovinhos grudentos com casca e tudo do cabelo dela. Camo estava na bancada, comendo um monte de salgadinhos com tanto gosto que acho que ele estava cansado de minhocas.

— Vou manter a Daisy ocupada e longe do seu quarto enquanto vocês brincam.

Assim que tirei VanderPuff da perna de Max, seguimos pelo corredor.

Estendi minha meia sobre a mesa e vesti os micro-óculos para conseguir averiguar o dano causado sem forçar a vista. O vilarejo estava todo arruinado. Mas, em vez de reparar as cabanas, os toddlianos estavam fazendo...

— Truques de circo?

— Sim! Não é legal? — Max tirou um DVD da mochila e me entregou. Tinha um palhaço esquisito na capa e um monte de pessoas musculosas fazendo contorcionismo atrás. Não consegui ler o título, já que estava num idioma estrangeiro.

— O que está dizendo?

— *Cirque du Soleil*. O DVD é da minha mãe. Eles fazem uns números *incríveis*. Coloquei isso para os insetos aprenderem à noite, depois que eu fui dormir.

— Mas eles não precisam dormir também?

— Cara, eles podem dormir depois que tirarmos nosso 10. Olhe só!

Eu me estatelei em minha cadeira e Max mandou os toddlianos “agirem”.

E eles agiram! Vários correram até uma das poucas cabanas restantes enquanto um dos meninos cantavam uma bizarra e aguda música de ópera. Eles haviam penteado os cabelos e os pintaram de todas as cores do arco-íris. Seus trajes tinham cores malucas também. Três deles fizeram uma torre tripla de toddlianos, enquanto outros dois esticaram uma borrachinha ao máximo. Uma toddliana correu para a borrachinha e então *vupt!*, ela se catapultou até o alto da torre. Bati palmas com tanta força que derrubei a torre e eles caíram.

— Desculpe — disse para eles. — Isso foi incrível!

Os toddlianos se refizeram e se curvaram diante de mim.



— *iGracias, El Magnífico!*

Eu me voltei para Max.

— Acho que eles estão falando espanhol.

Ele deu de ombros.

— A Univision provavelmente entrou no ar depois que o DVD acabou. Legal, né? Cara, veja o pretzel.

Na hora certa, uma menina toddliana numa espécie de traje de banho amarelo foi até o meio da meia e contorceu o corpo de maneiras impensáveis. Ela saltava como uma aranha de quatro patas — seus braços estavam onde suas pernas deveriam estar e suas pernas estavam onde seus braços deveriam estar. Seu rostinho estava contorcido num riso nervoso. Ela com certeza não estava se divertindo.

— Certo, já vi o bastante — eu disse antes que ela quebrasse a coluna. — Flexibilidade impressionante.

Ela se recompôs, se curvou e disse:

— *El gusto es mio, Señor Todd.*

— Hum, *no comprendo*. — Eu não prestava muita atenção à aula de espanhol.

— O prazer é meu, Grande Todd. — Ela voltou para a cabana e dois toddlianos homens usando trajes de leopardo trouxeram uma máquina que parecia uma roda de hamster enferrujada.

— Você vai amar isso — disse Max. — Eles chamam de “Roda da Morte”.

Os toddlianos se curvaram e entraram na roda. Max a girou e a roda fazia um barulho irritante. Os toddlianos saltavam de uma barra à outra, tentando acompanhar enquanto Max girava a roda cada vez mais rápido. Quando ele lhes jogou um pedaço de fio, o toddliano saiu da roda e correu no alto, tentando pular corda. Eu não conseguia mais ver aquilo.

— Aaaiiiii! — gritou o toddliano que pulava corda ao cair na mesa. Seu amigo saiu da roda e o ajudou a se levantar. — *Lo siento* — disse o machucado para mim enquanto mancava de volta para a cabana. — *Estoy muy cansado*.

— O que ele está dizendo? — perguntei para Max.

— Como se eu soubesse. Provavelmente diz que vai acertar da próxima vez, que quer tentar de novo.

— Ele diz que está exausto — disse uma vozinha familiar. Lewis saiu da cabana usando algo que parecia exatamente um pedaço de um balão azul rasgado. Seus cabelos foram pintados de roxo, mesmo tom de suas sardas. Ele se virou para mim. — Estamos todos exaustos, Grande Todd. Max não nos deixa descansar, e precisamos descansar.

— Ah, que bom! — disse Max ao ver Lewis. — Lardo, o Menino em Chamas, está pronto para seu número!

— Por favor, não me faça tentar isso de novo! — Lewis/Lardo implorou. — Estou tão cansado. — Ele ergueu os braços para mim e pediu: — Grande Todd, tire-me daqui!

Max pareceu não ter ouvido. Ele mergulhou uma vareta de fazer bolha de sabão num recipiente que parecia conter aquela coisa que usamos para limpar nossos pincéis na aula de Arte.

— O que é isso? — perguntei.

— Terebintina — disse ele, derrubando um pouco na minha mesa. — Este é o grande final. Preste atenção!

Lewis foi até o outro lado da meia, onde subiu num pedaço de palito de pirulito sobre quatro rodas de carrinho Matchbox. Ele ganhou velocidade e saltou de uma rampa. Em certo momento ele tinha de passar pelo círculo da vareta de fazer bolha de sabão, mas acabou batendo nela, derrubando-a.

— *Errou!* — disse Max. — Talvez se eu acender o fogo você... — Enquanto eu arregalava os olhos, Max de repente parou e fechou os

dele, respirando fundo. Ao abrir os olhos novamente, disse, com uma voz mais amena. — *Quero dizer* — disse, olhando para Lewis —, eu o encorajo a tentar novamente, cara. — Lewis pareceu confuso quando Max se virou para mim e disse: — Você tem de cuidar da autoestima deles. Mantê-los motivados. Andei lendo os livros de administração do meu pai.

Eu não sabia o que responder, por isso apenas fiquei olhando para meu toddliano preferido. Lewis me olhou com espanto. Ele não disse nada. Ele realmente não precisava dizer.

— Você acha mesmo que ele está preparado para isso? — perguntei, meu coração batendo rápido. — Por que não o deixamos descansar por um minuto?

Max bufou.

— A feira de ciências é neste fim de semana, cara. O Meninão pode descansar quando ganharmos aqueles ingressos. — Max acendeu o isqueiro e pôs fogo no círculo.

Lewis pegou o skate e voltou para o outro lado da meia. Ele suspirou e pedalou rumo à rampa. Desta vez ele passou pelo círculo. O traje de balão superaqueceu na passagem e explodiu, o que lançou Lewis alto demais. Seus cabelos roxos se transformaram numa chama alaranjada.

— Pare, jogue-se no chão e role! — gritei, procurando algo úmido. Finalmente peguei uma esquecida lata de refrigerante na minha mesa e joguei um pouco nele, apagando o fogo. — Lewis, você está bem?

Ele estava deitado de costas, usando nada além de uma camiseta, mas conseguiu erguer a cabeça.

— Logo ficarei bem, graças a você, Grande Todd. — Sua cabeça caiu novamente na meia; depois ele voltou a erguê-la, lambendo os lábios: — O que é este delicioso líquido doce?

— Dr. Pepper — respondi. — Cuidado, é meio viciante. — Estendi meu mindinho e ele o segurou e se sentou.

Max deu aos toddlianos um intervalo de cinco minutos e, assim que ele não podia nos ouvir, eles começaram a pedir ajuda.

— Você não vai nos salvar, Grande Todd? — o cantorzinho implorou. — Estou com tanto sono! Não posso... continuar. — Ele esfregou os olhos e bocejou.

— Farei o que puder — prometi, me maldizendo por concordar com deixar Max cuidar dos toddlianos. Eles pareciam exaustos e tristes, as togas sujas e rasgadas, com pequenas olheiras. — Mas vocês têm de ter paciência. Preciso de tempo para bolar um plano.

Lewis lambeu os lábios.

— Posso tomar mais deste delicioso néctar enquanto esperamos?

Assim que os cinco minutos terminaram, Max os obrigou a voltar a praticar. Ele deu a Lewis um número mais seguro assim que ele se secou, deixando-o fazer malabarismo. Lewis não estava muito melhor do que havia estado sobre o skate e uma vez desmaiou ao bater na própria cabeça com uma bola de gude. Derramei mais refrigerante nele e ele acordou.

Em determinado momento, Max queimou o dedo acendendo uma vareta e foi ao banheiro jogar água fria sobre o dedo. Enquanto ele estava fora, Lewis disse:

— Como está indo seu plano, Grande Todd? Não pretendo questionar sua sabedoria infinita, mas até Max deve concordar que isto é mais do que suportamos.

Senti meu coração bater ainda mais rápido. Sabia que Lewis tinha razão, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Não naquele momento. Será que ele percebia isso?

— Vai demorar um pouco mais do que isso, Lewis — eu disse. — E não posso prometer nada. Quero dizer... farei meu melhor.

Lewis passou a mão pelo couro cabeludo queimado e disse baixinho:

— Mas você é todo-poderoso.

— Não... não sou! — Senti meu rosto ficar todo vermelho, e aquela sensação no meu estômago se transformou em raiva. Eu não era uma espécie de deus! Por que eles não entendiam isso com seus cérebros minúsculos? — Sou apenas um menino do sexto ano, meu Deus do céu! Não posso nem mesmo dormir depois das nove e meia! Não posso resolver tudo. Não consigo nem mesmo limpar meu quarto! Nunca pedi para ser seu mestre ou governante ou seja lá o que for da Toddliândia! Não consigo nem mesmo manter um maldito *caranguejo* vivo. Pelo que sei, vocês são um monte de *pepperoni* num péssimo sonho de pizza! — Deixei de sussurrar e comecei a gritar. Os toddlianos me viam com os olhos arregalados e a boca aberta.

— É assim que se fala com eles! — disse Max, me batendo nas costas com a mão úmida. — Tem de controlá-los e desanimá-los, senão eles tomam conta de você. Mostre quem é que manda! — Ele estralou os dedos e lançou um riso sinistro para a mesa.

Tirei os micro-óculos e engoli em seco.

— Talvez devêssemos acabar com o circo e pensar em outra coisa.

Max jogou a cabeça para o lado como um cachorro faz quando ouve um som agudo demais.

— Uma espécie de corrida de demolição usando carrinhos Matchbox?

— Não, quero dizer...

— Podemos tirar o fundo dos carros e eles os impulsionariam com os pés, ao estilo Fred Flintstone.

Vi meu conjunto de montar perto da escrivaninha.

— Ou... podemos construir uma estátua e colocar um motor para fazê-la se mover! — respondi.

Max ficou furioso.

— Que tipo de besteira nerd é essa, Bunda Dura? Você está tirando sarro de mim?

Fiquei todo vermelho e meu rosto se aqueceu como o Círculo do Inferno. Max provavelmente tinha razão. Uma estátua móvel? *Muito bem, Todd*. Que tipo de idiota tem uma ideia dessas? Max se jogou na minha cama e bebeu o que restava de Dr. Pepper. Sua voz era menos ácida.

— Além disso, todas as crianças provavelmente montarão algo assim. CHA-TO. — Ele amassou a lata vazia com apenas uma das mãos. — Mas uma civilização novinha realizando perigosos números de circo? Bem, posso sentir o cheiro de nota 10. — Ele colocou as mãos atrás da cabeça e se espreguiçou.

Eu girei na minha cadeira.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Max?

Ele resmungou alguma coisa.

— Por que você quer tanto tirar esse 10? Quero dizer, e não entenda errado, você não parece se preocupar muito com notas. — Fiquei tenso, esperando pelo golpe.

Ele suspirou.

— Você tem de conhecer meus pais — explicou ele. — Meu irmão se envolveu em todos os tipos de problemas e não se formou, e, como sou o único outro filho deles, se não tirar um 10... bem, eles não vão me dar o novo Xbox que prometeram. Ele vem com a versão mais recente de *Madden*.

— Legal.

— Sim. Então sinto muito se o Insetinho se machucar, mas vou tirar 10. O Novíssimo Circo de Pulgas vai acontecer, não importa de que maneira. Como meu velho diz: "Prioridades, filho. Prioridades".





## CAPÍTULO 13

**Alguém bateu na porta** e eu dei um pulo. Sem esperar resposta, mamãe colocou a cabeça dentro do quarto.

— Adivinhe só, querido! Mais companhia! A Lucy está aqui para brincar também.

— Mamãe, acho que não...

Antes que eu pudesse terminar a frase, Lucy entrou no quarto e foi até minha mesa, ignorando totalmente Max.

— Apenas achei melhor vir ver como os toddlianos estão se saindo, depois de *ontem*. — Ela arqueou a sobrancelha e eu a entendi claramente.

Max se sentou e minha cama rangeu com o peso dele.

— Tudo bem, mas tudo estaria melhor se se já tivessem aprendido aqueles números de circo. Quer ver o que já conseguem fazer?



Lucy franziu a testa.

— Números de circo? — Ela me lançou um olhar, mas eu me esquivei. Não era preciso ter um Q.I. tão alto quanto o de Lucy para saber o que ela pensaria desta confusão toda. Entreguei os óculos, e Max os mandou fazer todos os números ao mesmo tempo, de modo que fosse algo mais parecido com um circo de verdade. Não fiquei olhando, Max gritou quando Lewis passou pelo Círculo do Inferno vivo. Acho que ele passava melhor pelo círculo se usasse apenas uma cueca. Eu me senti ainda pior por ele; devia ser humilhante ter de ficar só de cueca com uma menina gigantesca no quarto.

Ao assistir àquilo, Lucy ficou pálida. O trapézio se quebrou durante um número dos toddlianos voadores; então, enquanto Max revirava a mochila atrás de um clipe para consertá-lo, Lucy se aproximou de mim:

— Todd! Acho que Lewis acabou de me pedir, em espanhol, para convencê-lo a acabar com essa “praga de tristezas” e devolver o lar deles para debaixo da sua cama.

Max voltou com um clipe e o dobrou até ficar na forma correta.

— Aí está, insetinhos, voem! — Ele riu para Lucy. — Legal, né?

Ela lançou um olhar maldoso para ele e depois se virou para mim.

— Todd, por que vocês estão torturando estas pobres criaturas? É nojento.

— Projeto de ciências — respondi, esperando que ela se contentasse com isso.

— Você queria ter pensado nisso antes, certo? — acrescentou Max.

— Não, de jeito nenhum. Em primeiro lugar, não frequento a escola pública. Segundo, o que vocês estão fazendo é desumano.

— Desumano? — perguntou Max. — Olhe só para estes insetinhos. Eles adoram. — Max entregou um pedaço de fio dental

para alguns toddlianos fêmeas para que passassem por baixo e por cima dele. Parecia que elas estavam prestes a vomitar.

— Todd, deve haver uma explicação melhor.

— Se ganharmos, vamos competir na feira de ciências de Topsfield no fim de semana. — Minha voz soou fraca, até mesmo para mim.

Lucy revirou os olhos.

— Coisa de amador!

— Diga-lhe o que ganhamos se conseguirmos o primeiro lugar, Bunda Dura.

— Ah, passeios de graça o fim de semana todo.

Ela me encarou.

— Você está me dizendo que está arriscando a vida dos toddlianos para poder se empanturrar de bolinhos de chuva e depois vomitar numa montanha-russa?

— Bem... — tentei encontrar uma resposta. — Não exatamente. Nós...

— Você age como se eles não estivessem sendo cuidados — interveio Max. — Não queremos machucar os insetinhos. Como vamos conseguir aqueles passeios de graça com eles mortos?

Lucy ficou boquiaberta.

— Como lhe disse antes, eles são muito delicados!

— Cara, não se preocupe com isso! — disse Max, balançando o fio dental para que os toddlianos se equilibrassem nele. — Fiz um kit completo de primeiros socorros em casa depois que um deles se cortou.

Lucy tremeu e seu rosto passou de branco a rosa.

— Mas aprendi que Neosporin deixa a pele deles azul. Sabe por quê? — Ele fez círculos cada vez mais rápidos com o fio dental. Os

toddlianos gritaram e se apegaram às suas vidas. — Acho que vai ser um show bem empolgante.

Lucy respirou fundo e disse, entre dentes cerrados:

— Eles comeram? Eles precisam de muitos nutrientes.

Max soltou o fio dental e os toddlianos ficaram andando em círculos, tontos, e depois caíram no chão.

— Claro que os alimentei. Na noite passada dei a eles Doritos e Mountain Dew, o que os fez andar de um lado para o outro feito loucos. Vou cuidar para lhes dar um pouco disso antes do show para que fiquem bem ativos.

Lucy choramingou.

— Eles não comem muito — continuou Max. — Mas aquilo foi legal. Comi a sobra, então nada foi desperdiçado. — Ele se aproximou para dar início ao “número do mergulho”, como chamava, e depois me mandou para o banheiro a fim de encontrar algo que servisse como piscina.

Eu estava enchendo um copo de água quando Lucy surgiu e trancou a porta.

— Todd, sei que, em algum lugar no fundo da sua personalidade, você é uma pessoa bondosa e solidária.

Levantei os olhos.

— Mesmo?

— Você pode chamar o outro Todd para que eu possa conversar com ele? — Ela chegou tão perto de mim que nossos narizes se tocaram.

— Ah... talvez?

Ela suspirou dramaticamente.

— Lembra quando você ensinou dança de rua para a Daisy?

— Você *viu* aquilo?

— Moro aqui em frente — respondeu ela, como se fosse óbvio. — A lição deu errado e a Daisy sangrou pelo nariz tentando fazer o movimento da minhoca, mas você usou sua camiseta para conter o sangramento e aquilo foi... — ela parou, colocando sua mão sobre a minha. — ... gentil. — Tremi, e Lucy me olhou nos olhos. — Por favor, diga àquele nobre Todd que ele precisa resgatar seu povo de Max, que pode querer o bem, talvez, mas não conseguiria cuidar de uma pedra nem se ela viesse com instruções.

— Lucy, fui eu quem estragou tudo com Leonardo da Pinchy. Não...

Max abriu a porta do banheiro e eu me afastei rapidamente de Lucy.

— UAU! O insetinho com rabo de cavalo estragou o pouso! — Ele olhou para Lucy e depois para meu rosto todo vermelho. — Desculpe, cara. Não queria interromper o namorico de vocês, mas temos de colocar um show em ação aqui.

— Ah, não estávamos...

— Que seja. — Ele me deu um soco no braço. *Au*. — Vamos lá, vocês podem namorar outra hora. Vamos ensiná-los a fazer o Mergulho do Perigo.

Max pegou o copo e voltou para meu quarto.

— Ótimo — eu disse. — Agora ele acha mesmo que você é minha namorada.

— Quem se importa? Temos problemas maiores. Todd, você tem de fazer alguma coisa! — ordenou Lucy. — Ele vai matá-los! Eles não sabem nadar!

Cruzei os braços.

— O que posso fazer?

— Mande-o embora. A casa é sua!

*Era* minha casa. Mas então por que estava deixando que ela mandasse em mim e me dissesse como tratar meus amigos?

Eu esperava que isso mudasse esse ano. E aquela mudança estava mesmo começando a acontecer, graças a Max. Quem ela achava que era? E o mais importante: quem aquelas criaturas achavam que eram, invadindo minha meia, meu quarto, minha *vida*? Não que eu estivesse entediado ou que tivesse lhes pedido que comessem uma civilização só para que eu pudesse perder tempo sendo o deus deles.

— Todd, você está me ouvindo? — Ela estalou os dedos diante de mim. Foi quando explodi. O sangue fervia em minhas veias. Eu me transformei no Todd do Mal.

— *Você não pode me dizer o que fazer, Pedoto!* Você nem mesmo é minha *amiga*. Você é apenas a aluna da minha mãe e eu estou cansado de você mandando em mim *NA MINHA PRÓPRIA CASA!*

Max voltou, acho que para ver a ação. Ele parecia empolgado e me deu um soco no braço de novo. *Ai!*

— É isso aí!

Eu meio que esperava que Lucy se voltasse contra mim como ela havia feito com a Turma do Zoo no dia anterior. Ela era durona, muito mais do que eu, para ser honesto. Mas, quando olhei, vi que o rosto dela estava branco. Seus olhos escuros brilhavam. Seu queixo tremeu e ela abriu a boca para falar, mas logo a fechou.

Eu me senti mal, mas o que ela esperava falando daquele jeito? Não se pode dizer a verdade às pessoas o tempo todo. Por isso é que ela não tinha amigos.

Então caiu a ficha: provavelmente por isso é que ela parecia tão triste.

Ela achava que *eu* fosse seu amigo.

— Lucy, eu...

Ela se voltou para mim, me encarou e empinou o nariz corajosamente, mas sua voz falhou e ela disse:

Daqui por diante, você cuida de seus próprios problemas, Butroche.

Max bufou.

— É *Bunda Dura*, sua boba. Jesus! Eu achava que você fosse inteligente.

Ela saiu pelo corredor. Depois de um segundo, eu a segui.

— Lucy, espere! — Mas ela não diminuiu o passo. Da bancada, mamãe se virou para ver Lucy passar correndo pela cozinha e sair pela porta da frente.

Mamãe parou de cortar brócolis e arqueou a sobrancelha para mim. Daisy estava no chão da cozinha, gritando e batendo palmas enquanto Camo passava por obstáculos de tubos de toalha de papel e caixas de cereais.

Dei de ombros para mamãe e voltei pelo corredor.

— Ah! Garotas...

Quando voltei ao meu quarto, Max tentava convencer os toddlianos a mergulhar no copo com água.

— Olhe só isso! Achei que seria uma boa folga para Lardo depois da queimadura acidental.

Sentei-me ao lado de Max, meu mais novo e legal amigo.

— Aqui está o nosso 10 garantido! — anunciou ele. Lewis estava na ponta do gordo dedo indicador de Max, que ele mantinha sobre o copo com água. — Rufar de tambores, por favor. — Ele acenou para mim e eu obedientemente bati com os dedos na escrivaninha.

— Um, dois, três! — ele disse, virando o dedo de cabeça para baixo e derrubando Lewis na água. — CANHÃO!

Lewis apareceu na superfície segundos mais tarde, procurando ar.

— Ele não sabe nadar!

— Ah, ele vai aprender. Foi assim que meu pai me ensinou! — Max riu.

Lewis mergulhou novamente e eu, sem pensar, inverti o copo na palma da minha mão e deixei a água escorrer na lixeira. Quando ergui o copo, Lewis estava entre meus dedos, ensopado e procurando ar.

— Cara, por que você fez isso? Agora tenho de pegar mais água.

— Porque ele estava se afogando.

Max revirou os olhos e se levantou.

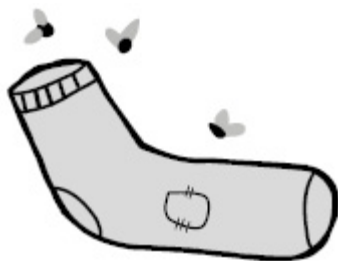
— Não seja molenga comigo, Bunda Dura. — Enquanto ele estava no banheiro enchendo o copo, pus Lewis no meu ombro. — Entre nos meus cabelos — sussurrei, inclinando a cabeça. — Ele nunca vai sentir sua falta.

Lewis não precisou ouvir aquilo duas vezes. Ele subiu por trás da minha orelha antes que Max fechasse a torneira.

— Obrigado, Grande Todd — disse ele. — Sabia que podia contar com você.

— Ah, claro — respondi. — Bom saber disso.

Pelo menos um de nós sabia que podia contar com o outro.





## CAPÍTULO 14



### PERSÉFONE

*Eu provavelmente não deveria tê-lo mordido. Mas o que mais eu podia fazer?*

*Ele me agarrou com sua mão enorme e eu entrei em pânico. Pelo menos tive o prazer de ouvir o grito de Spud antes que ele me banisse para um compartimento escuro da sua mochila. Planejei mordê-lo com mais força, provocando mais dor assim que escapasse. Isto é, se eu sobrevivesse ao abandono naquela coisa.*

*Um comprido graveto amarelo rolou no compartimento ao lado e eu subi nele, ajeitando-me no alto. Se eu morresse, o que aconteceria ao restante do meu povo? Será que eles estavam abandonados em compartimentos assim também? E quanto a Lewis? Ele era um bom amigo. Eu nunca lhe disse como ele ficava bonito quando ria e suas sardas dançavam em seu rosto.*



*UOU! Spud se sacudiu e eu soltei o graveto amarelo e caí no fundo do compartimento. É o que você consegue por ser sentimental, Perséfone. Esqueça as sardas. Concentre sua energia na fuga.*

*— Ei, bobão! — Dick gritava. — Deixe-me andar na sua bicicleta!*

*— Deixe-me sozinho! — reclamou uma voz baixinha. — É minha! Ganhei de anifersário!*

*— Ah, que lindo. Ele ganhou de anifersário! — A mochila foi jogada para a frente e eu caí de costas. — Vou dar uma voltinha.*

*Mas então Spud gritou:*

*— IUUUUUUU!*

*De repente eu estava viajando rápido, descendo. Voei pela mochila, bati em algo duro e tudo ficou escuro. Quando acordei, estava no fundo da mochila, toda machucada.*

*Por quanto tempo estive desmaiada?*

*A mochila de repente foi virada de cabeça para baixo e eu rolei para a luz, caindo num recipiente cheio de estranhas cordas de mola.*

*— Divirta-se, menininha — disse Spud, batendo a porta ao deixar o quarto. Examinei o ambiente, notando que devia estar na cama de Spud. Gemi, tentando ignorar a dor na minha cabeça por ter sido jogada de um lado para o outro na mochila dele.*

*A substância no recipiente era colorida e mole. Parecia a comida do Pasta Garden que eu vira humanos comendo na televisão de Max. Mordisquei um fio. Definitivamente não dava para comer. Peguei um pedaço azul e vi que não eram fios soltos, mas uma espécie de laço. Pegando um pedaço, estendi os braços ao máximo. O lacinho era inacreditavelmente grudento! Ocorreu-me uma ideia. Que pena que Herman não estava por perto, senão ele poderia construir alguma coisa.*

*Deixe para lá. Ele poderia construir alguma coisa depois que eu o resgatasse.*

*Trouxe o laço para perto do peito e o abri como se fossem asas. Depois entrei na pilha de massa, saltando cada vez mais alto, até que saí do recipiente e pousei numa mesa muito bagunçada. Havia uma enorme maçaneta num painel abaixo de mim e eu descí até alcançá-la, depois subi até o outro lado e andei para trás até que a massa estivesse firme. Respirei fundo e me soltei, depois caí de costas. Finalmente tirei um pé do chão, fechei os olhos e ergui o outro pé.*

*— Liberdaaaade! — gritei ao voar, o vento soprando no meu rabinho de cavalo. Eu podia me acostumar a isso!*

*Mas a fabulosa emoção do voo foi curta. Antes que eu percebesse, estava caindo de cabeça numa floresta fechada de árvores escuras. Sentei-me e mexi meus membros. Nada parecia quebrado, mas eu tinha alguns ferimentos.*

*Ouvi vozes diferentes ao longe e fui para a porta. Tive uma ideia. Na hora certa nosso líder saberia a verdade sobre o que nos aconteceu. E tive uma ideia sobre como alcançar o Homem Responsável: o "Grandioso", como Lewis o chamava. Todd.*

*Estava ofegante ao chegar ao início do corredor. Parei para respirar, depois passei por sob a porta até um longo corredor com uma luz trêmula no fim. Talvez tivesse de andar a noite toda pela floresta, mas chegaria àquela luz e àquelas vozes.*

*À medida que as vozes ficavam mais altas, também ouvia barulhos que não pareciam vindos da raça de Todd.*

*Novamente estava enganada. Uma versão maior de Spud estava sentada num enorme sofá coberto por flores douradas e alaranjadas. De perto, os cabelos dele eram mais cinza do que os de Spud e não havia muito cabelo, apenas um círculo sobre a cabeça. O cheiro horrível de seus pés me impediu de me aproximar. Ele quase engasgou com um dos bolos brancos que comia, depois o regurgitou e cuspiu num copo.*

— Isso mesmo, Duke — gargalhou ele. — He he he.

Virei-me para a tela para ver o que havia de tão divertido no tal de "Duke". O que vi foi um homem crescido que usava um chapéu de aba larga. Ele tinha o que parecia ser uma pele animal sobre as pernas e aqui está a parte mais divertida: ele estava sentado num trono especial no meio de uma magnífica criatura cor de cobre de quatro patas. O Duke devia ter poderes mágicos para convencer um ser tão nobre a carregá-lo!

Ao abrir os olhos azul-claros e os lábios cobertos de pelos para falar, fiquei convencida: não era uma pessoa comum.

— Não vão me enganar, não serei insultado e não apanharei. Não faço isso aos outros e exijo o mesmo deles.

Meu coração bateu forte ao compreender melhor aquelas palavras. Desde que Todd trouxe meu povo à luz, fomos enganados e insultados. Até mesmo Todd, que Lewis tinha certeza de que cuidaria de tudo, havia permitido que sofrêssemos nas mãos de seus amigos bárbaros. Eu queria acreditar nele como Lewis — mas ele tornava as coisas mais difíceis.

Virei-me para olhar em volta e rapidamente vi o que buscava. Enquanto o Spud maior estava envolvido com as aventuras de Duke, subi na estrutura grande de madeira que continha o que Max chamava de "computador".

Só precisava subir até a tela.

Mas, antes de começar a escalada, parei e olhei para a tela à qual o Grande Spud estava assistindo.

Talvez eu pudesse me inspirar naquele tal de Duke.





## CAPÍTULO 15



— **O que é esse som infernal?** — perguntou Lewis. Ele estava no seu lugar preferido sobre meu ombro, assistindo a episódios do *Dragon Sensei* comigo, deitado na cama, tentando relaxar depois da visita de Max e Lucy.

Verifiquei a tela. Alguém estava me convidando no Skype: SpudIsAwesome.

— Spud quer falar comigo? — perguntei, quase derrubando Lewis ao me levantar rápido demais. Por sorte eu peguei o homenzinho a tempo. — Desculpe — murmurei.

— Não precisa pedir desculpas, Grande Todd — disse Lewis, tremendo ao se levantar e falar no meu ouvido. — Mas acho que não devemos convidar esse ser terrível chamado Spud para nosso território.

— Shhh... tudo vai dar certo — respondi. Mas então o peguei e o coloquei na cama ao meu lado, por garantia.

Cliquei no mouse para atender à chamada, mas, quando a imagem apareceu, não havia ninguém do outro lado, somente uma mesa e um teclado vazio. Spud era grande demais para ser ignorado. O que estava acontecendo? Havia uma imagem pequena de mim num dos cantos, então minha webcam estava claramente funcionando. Aproximei meu rosto da tela para ver se estava ignorando alguma coisa.

— *AAIIIIIIIIII!*

Uma pequena toddliana foi catapultada ao teclado de Spud e depois bateu na tela, seu rosto esmagado.

— Perséfone? — perguntou Lewis, subindo em minha perna. — É você?

Reconheci a menina diante de mim, a toddliana com rabo de cavalo que me encarou depois que Camo os havia assustado.

— Preste atenção, nativo! — disse ela, apontando o dedo para a tela. — Eu e meu amigo, Herman, fomos vendidos para aqueles terríveis *hombres*, Dick e Spud. Enquanto estamos aqui sentados conversando, aqueles velhacos estão na sala da mãe de Spud, procurando palavras no Google (o que quer que seja isso).

Ri e propicieei a Lewis uma visão melhor no alto do meu ombro.

— Lewis, você não me disse que um ser do seu povo tinha vindo do Velho Oeste. — Perséfone tinha saído diretamente da vila de O.K. Curral, roupas e tudo. Alguém na casa de Spud devia tê-la colocado para assistir a um monte de filmes de faroeste.

Ela desabafou para mim.

— Ah, você acha que isso é engraçado, não é, seu cachorro molhado? — Ela se levantou na tecla da letra G com as mãos na cintura. — Percebo que vou ter de ser direta. Aqueles velhacos estão

nos maltratando, nos obrigando a fazer várias coisas que não estão certas.

— Que coisas? — A voz de Lewis estava marcada pela preocupação.

— Batalhas com palitos de dente, é isso. E nos obrigando a beber Mountain Dew até ficarmos bêbados e sem conseguir distinguir uma coisa de outra. E nos obrigando a explorar os narizes nojentos deles atrás de pepitas de ouro. E...

— Pare! — gritou Lewis. — Eu suplico. Não suporto mais ouvir isso. Grande Todd, você tem de *interceder* por meus amigos. Afinal, eles são seu povo também.

Afastei-me do meu laptop.

— Olhe, sinto muito por...

— Perséfone — Lewis me lembrou.

— Perséfone — eu disse. — Mas não posso fazer muita coisa. Se você não notou ainda, aqueles "hombres" são mais velhos e bem maiores do que eu.

Ela suspirou.

— Bem, um homem não pode fugir dessas coisas.

— Não sou um homem. Estou no sexto ano.

— Mas você é nosso líder — argumentou ela. — Que tipo de líder abandona o gado se há um puma por perto?

Lewis desceu pela manga da minha camisa e correu para a tela. Claro que a câmera não o captava ali.

— Ah, Perséfone! Não diga essas coisas. Claro que o Grande Todd sabe o que é melhor para você e Herman.

Ela não se deixou abalar.

— Mesmo? Ele acha que o melhor para nós é comer peixe podre que nos faz vomitar sem parar?

Lewis engoliu em seco.

Perséfone jogou seu chapéu no teclado e fez cara feia para mim.

— Aquele monstro pode pensar que é uma espécie de deus, mas não vejo assim. Como sabemos que você não é um charlatão que simplesmente encontrou uma meia suja? — Ela me olhou com raiva. — Hummm? Encare os fatos, Lewis, aqui um homem resolve seus próprios problemas. Você não pode contar com esse bebezão chupador de dedo a quem você obedece. Estamos sozinhos.

Eu estava prestes a lhe dizer que não chupava dedo havia cinco anos quando mamãe me chamou para jantar.

— É a minha mãe. Tenho de ir! — eu disse, feliz por ter uma desculpa para me afastar daquela vaqueira raivosa.

— Isso mesmo. Esconda-se sob as saias da mamãe. Vamos lá, Todd! Todas as guerras foram travadas por homens corajosos que preferiam estar em outro lugar! Você não sabe que coragem significa estar quase morrendo e mesmo assim avançando sobre seu cavalo?

Voltei para a tela.

— Olhe, você age como se eu não quisesse ajudar. Eu quero, mas, se eu for contra Max, seu Grande Todd será aniquilado! Por favor, tente aguentar até a feira de ciências. O primeiro dia de apresentação é amanhã, então não vai demorar. Max não terá nenhum motivo para mantê-los presos depois disso. Certo?

Ela bufou, o que eu aceitei como resposta.

— Ah.... boa noite — eu disse, desligando. Corri para a cozinha, deixando Lewis sobre o teclado. Eu precisava de um tempo sozinho.

Depois de comer meu ensopado de atum e esconder as ervilhas no meu guardanapo, voltei ao computador. Lewis me olhou silenciosamente e depois subiu pela minha mão até meu braço, a fim de se ajeitar no meu ombro.

— Sei que você vai salvar seu povo, Grande Todd — disse ele, baixinho e triste.



Antes de me sentir culpado de novo, cliquei no mouse para recomeçar o download mais recente de *Dragon Sensei: A Traição do Imperador Oora*.

— Você deveria prestar atenção. É um ótimo episódio — eu disse a Lewis. — Oora ganha o que merece. Ele está sempre reclamando por ser o caçula e por não ter poderes próprios, então sai por aí roubando os poderes dos outros.

— Talvez ele precise de um amigo — disse Lewis. — Ninguém deveria passar por esta vida sozinho.

Abri uma Dr. Pepper e Lewis desceu pelo meu braço para estudar a lata.

— Ah, o “doutor” voltou!

Ele riu da própria piada e parecia se divertir tanto que eu ri dele rindo.

— Eu lhe disse que era meio viciante — comentei, colocando um pouco num bloco de Lego para que Lewis pudesse beber.

— Por falar em vícios — disse ele ao beber o refrigerante —, observei que vocês, humanos, perdem *mucho tiempo* assistindo a outros humanos nas suas telas. Por isso é que vocês não têm músculos.

Ignorei aquele comentário sobre minha preguiça.

— Você está usando palavras em espanhol de novo?

— Estou? — Ele soltou um arrotto que teria quebrado as janelas se ele tivesse um tamanho normal. Ele arregalou os olhos. — O que foi isso?

— Você arrotou. Você tem de dizer “perdão”.

— Por quê?

— Isso se chama “bons modos”.

— Mas não pude evitar. Por que é preciso pedir desculpas por algo que não se pode controlar?

Quantas vezes argumentei a mesma coisa?

— Não sei. Me disseram que é isso o que pessoas educadas fazem.

— Então Max e seus amigos não são educados. Eles arrotam alto e nunca pedem desculpas. Na verdade, eles acham que é maravilhoso. E o fedor é bem pior.

Eu ri. Tinha de admitir, o rapazinho era engraçado. Eu me perguntava se todos os toddlianos tinham tanta personalidade assim.

— Ouça, quero assistir ao programa agora. Saki, sobrinha de Oora, está prestes a encontrar o bigode do pai no Pântano das Almas e se disfarçar para vingar a morte dele. — Recomecei a assistir ao vídeo.

Lewis levantou a cabeça e ajustou os óculos sobre o nariz.

— Não quero duvidar da sua sabedoria, Grande Todd, mas por que você assiste a isso se sabe o que vai acontecer? Não é perda de tempo?

— Por isso mesmo — eu disse, arrumando alguns lenços de papel para que ele se sentasse. — Estou tentando relaxar aqui.

Mas a verdade era que estava um tanto difícil me concentrar. Geralmente eu não tirava os olhos da tela durante o *Dragon Sensei*. Mas agora percebia que meus olhos vagavam pelo quarto e que minha mente se voltava para as palavras de Perséfone... “Que tipo de líder deixa seu rebanho se há um puma por perto?”

Lewis olhava para a tela onde Saki se ajoelhava, chorando no lugar onde seu pai havia morrido. Cogumelos pretos venenosos com esqueletos surgiam sempre que as lágrimas caíam no chão.

— Aquilo são Cogumelos Explosivos — expliquei. — Ela os tem na roupa e os joga nos inimigos.

— A arte neste show é bem... *original* — observou Lewis. Acho que ele estava tentando dizer algo de positivo. — Grande Todd, por



— Com o quê? — Duddy fez uma careta para mim e cruzou os braços.

Engoli em seco.

— Minha mãe precisava de... AAAI! — Lewis arrancou um punhado de cabelos pelas raízes. — Pare com isso! — sussurrei. Quem ele achava que era? Minha consciência?

Duddy fez uma careta.

— Com quem você está falando?

— Ah... — lembrei que Max havia me alertado para não contar a ninguém sobre os toddlianos. — Ninguém... eu mesmo. — Lewis puxou meus cabelos novamente e eu gemi. — Ah... olhe, eu estava lá em casa trabalhando no nosso projeto de ciências. Perdi a hora. Desculpe.

Duddy suspirou e seus ombros caíram. Ele olhou por sobre a cerca, rumo às vozes no quintal dos fundos. Eu reconhecia todas.

Ike e Wendell. Esperava mesmo que Ike tivesse novas cuecas neste momento.

— Deixe-me entrar — eu disse, segurando a maçaneta.

— Tudo bem, Todd. — Duddy ficou olhando para meus pés. — Sei quem são meus amigos verdadeiros agora.

Eu estava ensaiando minha volta quando a porta foi fechada na minha cara.

Fiquei ali por alguns minutos ouvindo Duddy, que corria para se juntar a Ike e Wendell.

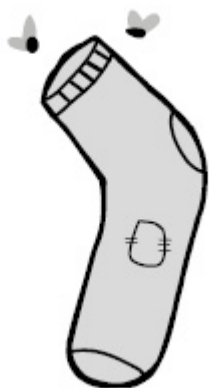
— Então você voltou para mais, seu lagarto gigante! — celebrou Ike, depois gritando: — Prepare-se para morrer com essa meleca radiativa e os poderes de Mongee-Poo! — Ouviu-se um ronco alto, como se alguém estivesse fungando um enorme catarro, seguido por: — Ah... ah... TCHIM!

— Eca! — gritou Duddy. — Seu imbecil! Agora vou lhe mostrar o que acontece àqueles que cruzam o caminho da poderosa Saki! E eu sou uma Salamandra Gigante, não um lagarto! — Ele fez barulhos de explosões e uma fumaça verde de bomba de fedor apareceu na entrada da garagem onde eu me encontrava.

— Oooh! — disse Lewis no meu ouvido. — Se você não se importa por eu lhe dizer isso, Grande Todd, parece divertido.

— É — respondi. — É mesmo.

Então voltei para casa, os barulhos de Duddy e seus novos amigos ecoando na minha mente.





## CAPÍTULO 16



### LEWIS

*Eu havia enfurecido o Grande Todd. Nem mesmo meus elogios ao seu topete foram suficientes para amenizar seus traços raivosos. Ele mal disse uma palavra depois que voltamos da casa do Mestre Duddy. Em vez disso, ele se deitou na sua cama, abriu o aparelho conhecido como "computador" e ficou assistindo mal-humorado ao banquete visual pelo qual antes estava tão entusiasmado: Dragon Sensei. Então, três minutos depois do início do episódio, anunciou:*

*— Esqueça — E ele me disse que era hora de dormir, o que me surpreendeu. Eu achava que o Grande Todd gostaria de descobrir o que aconteceu a Oora e Saki no programa.*

*Agora eu estava deitado no travesseiro dele, observando meu sábio e gentil criador, que dormia, seu nariz uma montanha solitária salpicada de pontinhos marrons, sua boca uma caverna que emitia*

*barulhos e vibrações tremendas, seus cabelos despenteados, as cavernas que eram seus ouvidos — todos os traços que faziam de Todd um deus tão poderoso. O fato de ele me deixar repousar ao seu lado exibia toda a sua generosidade e gentileza.*

*Comecei a pensar em como abordar o Grande Todd sobre resgatar Perséfone, Herman e o restante da Toddlândia quando ouvi um barulho.*

*O que era aquilo? Um pássaro? Um avião? Não! Era o SUPERBEBÊ! A porta se abriu e a Adorável Chamada Daisy entrou no quarto com um cobertorzinho preso à sua roupa de dormir, como uma capa.*

*Por que ela estava fora de sua gaiola a esta hora? Ah, deve ser o que a mãe de Todd quis dizer no jantar quando contou ao pai dele:*

*— Daisy consegue pular do berço agora. Como vamos mantê-la lá?*

*A Super Daisy olhou para o Grandioso como se quisesse ter certeza de que ele estava dormindo e depois foi até o conjunto de montar dele, no canto do quarto. Centenas de peças de metal convergiam em algo chamado "arranha-céus". Será que ela escalaria aquilo e bateria em seu peito como o monstro peludo preto que eu vira na tela na toca de Max?*

*Não, ela não escalava a torre, conversava com ela. Desci pela roupa de cama do Grandioso e corri até onde Daisy conversava com o prédio.*

*Eu não acreditava no que eu ouvia. A Adorável murmurava e ria em toddliano fluente! Por isso é que os humanos não entendiam o que ela dizia. Talvez eu pudesse consultá-la a respeito de como recuperar os favores do seu irmão.*

*— Exatamente como eu temia — murmurou ela, tentando em vão conectar as peças de metal. — Aquele irmão imbecil que eu tenho perdeu peças demais e eu jamais serei capaz de construir o Daisynator Três Mil, como planejava. Não há peças o bastante nem*

*para construir o Bumerangue de Bebê! — Ela soltou os objetos e colocou a chupeta na boca. — Nhum nhum nhum nhum.*

*Depois de alguns segundos, Daisy cuspiu a chupeta, deixando-a balançar no laço preso ao pescoço. Ela passou por uma pilha de peças e murmurou:*

*— Vou ensinar aquele palhaço gigante a não interferir em meus planos abomináveis!*

*Pensando melhor, percebi que talvez ela não fosse a melhor pessoa a quem perguntar sobre como agradar ao Grande Todd.*

*Fiquei observando, afundado em meio ao carpete, enquanto ela engatinhava metodicamente para a frente e para trás, enchendo o chão com peças de metal, as partes pontudas para cima.*

*— Hi hi hi hi — riu ela. — Isso fará com que O Incompetente acorde! Hi hi hi hi hi!*

*Ela engatinhou com cuidado em volta das peças afiadas e saiu do quarto. Fiquei paralisado até ouvir os “nhum nhums” dela desaparecendo pelo corredor. Então me pus a recolher as peças.*

*O Grande Todd tinha um inimigo sob seu próprio teto, e ele não sabia! Esses humanos eram complicados. Até mesmo o melhor da raça deles escondia maldade em seu coração. Mas Todd tinha sorte; Lewis o protegeria!*

*Por pior que Daisy fosse, ela me deu uma ideia de como homenagear o seu honorável irmão. Usei toda a minha força para unir duas peças magnetizadas como ela fizera. A-ha! Levaria a noite toda e me custaria um precioso tempo de sono, mas eu finalmente encontrara uma forma de mostrar ao Grande Todd minha eterna devoção!*







## CAPÍTULO 17



### — Grande Todd...

Ouvi um sussurro em meu ouvido.

— Grande Todd...

— Mais cinco minutos...

— Grande Todd!!!!!!!!!!!!

Dei por mim e vi alguém de pé na beirada da minha cama.

— *Dios mio!* — gritei.

— Ah, você está aprendendo espanhol também, Grandioso?! — perguntou uma vizinha familiar no meu ombro.

Dei um pulo.

— Como você chegou até aqui? Como *e/e* — apontei para o homem na beirada da minha cama — chegou lá?

— Você gosta? É meu monumento a você, Grande Todd. Trabalhei a noite toda construindo isso, mas você vale a pena!

Peguei meus óculos da mesa de cabeceira e me arrastei com cuidado até o pé da cama para olhar melhor. Percebi agora que Lewis tinha razão: a pessoa não era uma pessoa. Era *metal* e, olhando melhor, feito com meu conjunto de montar. As formas estranhas e as linhas anguladas davam a impressão de que seus traços saltavam do rosto. Mas agora eu conseguia ver um topete e óculos...

— Sou *eu*? — murmurei, incrédulo.

Lewis veio ao meu lado, no meu ombro.

— Você aprova minha oferenda? — perguntou ele. — Há algo mais que eu possa fazer por você, Grandeza? Você gostaria que eu construísse uma imagem do seu amigo?

— Amigo? — repeti, depois me recompus. — Não, obrigado. — Eu me levantei da cama, pus a estátua no meu armário e dei as costas para a efígie construída por Lewis.

Eu não merecia aquilo.

O sr. Katcher esfregava as mãos com tanta força que temi que ele começasse uma fogueira.

— PREPARADOS? — ele praticamente gritou. Seu bigode pareceu captar a vibração das palavras, balançando com a empolgação dele. — Porque chegou a hora, meninos e meninas. As apresentações dos próximos dois dias separarão homens e mulheres de meninos e meninas.

Ele olhou para a turma com um grande sorriso. Depois tirou uma gaita do bolso e dela tirou algumas notas.

*"Ah, é hora do rodeio de ciências!*

*Selem seus projetos, é hora de ir..."*

Instintivamente me virei para ver a expressão de Duddy. *O sr. Katcher era um tanto esquisito!* Mas Duddy olhou para mim, fez uma careta e depois se ocupou com algumas anotações sobre a apresentação que ele estava obsessivamente ajeitando na mesa. Duddy e Ernie eram os primeiros no rodeio de ciências.

Eu realmente esperava que ele estivesse bem.

Antes da escola, tentei correr até Duddy e pedir desculpas novamente por não ter aparecido ontem, mas ele apenas me lançou um olhar e se afastou. Ike e Wendell me viram e o cercaram como guarda-costas. Era uma sensação estranha. Duddy e eu éramos amigos há muito tempo e eu não me lembrava de nenhuma ocasião em que ele tivesse ficado com raiva o bastante para parar de falar comigo.

Eu estava impressionado com aquela terrível sensação e meus olhos de repente ficaram, ah, muito, muito irritados.

Mas então Max se aproximou para me dizer que os toddlianos melhoraram durante a noite e que seu novo número “aquático” estava pronto e, por sinal, ele havia aprendido a fazer massagem cardíaca em toddlianos. Aquilo deveria fazer com que eu me sentisse melhor, mas em vez disso apenas me lembrou de que eu havia decepcionado os toddlianos. Eu me consolei sabendo que Max e eu estaríamos apresentando nosso projeto amanhã e que talvez eu pudesse obter os toddlianos de volta.

Agora o sr. Katcher terminava sua música — ela acabava com um longo “OHHHHH, CIÊÊÊÊNCIAS!” — e largou a gaita. Ele enxugou a testa e pegou uma prancheta.

— Certo — disse. — Os primeiros são Duddy Scanlon e Ernie Buchenwald.

Eu me virei para lançar um olhar solidário para Duddy, apesar de saber que ele não me encararia. Mas ele e Ernie já iam para a frente da sala. Duddy segurava um cartaz de isopor e Ernie trazia o maior terrário que eu já tinha visto — parecia mais uma *cidade* de formigas, na verdade.

Eles colocaram cuidadosamente o terrário sobre a mesa de Katcher — o cartaz trazia várias fotografias de formigas, com a manchete Formigas São Legais! —, depois se viraram para encarar a turma. Duddy parecia calmo e até orgulhoso. Ernie estava mais ousado do que o normal. Pela primeira vez, ele não parecia vermelho de raiva. Parecia *empolgado*.

Duddy olhou para sua apresentação digitada e pigarreou.

— Formigas — disse em voz alta, e confiante, olhando por sobre a turma. — Formigas são legais.

Ernie meneava a cabeça, empolgado, ao lado dele.

— De verdade — acrescentou —, formigas são *mafffa*.

A turma toda riu, enquanto o sr. Katcher ergueu a mão.

— Ernie, cuidado com a linguagem. — Depois ele parou e fez uma careta. — Quero dizer, se vocês estão *mesmo* afirmando...

Ernie fez que sim novamente.

— Eftava e defculpe, sr. Katcher — disse ele, afastando-se para apontar para o terrário. — Mas focês já firam eftas coifaf?

O sr. Katcher sorriu.

— Por que vocês não nos falam um pouco sobre o que as torna tão legais, cavalheiros?

Foi o que eles fizeram. Duddy e Ernie abordaram todo o assunto sobre o qual eu havia ouvido centenas de vezes em projetos de ciências: as formigas são seres sociais que formam suas próprias colônias; as formigas nas colônias têm funções diferentes como operárias, vigias e soldadas; as formigas se comunicam e ensinam umas às outras. Mas o tempo todo Ernie parecia tão empolgado que acho que ele já estava no parque de diversões. Quando eles terminaram de nos dizer por que as formigas eram tão legais, Duddy explicou como eles montaram o terrário.

— Nosso principal objetivo era encorajá-las a construir túneis. Geralmente são necessárias semanas para conseguir um bom túnel.

Por isso cobrimos o terrário com um papel escuro de construção para elas pensarem que estavam no subterrâneo.

Ernie acenou positivamente com a cabeça.

— Se tivésemos um pouco mais de tempo, poderíamos ter derretido acrílico e pedido uma gofma azul do fáite Formigaf Fomos Nóf. Ifo permite que vofê veja of túneif melhor. Famof tentar na femana que vem.

*Semana que vem!*

O sr. Katcher sorriu novamente.

— Semana que vem? Então vocês planejam continuar com a pesquisa sobre as formigas?

Ernie olhou para Duddy, que fez que sim.

— Fim — respondeu Ernie, meneando a cabeça. — Fenhor Katcher, não vou mentir. Quando Duddy quif fazer o terrário, achei que podia fer chato. Não gofto muito de infetof, fiênfiáf ou aprender. Fem ofenfa.

O sr. Katcher deu de ombros.

— Bem, você está apenas sendo honesto, Ernie. Continue.

Ernie olhou para Duddy, seu rosto rosado de admiração.

— Maf Duddy me moftrou que as formigaf fão incrífeif. Elaf não fão apenaf infetof que fofê cutuca por diferfão. Elaf fão mefmo inteligentef e fazem coifaf muito legaif.

Duddy deu um risinho nervoso.

— Na fofiedade daf formigaf, elaf fão muito ordeiraf. Todo mundo fabe feu lugar. Gofto difo.

O sr. Katcher fez que sim.

— Talvez, Ernie, você seja um futuro entomologista.

Ernie deu de ombros.

— Não fei. Minha mãe dif que fou de touro, maf não acredito neftas coifaf.

O sr. Katcher franziu a testa e fez uma anotação no seu caderno.

— Um entomologista estuda insetos, sr. Buchenwald. Tenho o prazer de dizer que, além de um novo assunto interessante e amigável, vocês dois tiraram 10 por sua apresentação. Excelente trabalho, meninos.

O sorriso de Ernie aumentou tanto que quase pude ver todo o seu aparelho. Duddy ria também. De repente, Ernie se virou e o agarrou. Meu estômago revirou, mas, antes que eu pudesse tentar salvar meu amigo, percebi que Ernie não batia nele — ele o *abraçava*. E Duddy abraçava Ernie também.

Ernie Buchenwald era amigo de Duddy.

E eu, não.

Senti um golpe na cabeça.

— Ei! — fiz.

A menina sentada à minha frente se virou e me lançou um olhar estranho, mas, quando notou Max olhando para ela, rapidamente se virou e começou a reunir suas coisas para a apresentação.

— Formigas parecem fascinantes, Grande Todd! — disse a voz baixinha e aguda de Lewis no meu ouvido. — Você não me disse que seu amigo Duddy controla uma civilização também! Quais as chances disso?

Meus olhos se fixaram em Duddy e Ernie, que se cumprimentavam no caminho de volta para suas mesas. Do outro lado da sala, vi Max acenando para mim.

Ele pegou a meia e a balançava como se tentasse arejá-la.

— Amanhã! — disse ele. — Vamos arrasar!

Eu queria acreditar nele, que não tinha motivos para me preocupar.

Infelizmente, não era com a nossa apresentação que eu estava preocupado.







## CAPÍTULO 18



### PERSÉFONE

*Mais cedo naquela noite...*

*Caramba, pensei. Verifiquei meu traje de caubói no espelho do armário de Spud.*

*— É isso aí, parceira. Vamos ter uma bela festa hoje à noite.*

*Fiz uma calça com franjas e um chapéu de caubói com folhas. Acho que até mesmo o próprio Duke ficaria impressionado com a forma como eu me vestia.*

*Aprendi que meu herói nos filmes aos quais o pai de Spud estava sempre assistindo era um homem chamado John Wayne. Ele travara dezenas de batalhas e era mais durão do que carne seca petrificada. Eu seria durona também, se pretendia salvar meus semelhantes das mãos daquele falso deus, Todd. Ele só fazia bobagem, e eu era uma*

*ameixa amassada tentando se livrar de sua carcaça. Era hora de agir ou me calar. Ele era grande o suficiente para me estripar como um peixe, mas eu tinha ao meu lado velocidade e inteligência.*

*Pratiquei o saque rápido, tirando meus revólveres de seus coldres como se eles fossem mais lisos do que graxa.*

*— Aguenta isso, seu covarde! — Soprei a fumaça dos revólveres e os girei algumas vezes, só para impressionar. Certo, na verdade eles eram aqueles fios em espiral que prendem papel moldados como revólveres, mas eu podia acertar os olhos de Todd com eles se ele não tomasse cuidado. E eu tomaria cuidado também.*

*Eu podia fazer mais do que simplesmente sacar uma arma. Aprendi o jeito do Velho Oeste. Domei grilos, até marquei alguns deles com a marca "Pomposa P", e era capaz de laçar qualquer coisa em movimento. Fui até o armário sobre a pia, peguei um pouco de fio dental e o joguei sobre o ombro. Havia muitas setas de palitos de dente comigo, e eu reforcei meu arco com fio dental novo. Agora era arranjar uma carona.*

*Ele esperava por mim, sob o carvalho, colhendo nozes como se tivesse uma perna oca. O rabo peludo pendia de um lado para o outro ao vento, e seus enormes olhos pretos se fixaram em algo. Ele sentiu meu cheiro e, o que quer que acontecesse, eu não podia assustar a criatura.*

*Escondi meu laço nas costas e avancei na ponta dos pés pela grama, falando baixinho com ele.*

*— Não fuja, menininho peludo. Porque você tem o rabo mais lindo ao norte da fronteira e eu só quero chegar mais perto para vê-lo melhor. Trouxe-lhe uma noz — ofereci a ele. Ele me respondeu com chiados que era alérgico a nozes e começou a correr pelas colinas, mas era tarde demais.*


*Agarrei a sela de folha e fio dental que tinha deixado na grama e agitei meu laço.*

*— GERÔNIMO!*





## CAPÍTULO 19



**Eu já me sentia mal quando** cheguei em casa naquele dia, e isso foi antes de descobrir que Daisy roubara metade do meu conjunto de montar para construir um estilingue mirabolante no chão da cozinha. Quando saí do meu quarto e fui até a cozinha me servir de um copo de leite, ela estava mirando na Princesa VanderPuff. Nem tinha notado que faltava alguma coisa.

— Daisy! — gritei, correndo para desviar a arma. — Não faça isso! Você vai deixar a mamãe louca! — Daisy estava sempre provocando a Princesa VanderPuff. A cachorrinha sabia que mamãe a mataria se ela arrancasse um fio de cabelo de Daisy, o que gerava alguns momentos divertidos de fúria canina. Mas aquilo geralmente respingava em mim ou no tapete da sala e, de qualquer forma, mamãe sempre ficava do lado de Daisy.

Daisy me olhou e resmungou alguma coisa na sua língua de bebê.

— Vamos lá — eu disse, afastando a arma. — Você sabe que estou certo.

Mas é inútil argumentar com um bebê. Assim que tirei o brinquedo dela, ela soltou um grito nível cinco. Estendeu os braços para mim e depois apontou para a arma e gritou como se eu tivesse colocado fogo no cabelo dela.

A porta do banheiro bateu e mamãe veio correndo, arrastando um papel higiênico grudado em seu sapato.

— Todd! O que aconteceu?

Ela correu até Daisy e tentou pegá-la, mas o Terror se debatia como um peixe morrendo.

Segurei o que restava da arma.

— Ela estava com esta coisa e mirando na cachorra.

Mamãe deu uma olhada no estilingue e resmungou:

— Todd! Achei que tinha lhe dito para manter seu conjunto de montar longe da Daisy!

Senti meu rosto esquentar. Tinha acabado de salvar a cachorra da minha mãe e possivelmente o tapete dela, e era assim que ela me agradecia? Além disso:

— *Nada* está fora do alcance dela!

Daisy começou a chutar, segurando a perna de uma cadeira e a derrubando, o que espantou a Princesa VanderPuff. (*É, salve-se, pensei.*) Minha mãe esticou os braços e reclamou.

— Recolha tudo isso, Todd!

Eu tremia de raiva, mas sabia que era melhor fazer o que ela mandava. Então peguei a arma e saí correndo para o meu quarto, batendo a porta atrás de mim. Joguei a criação de Daisy num canto e fui para minha cama, pronto para me jogar nela.

Foi quando ouvi vozes.

— Perséfone! Não desrespeite o Grande Todd! — gritou uma voz no meu travesseiro. — Você não sabe que foi assim que entramos nessa enrascada? Nós já o irritamos o bastante. Desça daí e vamos discutir isso racionalmente.

— Você pode ficar aqui, se quiser, encolhido como um cachorrinho ao sol, mas vou pegar esse touro pelos cornos. E essa belezinha aqui vai me ajudar a derrotar aquele galo de briga, o Max. Não gosto daquele sujeito, estou lhe dizendo. Ele é abusado.

O que Perséfone fazia aqui? Pigarreei e peguei os micro-óculos na mesinha de cabeceira.

— Hum, olá?

— Ah, não — sussurrou Lewis. — O Grandioso está aqui, Perséfone. Eu estava tão absorto em nossa conversa que ignorei sua magnífica aproximação! Agora, por favor, tenha respeito. — Senti-o se aproximar da minha mão e subir pelo meu braço e, quando falei com ele novamente, ele falou mais alto. — Qual a sua reclamação, Perséfone? Honestamente, não consigo mesmo entender uma palavra do que está dizendo. Como você conseguiu fugir do Spud?

— Lacei um animal para cavalgar e fugi. Não tinha escolha, se pretendíamos salvar Herman. Ele é tão impotente quanto um gato sem garras. Dick pode tê-lo esmagado como a uma barata, pelo que sei. E temos aí o restante do nosso grupo. Não vi nenhum sinal deles desde que foram roubados por Max.

Lewis subiu no seu lugar preferido no meu ombro.

— O que você está usando?

— Você gosta? — perguntou ela. — Isto é um chapéu de caubói, isto é uma com franjas e estas coisas prateadas nos meus pés são chamadas esporas. Não havia outra forma de salvar minha pele e a do Herman. — Ela fez um movimento estranho e eu arregalei os olhos. — Eu me dei muito bem, se você quer saber. Aquilo lá fedia mais do que gambá. — Ela deu uma volta.

Foi então que percebi que havia vários palitos de dente presos na moldura da minha janela sobre a cama. Uau. Perséfone não apenas havia fugido das garras de Spud como também de alguma maneira aprendera a chegar até minha casa, escalar o muro e subir até minha cama com um palito de dentes e fio dental. Eu havia criado uma Mulher-Aranha em miniatura.

Bem, pelo menos dois toddlianos estavam a salvo agora. Eu só tinha de salvar mais um milhão deles. Sentei-me na cama, com cuidado para não esmagar Perséfone, e me deitei, fechando os olhos.

Ouvi um barulho e, assim que dei por mim, Perséfone beliscou meus olhos.

— Ah, não! Não é hora de descansar. Acha que posso derrotar aquele maldito Max sozinha?

Sentei-me novamente e Lewis começou a descer pelo meu braço.

— Por favor, Perséfone — implorou ele. — Pense no que você está dizendo. Há outra forma de se dirigir a uma divindade?

— Foi ele quem estragou tudo!

Lewis resmungou alguma coisa.

Se ela não parecesse tão engraçada em seu traje de caubói, eu teria ficado com raiva. *Ela* obviamente estava furiosa.

— Estou vendo que você está irritada — tentei. — Mas eu lhe disse que resgataria seu povo de Max depois da feira de ciências. Além disso, *você* fugiu, então qual o problema?

Perséfone jogou seu chapéu sobre as cobertas e apontou um dedo para meu rosto.

— Não se trata de mim. Sei me cuidar. Mas quem vai resgatar Herman? A cabeça dele é cheia de pensamentos estranhos, mas ele não tem nenhuma coragem. Quem o salvará, eu lhe pergunto. Estamos ficando sem tempo!

Cocei a cabeça.

— Isso é bem mais difícil do que você imagina. Meus amigos...

— Olhe, sei que você não quer irritá-los, e não o culpo. Max e seus comparsas são maus. Não entendo por que você se uniu àqueles *hombres*. Mas Herman e meus amigos estão presos em algum lugar, assustados como pintos molhados, e eu quero encontrá-los, com ou sem você.

Lewis suspirou.

— Grande Todd, por favor, perdoe Perséfone. — Ele se segurou nos cobertores. — Ela está com raiva porque conversei com ela depois que você dormiu e lhe contei sobre o Circo de Pulgas.

Perséfone ficou tão vermelha que consegui ver a olho nu.

— Você me deixará ainda mais louca se falar sobre esse show de horrores, Lew. Max é uma cobra e eu quero chicoteá-lo. — Ela pegou o chapéu e o abanou na minha direção. — E chicotear você também, se servir para alguma coisa.

Lewis correu e cobriu a boca de Perséfone com a mão.

Dei de ombros.

— O que você quer que eu faça?

Ela afastou Lewis.

— Como se eu soubesse! Este é seu departamento. Você é o corajoso aqui. Tome jeito e mande aqueles cães para casa com o rabo entre as pernas!

Eu devo ter parecido tão surpreso quanto me sentia, porque ela disse:

— Vamos lá, Lewis. Dá para ver que estou latindo para o nada aqui. Ele não conseguiria sair dessa situação de jeito nenhum. — Ela derrubou Lewis e bateu as botas como se as limpasse. — Se Sua Alteza não nos ajudar, acho que vou ter de procurar outra pessoa.

— Faça isso — ataquei. — E boa sorte, porque salvar uma civilização é mais difícil do que você pensa.



— Bem, pelo menos vou tentar — disse ela.

— Eu *estou* tentando! Estou trabalhando num plano agora mesmo, para sua informação.

— Certo. — Perséfone pegou o fio dental e começou a escalar a janela. — Enquanto você fica aí sentado fazendo planos, vou encontrar alguém que aja. Lew — chamou ela do peitoril —, se ele o maltratar, avise-me pelo Skype. — Ela acenou com o chapéu para mim e depois desapareceu no escuro com um “GERÔNIMOOOOO!”.

Lewis pulou na cama e apoiou a cabeça nas mãos. Eu tinha certeza de que ele estava pensando que eu era um covarde. Éramos dois.

— Você quer um pouco de Dr. Pepper? — ofereci.

Ele negou com a cabeça e se levantou.

— Grande Todd, espero que você perceba que *eu* tenho fé que você tomará a decisão certa para seu povo. — Ele deu uma risadinha. — Tenho certeza de que você tem um plano para o futuro que é o melhor para nós. — O homenzinho subiu no meu travesseiro e o ajeitou. — Você deve descansar agora; precisará de toda a energia amanhã para sua apresentação de ciências. Tudo ficará mais claro pela manhã.

— Obrigado, Lewis. — Deitei-me e fechei os olhos. Não demorou muito e eu consegui ouvir o ronco dele. Mas dormir estava muito difícil para mim. A voz de Perséfone ecoava na minha mente. “Você é o corajoso aqui. Tome jeito e mande aqueles cães para casa com o rabo entre as pernas!”

Tudo parecia empolgante, mas eu esperava que não tivesse de fazer nada. Amanhã seria a avaliação do projeto. Depois que Max conseguisse sua nota 10, por que ele se importaria com o que aconteceria aos toddlianos? Teríamos de levá-los à feira, se ganhássemos, mas não teríamos mais de treiná-los. Eu poderia pedi-los de volta e ainda continuar amigo dele. Ele provavelmente estaria entediado até lá. Então Max conseguiria sua nota 10, eu resgataria

os toddlianos, e meu lugar como novo membro da Trupe do Zoo estaria garantido. É isso. Encontrei a solução para os problemas de todos!

Talvez eu não fosse um deus tão ruim assim.

Talvez.





## CAPÍTULO 20

**Roí meu lápis no dia seguinte,** esperando pelo sino que anunciaria o começo da aula de Ciências.

— Você também está preocupado, Grande Todd? — perguntou Lewis, no meu ombro. — Você também teme que nosso povo se machuque no sádico circo de Max?

Limpei meu lápis na calça jeans.

— Não, não há motivo para preocupações. Vocês sobreviveram a terremotos e enchentes... Ei, vocês sobreviveram até a um ataque de camaleão. O que é um projetinho de ciências? — Tentei parecer mais calmo do que me sentia. — Max não deixará nada acontecer ao seu povo. Vocês são a chance de ele ganhar uma nota 10, lembra?

Alguém me cutucou no ombro. Era o próprio Max.

— Isso mesmo, Bunda Dura. Dez fácil. Com quem você está conversando?

— Comigo mesmo. — Forcei um sorriso. — A única forma de ter uma conversa inteligente, não é?

Ele estalou os dedos.

— Certo, que seja. Espero que estes insetinhos tirem 10 hoje. — Ele riu, roncando.

Eu estava prestes a lhe perguntar se poderia ficar com os toddlianos depois da aula quando o sino tocou e o sr. Katcher saiu do seu laboratório, óculos de proteção e tudo. Ele remexeu no bigode como um vilão de desenho animado e disse:

— Certo, meus futuros ganhadores do Prêmio Nobel. É hora de continuar o Rodeio de Ciências!

Enquanto ele pegava sua gaita e cantava aquela mesma música de novo, respirei fundo. *É isso aí, Todd, depois que isso acabar, Max não vai mais querer os toddlianos e você poderá tê-los de volta. Duddy saberá sobre os homenzinhos e poderá ajudar a cuidar deles. Tudo poderá voltar ao normal.*

O primeiro projeto em equipe era um vulcão de papel maché que se recusava a entrar em erupção. O sr. Katcher salvou o projeto colocando algo de um tubo de ensaio no buraco. Ele então explodiu de verdade, sujando todos nós com pedacinhos de papel molhado.

Depois disso, duas meninas apresentaram uma coleção de insetos que me trouxe lembranças da aula de ciências do 5º ano na Roosevelt. Enquanto uma delas segurava uma borboleta-monarca, suas asas frágeis caíram. Mas o sr. Katcher lhes deu crédito extra pela bela letra manuscrita na identificação dos insetos.

Alguém trouxe seus Kikos Marinhos num aquário, removeu a cobertura que os mantinha no escuro e depois os mandou fazer “truques” com uma lanterna. Tudo parecia torto em comparação ao que ensinamos aos toddlianos, mas o sr. Katcher parecia absolutamente satisfeito.

Max também devia estar com medo de que os camarõezinhos roubassem a cena, porque acenou assim que o sr. Katcher parou de

elogiar o “esforço necessário para treinar camarões para obedecer a ordens” a fim de lembrá-lo de que era nossa vez.

Max colocou o aquário numa mesa diante da sala e eu ajudei a arrumar as coisas do circo. Esperava que Max não percebesse que faltava Lewis, que se escondera nos meus cabelos e não queria sair. Meu couro cabeludo coçou muito com a agitação nervosa dele.

Eu tinha a importante função de segurar o Novíssimo Circo de Pulgas enquanto Max agia como mestre de cerimônias. Ele até mesmo trouxe seu MP3 player e dois alto-falantes para tocar a música pesada que ele achava que tornava o circo mais “dramático”.

— Senhoras e senhores! — gritou Max por sobre os acordes das guitarras. — Deleitem-se com o circo mais legal que vocês já viram! — Ele tirou a meia do bolso e a colocou reverentemente no aquário vazio, depois pôs o fio dental sobre ele. O sr. Katcher levantou os óculos por sobre os cabelos e se ajoelhou ao lado da mesa.

— Qual exatamente é o tema deste experimento, meninos? Porque não vejo nenhum movimento.

Max se aproximou do sr. Katcher.

— Você tem que olhar de perto, sr. K. São seres bem pequenininhos. — Ele apontou para a mesa e eu dei uma olhada no aquário por cima.

Dos meus cabelos, Lewis perdeu a fala.

— Eles se foram!

Cuidadosamente, peguei a meia e a segurei no nível dos olhos, tentando enxergar.

Havia sujeira e cabelos e algumas coisas nojentas que eu não conseguia identificar, mas, no que dizia respeito a criaturas vivas, Lewis tinha razão... *Nada*.

— Deixe-me ver. — Max pegou a meia das minhas mãos. — O que aconteceu? — Ele rangeu os dentes e a balançou diante do meu rosto. — Bunda Dura, onde eles estão?

Segurei a meia e a virei do avesso. Eles tinham de estar ali.  
*Tinham!*

— Ei, caras! — A turma ria enquanto eu sussurrava para a meia.  
— Se vocês estão em algum lugar, apareçam... por favor! — Eu a joguei de uma mão para a outra algumas vezes, sem me importar com o que acontecia às cabanas dos toddlianos. Um punhado de flocos de células mortas caiu, mas foi só isso.

Max respirava como um touro brabo.

— O que você fez com eles?

Dei de ombros.

— Eu... bem...  *você é* que estava com a meia. — Não consegui deixar de tremer quando as palavras saíram da minha boca. Aquilo era o mais próximo que eu havia chegado de enfrentá-lo, e me deixava apavorado.

O sr. Katcher se levantou e seu bigode se curvou para baixo.

— Vocês pretendem fazer uma piada, jovens? Porque perder tempo valioso de aula não só não é divertido como também lhes rendeu um enorme zero.

— O QUÊ? — Max reclamou. — Nós trabalhamos muito nisso. O povo-inseto praticou os números durante horas. Talvez eles estejam tímidos. — Ele pegou a meia da minha mão e procurou algum sinal de vida dentro dela.

O sr. Katcher balançou a cabeça de um lado para o outro e olhou para mim.

Fiz que sim.

— Verdade. Sei que parece loucura, mas vi uma fagulha na minha meia da sorte e depois minha vizinha Lucy... Nós os vimos no microscópio dela.

Max correu, pegou um dos microscópios da sala e colocou a meia sob ele.

— Cara, olhe só! — implorou. — Uma civilização minúscula, com cabanas e tudo!

O sr. Katcher suspirou e olhou no microscópio. Ele focou por um segundo e depois fez que não com a cabeça.

— Vejo sujeira e escombros, mas nada além da meia mais nojenta que já encontrei.

— Aqueles montes de sujeira são as cabanas deles! — expliquei.  
— Se você usar uma ampliação maior, vai conseguir vê-los, juro!

Ele olhou novamente.

— Estou vendo um enorme buraco queimado nas beiradas.

— Foi onde eles estavam queimando a meleca do meu dedinho! E, quando o fogo fugiu ao controle, eles apagaram com...

— Acalmem-se! — disse o sr. Katcher para a turma que gargalhava. Até mesmo Duddy estava rindo.

— Muito bem, Todd! — disse ele com desprezo. — Pessoas comedoras de meleca de dedo do pé! Há!

— Mas é verdade! — insisti.

— Já ouvi o bastante — disse o sr. Katcher, jogando a meia de volta no aquário. — Vocês têm de agradecer por eu não lhes dar um castigo por desperdiçar meu tempo e tentar me enganar. Esta matéria pode ser legal, mas não é uma piada. — Ele pegou uma caneta vermelha do bolso do seu guarda-pó e marcou um enorme zero no alto da folha de avaliação do nosso projeto. Quando me entregou uma das folhas, disse: — Esperava mais de você, Todd. Tomara que você esteja cuidando melhor do Camo do que de suas notas.

Voltei para minha mesa e deitei a cabeça nela. A próxima equipe simulou um tsunami num aquário com pedras e água. Só que o aquário deles havia quebrado no caminho até a escola. Então o sr. Katcher nos obrigou a deixar que eles usassem nosso aquário. “Agregando insulto à injúria”, como o papai teria dito.

O que aconteceu aos toddlianos? Lewis estava tendo um colapso nervoso no meu cabelo, se perguntando onde seu povo estaria, se ele os veria novamente... O ataque dele estava no volume máximo, e eu não conseguia acreditar que ninguém o ouvia. Mas o tsunami foi um sucesso e o sr. Katcher saiu falando sobre terremotos submarinos pelo restante da aula.

Eu tinha minha própria onda de culpa com a qual lidar. Quando encontramos o Pinchy morto, me senti péssimo. Ainda me sentia. Mas perder toda uma civilização? Era como se eu tivesse matado alguém com amigos e esperanças e sonhos. E não alguém qualquer. Cometi um negleticídio em massa, tudo porque tinha medo de enfrentar Max.

O que eu tinha para compensar isso? Uma meia suja e um enorme zero. Nunca havia tirado zero na minha vida, nem quando peguei piolho do primo de Duddy e tive de perder três semanas de aula até que a enfermeira da escola vasculhasse meu cabelo e declarasse que ele estava limpo de lêndeas.

Aquilo coçava como se eu tivesse piolho: a forma como Lewis se revirava nos meus cabelos, chorando pela família que ele jamais veria novamente. Assim que o sino tocou, corri para o banheiro com o intuito de evitar Max. Interroguei Lewis na cabine. Teria ele notícias de Perséfone? Teria ele alguma ideia de onde os toddlianos podiam estar? Ele só conseguiu choramingar e dizer:

— Não!

Eu tinha de voltar para a aula seguinte. Espiei pela porta e fui puxado para o corredor por Max, que espumava de raiva. Ele me ergueu do chão pela camisa e pressionou sua testa na minha.

— O que você está tentando esconder, Butroche? — Ele usou meu nome real. Não era um bom sinal. — Onde estão aqueles imbecis?

Ele me empurrou contra um armário e eu rezei para que um daqueles meninos andando pelo corredor chamasse um professor.



— Eu... eu não sei. Você estava com a meia. Como eu poderia tê-los pegado? — Ele pensou naquilo e estava prestes a me soltar quando Lewis soluçou.

— O que foi isso? — perguntou Max, vasculhando minha camisa.

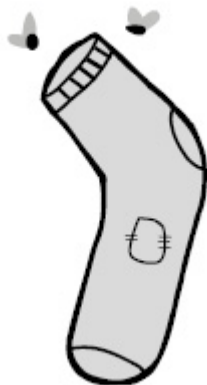
Solucei e forcei um arroteo para impressionar. Max arrancaria meus cabelos pelas raízes se soubesse que eu tinha um toddliano comigo. O segundo sinal tocou e Max me soltou.

— Se você encontrar aqueles insetinhos — disse ele, com raiva —, diga-lhes que o Titio Max vai arrancar o crânio deles... um de cada vez.

Ele saiu rapidamente e eu corri pelo corredor até a biblioteca, onde tinha um horário independente de estudo. Passei a aula toda tentando acalmar Lewis e não me envolver em problemas por sussurrar comigo mesmo como um idiota paranoico.

Passei o horário do almoço lá também. Max não me deixaria me sentar com a Turma do Zoo, e Duddy e seus novos amigos não me receberiam bem na mesa deles. Dick me derrubou algumas vezes durante a aula de Educação Física, mas eu não me importei. Tinha apenas uma coisa em mente.

*Onde estavam os toddlianos?*





## CAPÍTULO 21



### HERMAN

*Na noite anterior...*

*A figura paternal de Dick voltou e eu esperei que ele entrasse dentro da sua toca. Ele apertou um botão num aparelho perto do teto do carro e depois apareceu e fechou a porta. O portão se fechou, mas, quando estava quase totalmente fechado, bateu num aparelho redondo que Dick chamava de "bola de futebol" e pareceu travar, deixando uma pequena abertura. Devo tentar escapar por aquela abertura? Havia bastante espaço para alguém do meu tamanho... Sabedoria, Herman, sabedoria. Você não sabe onde está em relação à toca de Todd, e, se você acha que está frio aqui...*

*A figura paternal apagou a luz no teto ao sair, mas a lua brilhava intensamente pelas janelas altas. Eu tinha luz o bastante para seguir com a minha missão.*

*Usei toda a minha coragem e desci cuidadosamente o monte Britânica, depois corri com as pernas fracas pelo piso cinzento e frio até onde estava o carro, imóvel mas ainda irradiando um agradável calor. Parecia que a única forma de entrar nos confins do carro era subir pelo objeto circular preto mais próximo, chamado "pneu". Segurei-me numa saliência e subi, lentamente escalando as saliências e reentrâncias da superfície negra, parando com frequência para descansar meus membros. Finalmente, com o coração batendo forte, alcancei o cume oleoso.*

*Estava deliciosamente quente sobre a barriga do carro, e havia um cheiro agradável de terra e metal. Eu estava tentado a não avançar, mas sabia que, se ficasse ali, a temperatura do metal em pouco tempo esfriaria como o restante da garagem.*

*Havia um conector de aço sob mim que levava a um motor cercado por vários cintos, mangueiras e ventoinhas. Avancei e me segurei num fio preto e me balancei até uma vista mais elevada.*

*Meu objetivo era alcançar o compartimento do carro cercado de vidro, onde o ar quente duraria mais.*

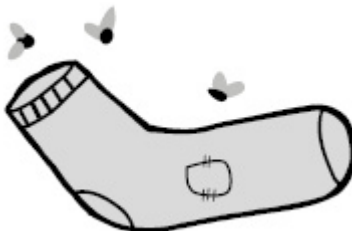
*Abri caminho pelo labirinto de mangueiras e cintos até chegar a um portão que cobria a entrada de uma espécie de aparelho de ventilação. Espremi-me por uma abertura estreita e cheguei à macia cobertura do assento.*

*Ah! Era isso mesmo! Afundei-me nas fibras fofas e coloridas e saboreei o calor que me envolveu. Ah, se eu ao menos conseguisse um pouco de alimento...*

*Eu começava a verificar o interior do carro quando um humano usando roupas pretas se ajoelhou para apontar uma vara prateada pela abertura do portão. A vara apontava para todos os lugares com um fecho de luz. Meu coração disparou, com medo. Obviamente nosso destemido líder, o Grande Todd, era humano, mas humanos também provocaram tristeza e desespero no meu povo. Seria esse um humano do tipo Todd ou um humano do tipo Max?*

*Tentei me esconder nas sombras, mas a pessoa se esgueirou pelo portão e se levantou, iluminando o carro com a lanterna.*

*Fiquei olhando sem enxergar nada para a avassaladora luz branca e engoli em seco. Você veio atrás de mim?*





## CAPÍTULO 22



**Depois da escola, ouvi** dizer que Max fazia planos com Spud e Dick de “jogar ovos em mais carros”, então voltei para casa sozinho. Bem, não exatamente sozinho. Lewis ainda estava nos meus cabelos, murmurando que nunca disse a Perséfone como se sentia a respeito dela, e agora ela estava morta.

Eu tinha acabado de passar pelo jardim sujo do sr. Whitaker quando uma espécie de ninja apareceu dos arbustos, me matando de susto.

— Procurando isto?

O ninja tinha mais ou menos o meu tamanho, com uma voz familiar e feminina. Ele segurava uma caixa de fósforos, que abriu. Espiei e vi apenas Perséfone acenando para mim com seu chapéu de caubói. Dezenas de toddlianos se reuniam ao redor dela. Lewis gritou e deslizou pelo meu braço e mão, depois saltou no ar como

um grilo até a caixa aberta. Houve abraços e lágrimas e eu me senti tão aliviado que quase derramei uma ou duas lágrimas. Não podia acreditar que os menininhos e menininhas estavam seguros! Eu não os havia matado. Mas quem os salvara?

Olhei para o ninja novamente. Ele usava roupa preta e máscara de esqui. As enormes tranças pretas saindo pelos lados eram tudo o que eu precisava saber: eu havia sido vencido por minha vizinha nerd.

— Como você conseguiu isso? — perguntei, tentando pegar a caixa.

— Não, não, não vai pegar, não! — Lucy agarrou a caixa e nossos dedos se tocaram por um segundo, o que era nojento, mas eu não a soltaria desta vez. Lewis tirava Perséfone e Herman da caixa, puxando-os para o meu braço. Eles subiram pela minha manga, enquanto Lucy me deixava ficar com a caixa.

— Na noite passada tive uma visita desesperada para encontrar alguém que resgatasse seu povo da “praga que era mais baixa do que a barriga de uma cobra”. — Neste momento Lucy tirou sua máscara de esqui e ficou olhando para mim. — A toddliana primeiramente procurou a ajuda do seu líder, mas o líder a decepcionou. Então, considerei meu dever usar uma estratégia (dizer a Susan que eu trabalhava em outro projeto independente envolvendo fotossíntese, de modo que eu pudesse sair de casa) a fim de confrontar aquele monstro, Max, que se disfarça de aluno do sexto ano.

— Muito esperta! — Perséfone disse no meu ouvido.

— Então segui aquele projeto de *Homo sapiens* até a escola hoje, e, enquanto ele estava ocupado planejando com seus comparsas, tirei a meia da mochila dele, certifiquei aos reféns que não pretendia machucá-los e lhes dei uma passagem segura para dentro desta caixa.

Os toddlianos na caixa gritaram e bateram palmas.

— Você foi até Wakefield vestida *assim*?

Lucy revirou os olhos.

— Não, eu estava vestida como uma aluna comum. Coloquei esta roupa preta para conduzir minha segunda missão de resgate. Os toddlianos disseram que o raptor de Herman era “um humano superalimentado com mau gosto para camisetas”, então eu soube que ele estava na casa de Dick Nixon.

— Eu cavalgaria uma daquelas criaturas de rabo peludo para chegar lá sozinha — explicou Perséfone para Herman. — Mas todas elas fugiram quando viram que eu me aproximava.

Lucy fez que sim.

— Aquele estúpido Dick deixara Herman para morrer de hipotermia na garagem. Por sorte a porta estava aberta e eu consegui invadir para salvá-lo.

— Eu lhe disse que encontraria alguém com coragem para ajudar! — disse Perséfone, batendo com a espora no meu ombro.

— Ai! — gritei. — Pare com isso!

— Pare com o quê? — disse uma voz rouca atrás de mim.

Antes mesmo que Lucy e eu percebêssemos o que acontecia, Max tirou a caixa das nossas mãos. De dentro dela ouviram-se gritos apavorados dos toddlianos, pedindo que o deus deles os salvasse.

*De novo, não.* Senti como se tivesse levado um soco no estômago e não conseguia respirar. *Não posso perdê-los novamente.*

Max se colocou entre mim e Lucy.

— Vi vocês dois segurando a caixa e resolvi descobrir o que estava acontecendo. E aqui estão vocês, com minha nota 10 nas mãos. — Ele cutucou meu peito. — Achei que você fosse legal. Achei que fôssemos amigos.

— Eu peguei os toddlianos — disse Lucy. — Todd não tem nada a ver com isso.

Ele se virou para ela.

— Sua perdedora nerd. Você me custou um Xbox!

Perséfone me atacou com sua espora.

— Você vai agir ou eu terei de fazer isso?

— Shhh — sussurrei, tentando mantê-la em segurança.

Max se virou para mim.

— Quem você está pedindo para ficar quieto, Butroche? Tentando proteger sua namoradinha nerd feia? Ah, que lindo. O Bunda Dura e o Cérebro, juntos para fazer com que Max pareça um idiota.

— Você não precisa de ajuda para isso — disse Lucy entre dentes.  
— Além disso, eu já lhe disse que Todd não teve nada a ver com o fato de eu ter roubado a meia.

Max jogou o braço sobre o ombro dela e revelou todo o seu caráter de uma só vez.

— Ah, que lindo, protegendo seu namoradinho do valentão porque você sabe que nenhum outro menino do planeta beijaria uma horrorosa como você.

Isso a fez perder a paciência. Lucy se soltou e tentou fugir, mas ele a segurou pelo ombro com mais força.

— Como é ser tão inteligente? Você solta pum em latim?

Tive de segurar Perséfone, que corria pelo meu braço para lidar com o próprio Max. Ele estava ocupado demais atormentando Lucy para perceber.

Max puxou uma das tranças de Lucy e disse:

— Ah, adoro seu cabelo. Quem faz esta trança? A Noiva do Frankenstein? Ou você simplesmente enfia o dedo na tomada?

Lucy chorava de verdade agora. Educada em casa, ela provavelmente não estava acostumada a ser provocada. Ela não disse nada, mas lágrimas rolavam por seu rosto.



Tentei pensar numa forma de calar Max, mas ele não me deu oportunidade.

— Ah, isso a magoou? — Ele se abaixou e empurrou a máscara de esqui para ela. — Sabe, se eu fosse tão feio quanto você, Menina Dodô, usaria uma máscara no meu rosto também.

Ela conseguiu fugir, chorando e correndo para o nosso quarto. Comecei a correr atrás dela, mas lembrei que os toddlianos ainda estavam nas garras de Max. Se eu fosse embora naquela hora, iria perdê-los para sempre.

— Chicoteie-o! — provocou Perséfone no meu ouvido.

— Max — chamei, covardemente. — Você acha que o sr. Katcher nos deixaria fazer o circo amanhã, já que temos os toddlianos de novo? — Eu estava fazendo figa, torcendo para que, se ainda encontrássemos uma forma de dar a nota 10 para Max, ele finalmente me deixaria ficar com os toddlianos. Estava bem mais claro agora que eu *definitivamente* não podia confiar nele.

Max sorriu para mim. Não era um belo sorriso.

— Como sabemos que as baratinhas não fugirão durante a noite? — Ele balançou a caixa e eu só consegui ouvir mais gritos dos toddlianos. — Como você pode me garantir que eles não desaparecerão novamente?

— Eu...

— Você não pode! Então tenho um plano melhor, um plano que é uma garantia de que terei minha nota 10. — Max apertou a ponta do meu nariz com o dedo. — E *você* vai me ajudar.





## CAPÍTULO 23

**Max voltou para a escola** e apontou com a cabeça para que eu o seguisse.

— Olhe — disse ele, andando e balançando a caixa. — Sei que fui duro demais com sua namorada. Fiquei estressado com aquela nota zero em Ciências. Mas você pode me ajudar com minhas notas.

Eu queria lhe dizer que Lucy *não era* minha namorada, mas em vez disso perguntei:

— Como? — Eu tinha de continuar interpretando se pretendia recuperar os toddlianos.

— Vamos roubar o gabarito da próxima prova.

*Roubar?* Meu coração parou de bater. Nunca havia roubado nem um pedaço de doce. Eu podia ser um menino relaxado, mas era um menino relaxado honesto.

— Tenho certeza de que você tomará a decisão mais acertada, Grande Todd — disse Lewis no meu ouvido. — Acreditamos em você!

Pigarreei e parecia que havia uma bola de boliche na minha garganta.

— Ah, como você planeja roubar o gabarito?

— Eu não, Bundinha, *nós*. Tive uma ideia no almoço de hoje enquanto eu e os meninos jogávamos ovos nos carros dos professores, mas preciso de alguém pequeno como você para se infiltrar e fazer o trabalho sujo. O gabarito está numa daquelas pastas bege no banco do passageiro do carro de Katcher. Eu o vi um pouco para fora.

Parei de andar.

— Você vai invadir o carro dele?

— Lembre-se de Watergate! — sussurrou Herman.

Max colocou o braço sobre meu ombro, a caixa ainda na outra mão dele.

— *Nós* vamos invadir o carro dele. Vai ser moleza. É um velho Fusca; eu o destrancarei com um cabide e você vai poder entrar e pegar o gabarito. Minha mãe me ensinou a... deixe para lá.

Ele me deu um empurrão e eu o acompanhei até a escola, me sentindo mal a cada segundo. Tinha de encontrar uma forma de escapar dessa.

— O sr. Katcher não foi embora?

— Não, ele é treinador do time de futebol e eles têm treino hoje, então temos muito tempo.

Dei uma olhada para o campo de futebol, bem à vista do outro lado da escola. Claro que o sr. Katcher estava lá com sua prancheta de confiança na mão. Ele estava de costas para nós, mandando que os jogadores treinassem dribles.

Era agora ou nunca. Decidi tentar uma coisa que nunca tive coragem de fazer antes: argumentar com Max.

— Ah, por que você não estuda para a prova e consegue uma nota alta? Eu poderia ajudá-lo com isso.

Herman se intrometeu:

— Eu também!

Max bufou.

— Não sou um gênio da ciência como a sua namoradinha. Preciso de uma nota 10 garantida. Além disso, tenho coisas mais importantes a fazer com meu tempo do que passar horas aprendendo sobre magma e outras coisas estúpidas.

— Por que essa nota é tão importante para você? — Já que estava no meio daquilo, tinha mais é que perguntar. — Você não está um pouco obcecado com essa nota 10? Você não pode economizar para comprar um Xbox?

Max jogou a caixa no ar e a pegou. Os pobres toddlianos dentro dela ficaram loucos. Os três toddlianos nos meus cabelos ficaram loucos também, e Perséfone deu uma esporada na minha cabeça com tanta força que eu quase gritei.

— Olhe, vou lhe dizer a verdade — explicou Max. — Há mais em jogo aqui do que apenas um Xbox. Meus pais estão ameaçando me mandar para uma escola militar na Virgínia se eu não tirar notas melhores, pronto.

— Uma boa ideia — murmurou Perséfone.

Eu me senti tentado a dizer a Max que invadir o carro de um professor atrás de um gabarito provavelmente faria dele suspeito, o que não ajuda exatamente nas notas, mas não tinha coragem.

— Eu tinha aquela nota garantida até que sua namoradinha maluca me atrapalhou.

Eu estava com medo de que ele esmagasse os toddlianos, já que Max apertava a caixa com força. Desesperado, tentei outra saída:

— Olhe, não me sinto bem...

— Sei como você se sente — disse Max, calmamente. — É melhor você superar isso para que possamos ir à pista de skate. Já lhe disse que estou com um novo skate? Talvez Nixy e Spud possam lhe ensinar algumas manobras. Você tem de ver o *kick flip* de Dick; ele é muito bom.

Lewis soluçou nos meus cabelos, o que significava que ele provavelmente estava chorando pelo destino de seus toddlianos novamente. Era isso. Respirei fundo, sabendo que poderia ser a última vez, e disse o mais rápido possível:

— Vou ajudá-lo com uma condição: deixe-me ficar com os toddlianos, por segurança.

— Isso é que é enfrentá-lo, parceiro! — gritou Perséfone. Finalmente lhe mostrei alguma coragem.

Max, porém, não estava impressionado.

Ele enfiou a caixa no bolso da camisa.

— Você os terá de volta assim que eu me der bem na prova. Entendeu?

Suspirei. O que eu poderia fazer?

— Entendi.

Ele me deu um soquinho no ombro e sorriu:

— Que bom. Vamos lá.

Chegamos a uma rua atrás da escola, onde o Fusca azul-claro do sr. Katcher estava estacionado no alto de uma colina. Vários carros atrás dele estavam sujos de ovos. Então, se fôssemos pegos, seríamos acusados de fazer aquilo também.

— Não tenha nada a ver com isso, Todd — implorou Perséfone no meu ouvido. — Eles o pegarão e o castigarão se você roubar aquele gabarito! Lembre-se do Álamo!

Não sabia ao certo o que o Álamo tinha a ver com isso, mas com certeza estava com medo de ser pego e castigado.

Mas não Max. Ele tirou um cabide da sua mochila e abriu o arame.

— Me-dê cobertura — disse ele, enfiando a extremidade entre o vidro da janela e a porta do motorista.

Olhei a rua e o campo de futebol, garantindo assim que ninguém nos via. Havia algumas crianças brincando num tanque de areia no pé da colina. Alguns pais estavam sentados em bancos de praça, conversando ou ocupados com seus telefones.

Eu não conseguia decifrar o que Max resmungava em meio às batidas altas do meu coração. Pela expressão dele, achava que ele estava xingando.

— Butroche! — berrou ele. — Venha aqui e me ajude!

O fato é que ele conseguiu abrir um pouco a janela, mas, quando tentou abrir a porta, ela estava travada.

— Eu lhe disse que precisava de alguém pequeno. Você vai entrar pela janela e pegar o gabarito. Está no banco do passageiro, sob o guarda-pó.

Meu coração disparou. Eu estava preparado para entrar pela porta aberta, mas isso...

— Eu... eu não posso — disse, gaguejando. — Isso é invasão.

— Não me obrigue a quebrar alguma coisa *sua*. — Max se lançou contra mim e depois mudou de ideia. Ele balançou a cabeça e disse: — Vamos lá, eu achava que você era legal. É só um segundo, depois podemos ir juntos para a pista de skate.

Olhei para a escola e para a rua.

— Os toddlianos serão meus depois da prova?

— Assim que ela acabar. Agora entre!

Enfiei minha cabeça e peito pela janela. Max levantou minhas pernas e me empurrou para dentro do carro. Minha perna esquerda

apertou a buzina, que soou alta o suficiente para que pudesse ser ouvida em outro país.

— Droga! — gritou Max enquanto, no campo de futebol, o sr. Katcher se virava na nossa direção. Depois de um minuto, ouvi a voz e o apito dele enquanto o treino recomeçava, peguei a prova e me virei para sair do carro. Mas, como era desastrado, de alguma forma consegui destravar o freio de mão com meu joelho direito. — Ah, NÃO!

— Rápido! — Max enfiou a mão pela janela e puxou o freio de mão. Enquanto ele fazia isso, a caixa caiu do bolso da sua camisa e deslizou para debaixo do banco do motorista. Tentei pegar a caixa ao mesmo tempo em que Max e eu batemos cabeça. Ele xingou e saiu pela janela enquanto o carro começava a descer a colina.

Eu estava enrolado como um pretzel no banco do motorista, com o gabarito entre meus dentes e meu bumbum para cima. Meu pé esquerdo estava preso no cinto de segurança e eu não conseguia me soltar.

— O freio! — gritou Max, segurando-se ao volante do carro em movimento. Procurei a caixa, mas ela estava fora do meu alcance, então me virei e tirei o pé do cinto de segurança, engoli em seco e abri a porta do passageiro. Tentei ajudar a deter o carro afundando meus pés no asfalto e me segurando à maçaneta, mas foi inútil. O carro era muito mais pesado do que eu e descia cada vez mais rápido pela colina... e o parquinho.

Os toddlianos nos meus cabelos viram o parquinho ao mesmo tempo que eu. Eles gritaram e eu gritei. O carro avançou enquanto eu parei de correr. Meus pés se fundiram à rua e eu tive um ataque de pânico. Os toddlianos seriam mortos! As criancinhas seriam mortas! *Ah, meu Deus! O que eu faço?*

Não tinha como tirar os toddlianos do carro; ele ganhava velocidade a cada segundo. As crianças no balanço não tinham ideia de que estavam prestes a ser destruídas. Elas riam e jogavam areia umas nas outras como se fosse o melhor dia de suas vidas.



Tenho de salvá-las de alguma maneira.

— MOOOOVAM-SE! — gritei, passando por Max, que havia cruzado os braços e estava andando tranquilamente para o outro lado da rua, assobiando como se não estivesse envolvido na invasão do carro. Abri os braços como asas e corri pela colina tão rápido que quase caí de cabeça no gira-gira. — SAIAM DO CAMINHO! — apontei para o carro que ia diretamente na direção das crianças e agitei os braços feito um louco, levando as crianças para debaixo do escorregador, em segurança.

Havia um bebê do tamanho de Daisy sentado distraído na areia, falando consigo mesmo. Peguei-o e o entreguei a uma moça histérica que eu achava ser a mãe dele. Naquele instante, o carro atingiu o ponto mais baixo da colina e saiu pela estrada. Ele subiu na calçada e bateu numa cerca de madeira.

O carro não atingiu o parquinho, mas isso não impediu que as crianças berrassem. Elas se seguravam umas nas outras e nos seus pais, que corriam desesperados.

A mamãe do bebê me abraçou com tanta força que quase quebrou minhas costelas, falando o tempo todo que eu era um herói. Não consegui compreender o que os outros disseram ao me cumprimentar e beijar meu rosto. Por fim, me liberei e corri para o carro, assustado. Como aqueles pais se sentiriam se soubessem que era minha a culpa por seus filhos quase serem atropelados por um carro em movimento?

Eu tremia ao abrir a porta do carro e entrar, procurando os toddlianos. Max estava gritando alguma coisa, mas não conseguia ouvi-lo por sobre o som das batidas do meu coração. Ele parecia pulsar uma mesma questão repetidas vezes:

*Será que eu tinha matado os toddlianos?*





## CAPÍTULO 24



**Lewis e seus amigos sofriram** ataques cardíacos nos meus cabelos. Encontrei a caixa sob o pedal do freio e a peguei, abrindo-a com uma sensação de pavor.

Dentro da caixa estava um caos, com os toddlianos gritando e correndo para todos os lugares.

Mas não importava... Eles estavam bem! Estavam apavorados e chorando, mas estavam seguros.

Max desceu correndo a colina e parou perto de mim.

— O que você estava pensando, Butroche? — perguntou ele. — Você não sabe o que é um freio de mão? Cara, você nunca dirigiu um carro?

Olhei para o declive. Por sorte todos haviam se dispersado. Os pais colocavam as crianças nas cadeirinhas dos carros. Ninguém parecia ter notado que eu havia voltado para o veículo. A mãe do

bebê o colocou numa minivan longe de nós. Ela estava falando ao celular e parecia que descrevia o Fusca do sr. Katcher. *Ah, ótimo. Ela chamou a polícia.*

Max deve ter tido a mesma ideia, porque disse:

— Você nos meteu numa tremenda enrascada.

*Eu nos metera nisso? O quê?*

— Por sorte não há policiais por perto — disse Max ao bater a porta do passageiro. — Vai parecer apenas que Katcher se esqueceu de puxar o freio de mão.

Olhei para a cerca destruída.

— Quem pagará pelo estrago?

— O seguro! O seguro paga por tudo. Você tem de ter seguro, senão não pode dirigir. Adultos têm milhões de regras assim. Loucura, eu sei.

— Ah. — Eu me sentia aliviado demais para dizer alguma coisa.

— De qualquer maneira, vamos sair do meio da confusão. — Max me segurou pelo braço e me tirou de perto do carro até um punhado de árvores do outro lado do parque. Estava muito mais frio na sombra. Eu não tinha percebido como estava suado. — Como estão os insetinhos? — perguntou ele.

Minha mão tremia ao mostrar a caixa. Eu estava bastante abalado com a coisa do carro.

— Estão bem... acho. — Alguns deles ainda gritavam "Grande Todd, salve-nos!". Abri um pouquinho a caixa e lhes disse: — Está tudo bem. Vocês estão seguros agora.

Max tirou a caixa da minha mão e meu estômago revirou. *De novo.* Depois de tudo, ele ia mesmo tirá-los de mim?

— Tio Max está feliz por vocês estarem bem também — disse ele para a caixa. — O que vocês achariam de fazer os números de circo na nossa feira de eventos no fim de semana? Vocês ficarão famosos!

— Nããããããã! — foi a resposta unânime dos toddlianos. Mas porém, não pareceu ouvir.

Ele riu.

— Fabuloso! Estou empolgado também. — Alguns toddlianos mais corajosos tentaram fugir da caixa, mas ele os derrubou para dentro novamente e fechou a tampa.

— Ah — eu disse, erguendo o dedo. — Seria um ótimo plano, só que não ganhamos a competição de ciências. Duddy e Ernie ganharam. Lembra? Então não nos qualificamos para a feira — eu o lembrei. — Não temos como participar.

— De jeito nenhum. — Max estreitou os olhos. — Podemos não fazer parte do Concurso de Idiotas oficial, mas há sempre uma forma de conseguir o que se quer, se você quiser de verdade. E eu quero minha nota 10 e meu Xbox.

— Mas deixamos o gabarito no carro. — Apontei para o Fusca.

Max deu de ombros.

— E temos de deixá-lo lá, senão o sr. Katcher saberá que foi um dos alunos dele que invadiu o carro. Vou simplesmente colar de você na prova, e eu deveria ter pensado nisso antes. Aí está o meu 10. E levaremos os insetinhos à feira e as pessoas poderão assistir ao Circo de Pulgas por cinco dólares, e aí está meu Xbox.

— Nãããããã! — ouviu-se um choro abafado de dentro da caixa.

Eu não conseguia pensar em nada a dizer.

— Grande Todd? — Lewis desceu até meu ombro. — Por favor?

Engoli em seco. Era hora de mostrar coragem. Gostasse ou não, os toddlianos eram minha responsabilidade, e eu tinha de pelo menos tentar protegê-los. Respirei bem fundo.

— Não. Esse plano não vai dar certo. Os toddlianos não são artistas de circo; são pessoinhas com sentimentos, e estão se machucando, Max. Isso precisa parar.

Max olhou para mim. Ele franziu a testa.

— O que foi que você disse?

— Isso precisa parar. Vou ajudá-lo a estudar para a prova, mas preciso dos toddlianos de volta. — Estendi minha mão trêmula. — Agora.

As narinas de Max se dilataram e eu me preparei para apanhar.

— Vamos lá — tentei, desesperado. — Podemos conversar sobre isso a caminho da pista de skate.

Ele jogou a cabeça para trás e bufou.

— A pista de skate? Está brincando? Por que eu aceitaria um perdedor como você num lugar onde só os meninos legais se encontram? — Max fez uma pausa. — Cara, por que você acha que eu quero andar com você?

Eu fiz uma careta.

— Ah, seria porque você achou que eu era legal no primeiro dia em que enfrentei o sr. Katcher na aula de Ciências?

Max se aproximou de mim e pôs o dedo entre meus olhos.

— Legal, não. *Inteligente*. Quando você falou toda aquela besteira sobre qualquer coisa espontânea, pensei comigo mesmo: “Max, aquele menino ali é sua chance de tirar um 10 e ganhar um Xbox”.

Meu estômago revirou ainda mais.

— Quando conheci a Menina Dodô, então tive certeza: os cérebros de vocês dois me salvariam. — Ele colocou a caixa no bolso da camisa e flexionou seus bíceps dilatados. — Mas vocês não me ajudaram. Vocês estragaram tudo como os bobões que são. Então o mínimo que podem fazer é compartilhar seus insetinhos comigo para que eu possa ganhar algum dinheiro.

Meus ombros caíram. Senti como se alguém tivesse enfiado um canudinho dentro de mim e sugado tudo lá de dentro. Nunca pensei que eu fosse inteligente nem fingi ser. Mas, durante alguns poucos

dias, senti o que era ser *alguém*, e gostei. Agora eu sabia que nada daquilo era real.

— Grande Todd? — Lewis sussurrou novamente. — Acredito em você.

Algo dentro de mim se incendiou. Podia não ser legal, mas havia toda uma raça contando comigo, e pelo menos um deles achava que eu podia fazer qualquer coisa porque eu era a melhor pessoa do mundo. Eu os salvaria ou apanharia tentando.

— Obrigado, mas não, Max. — Estendi minha mão mais uma vez. — Não vou à feira com você. Vou pegar os toddlianos agora e ir embora.

Ele arqueou a sobrancelha. Acho que Max estava surpreso por eu finalmente tê-lo enfrentado. Éramos dois.

— Você terá seus insetinhos de volta quando eu conseguir meu Xbox. Fim de papo. — Max se virou para ir embora, mas parou. — E fique feliz por eu não arrancar sua cabeça. — Ele bufou. — Que bando de perdedores. — Então ele saiu batendo o pé.

— Ah, não! — reclamou Lewis. — Chegamos tão perto desta vez. Meu povo será livre algum dia?

— Sinto muito — eu disse. — Tentei. Realmente tentei.

Perséfone pulou no meu outro ombro e me cutucou com suas esporas.

— Eu disse a vocês todos que este daqui é medroso demais para ser nosso líder.

— Calma, calma — disse uma terceira voz. *Herman*. — Não vamos ser tão duros. Você tem de dar aos novos líderes a oportunidade de provar seu valor, principalmente em tempo de guerra. Lembre-se das palavras imortais de Winston Churchill: "Nunca desista. Nunca, nunca, nunca!" Tenho certeza de que o Grande Todd tem um plano para garantir a sobrevivência da nossa espécie. — Ele fez uma pausa, acho que para que aquilo fosse absorvido por mim. Então,

com uma voz solene e honesta, ele fez a pergunta que me obrigaria a alcançar o nível que aquela divindade acidental exigia: — Grande Todd, qual o seu plano?







## CAPÍTULO 25



### LEWIS

*A Adorável Chamada Daisy pegou meu pedaço de giz de cera rosa com sua mão gordinha. Ela riu, resmungou e cantarolou na sua língua nativa.*

*— Não, Lewis, você está sendo duro demais. O segredo de criar arte é deixar a alma fluir por seus dedos, então eles devem relaxar. Assim.*

*A Adorável me dava aula de arte desde a noite em que ela não conseguiu construir o Daisynator 3000. Ela observou minha tentativa amadora de construir uma estátua do seu Grande Irmão e se ofereceu para me ajudar a melhorar minha técnica. Fiquei feliz pela orientação dela, principalmente agora, quando meu líder está tão confuso, que eu sabia que somente a arte podia inspirá-lo. O Grande Todd parecia especialmente deprimido depois de voltar da cena do*

*acidente automobilístico. Ele se jogou na sua cama ao chegar em casa e mal se mexeu desde então. Deixei Herman e Perséfone nos cabelos para cuidar dele, com instruções para me chamar se necessário.*

*Estava contando que a Adorável me ajudaria a criar uma obra de arte que animaria a alma do Grande Todd e o lembraria de seu grande e incrível poder. Eu crescera muito como artista desde o Desastre da Estátua. Daisy, contudo, era uma verdadeira mestre, produzindo mais de quinhentas obras de arte nas paredes e armários, sem mencionar suas criações culinárias.*

*— Como a maioria dos grandes artistas, sou incompreendida pelas pessoas próximas — reclamou ela. — Só o tempo revelará o verdadeiro valor das minhas obras-primas.*

*A maior parte do trabalho da Adorável Daisy foi destruída por sua mãe, que não a apoiava. Por isso é que, nesta manhã mesmo, cheguei a chorar com Borboletas em Gelatina Vermelha, uma bela representação dos planadores vermelhos africanos com tinta de dedo. Mas a mãe dela arruinou tudo, brigando com a filha e limpando a sujeira muito bem colocada no chão da cozinha com um só golpe.*

*— Eu a farei pagar — disse Daisy. — Farei com que todos paguem!*

*Não era de admirar que ela geralmente estivesse irritada com o Grande Todd, que também não reconhecia os talentos dela. Mas eu ainda acreditava que Daisy e Todd tivessem mais em comum do que imaginavam. Ambos eram generosos e criadores. Hoje a Adorável e eu tentamos fazer uma natureza-morta, A Chupeta, na porta da geladeira. A mãe estava na sala ao lado, entretida em ensinar a uma criancinha a necessidade de contar enquanto se apertavam as teclas pretas e brancas com os dedos.*

*Era difícil se perder na arte de alguém com tanto barulho, mas, se a professora podia fazer aquilo, o pupilo também podia. Relaxei a mão e a passei sobre a superfície cor de abacate da geladeira,*

*rapidamente desenhando as curvas da Chupeta. O tema me encheu de melancolia por sua conexão com as lágrimas e raiva da dona. Peguei um pedaço de giz de cera cor de lavanda e o passei sobre meus rascunhos.*

*A Adorável balançou a cabeça, concordando.*

*— Excelente interpretação, Lewis.*

*Houve uma pausa na cacofonia vinda do piano e eu ouvi meu mestre se remexendo na cama.*

*— Preciso ir — eu disse. — O Grandioso pode precisar de mim.*

*Mas Daisy não ouviu. Ela estava com dificuldade para retratar o bico da chupeta de uma forma que a agradasse. Num momento de fúria, ela mordeu o giz de cera, quebrando-o em dois e cuspiendo no chão.*

*— Ensopado!*





## CAPÍTULO 26



**Não consegui dormir nada** na noite depois de invadirmos o carro do sr. Katcher e também estava deprimido demais para sair da cama. Por mais que tentasse desligar meu cérebro, continuava vendo os toddlianos esticando seus bracinhos e pedindo ajuda. Senti que tinha perdido tudo. Duddy, Lucy, Max, os toddlianos — até mesmo meu autorrespeito. Eu me encolhi até virar uma bola e fiquei choramingando, desejando que pudesse voltar no tempo e fazer tudo diferente.

Mas não se pode mudar o passado. Só se pode mudar o futuro. Essa pérola de sabedoria me ocorreu por volta da meia-noite, quando eu tentava me acalmar contando toddlianos na minha cabeça. Talvez fosse hora de “pegar o touro pelos cornos”, como Perséfone diria. Talvez ainda houvesse tempo de dar um jeito nisso.

Eu me sentei e chamei os três toddlianos que consegui tirar das garras de Max.

— Lewis? Perséfone? Herman? Posso falar com vocês?

Eu os ouvi se mexendo e vi Lewis correndo na minha direção, vindo do travesseiro. Fui pegá-lo.

— Sim, Grande Todd? — disse ele, curvando-se. — Como posso ajudá-lo?

Ele provavelmente quer entregar você para aquele fora da lei, o Maldoso Max — desprezou Perséfone. — Eu lhe disse que ele era um traidor! — Ela veio do quarto de Daisy... cavalgando Camo. Lewis disse que Herman estava na garagem, então o peguei e os coloquei sobre minha mesa, me abaixando de modo que ficássemos no mesmo nível. Bem, exceto por Camo, que, com aqueles olhos, jamais ficava no mesmo lugar por mais de dois segundos.

— Ah. — Pigarreei. Isso é mais difícil do que eu achava que seria. — Ouçam, caras. Sei que tenho sido um péssimo líder...

Perséfone bufou novamente e Lewis lhe lançou um olhar de advertência.

— Sim, então, para ser sincero, só queria pedir desculpas a vocês por aquele estúpido circo e por tudo o que aconteceu com Max. — Aí. Eu disse tudo.

Lewis simplesmente deu um risinho nervoso e disse:

— Obrigado, Grande Todd. Desculpas aceitas.

Mas Herman tinha mais a dizer. Ele se curvou diante de mim e citou:

*“A qualidade da misericórdia não se dilata.*

*Ela cai sobre nós como a chuva do céu*

*Sobre o lugar abaixo. É uma bênção dupla:*

*Abençoa o que dá e o que recebe.”*

— Volume S, Shakespeare — explicou ele, abrindo os braços. — Você tem todo o meu perdão.

Com Perséfone era diferente.

— Esperem um pouco, meninos. Algo está estranho aqui. Lembrem-se, foi essa cobra do deserto que nos entregou para o maldoso Max, em primeiro lugar.

Achei que Lewis fosse ter um ataque do coração tentando fazê-la se calar.

— Tudo bem — eu disse. — Ela tem razão. Eu os entreguei mesmo para o Max, o que foi um enorme erro. Para mostrar-lhes que sinto muito, prometo fazer qualquer coisa para salvar seu povo. — Respirei fundo. — *Meu povo*. Só que não consigo pensar em nada. Por isso é que não consigo dormir.

Perséfone desceu de Camo e ficou diante dele, segurando as rédeas de fio dental.

— Chega desse palavrório. É muito simples de quem precisamos. *Lucy* é o cérebro por trás desta operação e a única com coragem de enfrentar Max.

— Ooooh! — gritaram Herman e Lewis. Lewis a segurou pelo braço. — Cuidado para não blasfemar contra o Grandioso, Perséfone.

Ela se livrou dele.

— Acho que ele sabe que tenho razão.

Os caras olharam para mim.

— Verdade. — Dei de ombros. — Sou um idiota. — Perséfone deu uma risadinha ao ouvir isso. — *Lucy* é que é inteligente, e precisamos da ajuda dela.

O trio toddliano subiu nos meus cabelos para a viagem até a casa de *Lucy*. Entramos pela garagem, depois de acordarmos a cachorra e quase sermos pegos. Mas Perséfone cuidou de VanderPuff. Ela desceu pelas minhas pernas usando fio dental, depois laçou a boca da cachorra e amarrou suas patas. Puffenstein acabaria por se livrar em alguma hora, mas já estaríamos longe. A vaqueira estava começando a me conquistar.

Por sorte o quarto/laboratório de Lucy ficava no térreo da casa. Peguei uns pedregulhos no canteiro de flores, o estômago apertado, esperava que ela compreendesse por que decidi ficar para trás, pelos toddlianos, em vez de correr atrás dela, principalmente levando em conta que eu não fiz muito para demonstrar meus esforços.

Foram necessários dez pedregulhos antes que as cortinas se abrissem um pouco e depois totalmente. A janela se abriu e Lucy tirou a cabeça para fora com seu cabelo de Medusa e tudo.

Então ela viu que era eu.

— Agora, não, Todd. Eu...

Falei bem rápido.

— Olhe, Lucy, desculpe. Eu fui um completo idiota e não mereço sua ajuda. Mas os toddlianos precisam de você e eu também. Max de algum modo conhece uma forma de levar os toddlianos à feira, mesmo com a nossa nota zero na aula do sr. Katcher. Ele vai obrigá-los a realizar perigosos números de circo lá amanhã e eu quero impedi-lo, mas não consigo pensar numa forma de resgatar os toddlianos sem que ele descubra.

Parei para respirar e ela se manifestou:

— Você deveria ter aceitado meu conselho sobre o Max no começo, em vez de ser o laçao dele o tempo todo. Eu disse que ele emitia más vibrações.

— Você tem toda a razão. Acredite, queria jamais ter conhecido o cara. Agora perdi a amizade de Duddy, o melhor amigo que eu poderia ter, e não sei como reconquistá-lo também. — Eu me aproximei da janela para que ela pudesse ver meu rosto sob a luz do poste. Queria que ela soubesse que eu falava muito sério. — Só queria deixar de ser um excluído. Você estuda em casa e não tem ideia de como é difícil ser vítima de valentões na escola.

Lucy bocejou.

— Que seja.

— Max seria minha passagem para a liberdade, mas, em vez de ser legal, eu fui apenas um tolo.

— Belo uso de palavras! — sussurrou Herman. — O Bardo estaria orgulhoso!

— Isso faz sentido para você? — perguntei.

Ela balançou os cabelos.

— Não. Mas isso não importa agora. A única coisa que importa é impedir que os toddlianos sofram ainda mais. Você jura fazer tudo o que puder para proteger os cidadãos da Toddlândia de mais perigos?

— Juro.

Lucy estendeu a mão para que eu a cumprimentasse. Apertei a mão dela com força.

Os toddlianos gritaram, felizes. Lucy desapareceu da janela e depois voltou, mostrando um quadro de avisos.

— Certo. Deem a volta até a porta dos fundos para que eu possa deixá-los entrar. — Ela balançou sua caneta marcadora no ar. — Hora de acabar com aquele cara!







## CAPÍTULO 27



**Eu achava que nada podia** me deixar mais enjoado do que o passeio na Eggroll na feira do ano passado. Mas agora eu estava passando muito mal e não tinha nem mesmo comido cachorro-quente, bolo de milho, algodão-doce, frituras e outras delícias que saboreei durante minha experiência na feira passada. Era o enjoo nervoso de um cara que sabe que está prestes a ser pulverizado diante de várias pessoas.

A tenda de listras vermelhas e amarelas que Max estava abrindo era maior do que eu imaginava. Ele usava fita adesiva para grudar enormes cartazes ao lado da tenda, dizendo: "Venham Ver o Circo do Max! Criaturas Reais Fazendo Truques Para Sua Diversão! US\$ 5!" Tudo parecia amador para mim, e eu não pude deixar de notar que o mapa da feira mostrava uma espécie de demonstração de facas de cozinha no lugar dele, mas, quando perguntei a Max como ele conseguiu nos colocar na feira num prazo tão curto, ele

simplesmente disse para eu cuidar da minha vida. Enquanto isso, ele continuava olhando para a entrada, como se esperasse alguém.

Respirei fundo. *Relaxe, Todd. Você tem outras coisas com que se preocupar.* Estávamos perto da passarela principal e lá fora podíamos ouvir palhaços gritando, pessoas rindo, o som de um sino a cada vez que alguém ganhava um peixinho dourado jogando argolas em garrafas de refrigerante. Foi aquele som do sino que me deixou mais enjoado. Todos os anos antes deste, eu fora uma daquelas pessoas que ganhavam peixinhos dourados e, todos os anos, o peixinho morria em um mês. Eu dizia a mim mesmo que aqueles peixes deviam estar doentes quando eu os ganhei. Agora percebo que era provavelmente por minha culpa o fato de todos eles terem de ser jogados na privada.

Este ano havia muito mais em jogo do que um peixinho num aquário. Eu tinha toda uma civilização num aquário diante de mim, dependendo de mim para sua sobrevivência. Eu me abaixei atrás da mesinha que continha o aquário e procurei os toddlianos.

Pelo vidro, Max olhava de cara feia para mim.

— Só me certificando de que eles ainda estão aqui — disse ele ao se levantar. — Não quero arriscar depois da nossa apresentação na escola.

Sem brincadeira. Ele pôs uma tampa no tanque e a trancou com um cadeado. A chave estava no bolso da frente da sua calça jeans, onde ninguém ousaria pegar. O único toddliano que permanecia escondido no meu cabelo era Lewis.

Meu coração batia acompanhando o baixo da música country que tocava lá fora. O cheiro constante de açúcar e gordura revirava meu estômago, mas lancei aos toddlianos cativos o maior sorriso que consegui.

Olhei para a gaiola de Camo para ter certeza de que ele estava bem. Depois do encontro de ontem com Lucy, liguei para Max e disse a ele que achava que precisávamos fazer do *grand finale* do circo algo realmente incrível... e que Camo era a solução.

Max concordou, com a condição de que ensaiássemos uma vez para termos certeza de que nada de errado aconteceria.

— Mas acho que Camo comendo os toddlianos vai mesmo parar o show. He he.

Eu apenas começava a abrir a gaiola de Camo quando duas cabeças apareceram na entrada da tenda. Lucy e Duddy.

— O show não começou ainda! — reclamou Max.

Lucy abriu a porta da tenda e entrou assim mesmo.

— Duddy e Ernie ficaram em terceiro lugar na feira de ciências, por isso ganhamos bolinhos fritos para celebrar. Não conte nada para a Susan. De qualquer forma, ajudei a descobrir os toddlianos, por isso acho que tenho o direito de ver como vocês, cretinos, os têm maltratado.

Max parecia ter aprendido o que eu já sabia: a melhor forma de se livrar de Lucy era deixar ela conseguir o que queria.

— Certo — aceitou ele, bufando. — Mas seja rápida. Vou deixar o público pagante entrar em um minuto. — Ele meteu um dedo no rosto de Lucy, os olhos escuros. — E não pense que pode aprontar comigo.

Duddy seguiu Lucy até o aquário.

— Ei — eu disse, todo desajeitado. — Parabéns.

— Ei — ele murmurou, sem olhar para mim. — Obrigado, acho. Estou com aquela historinha do *Dragon Sensei* que você escreveu. Guardei num *pen drive*. Não quero aquilo travando meu computador.

Duddy pegou algo no bolso e colocou na palma da minha mão. Peguei e lhe fiz um sinal afirmativo.

— Certo. Obrigado.

Ele arqueou a sobrancelha e acenou de volta.

— Posso vê-los?

Dei de ombros e apontei para o aquário.

— Claro.

Dudster se abaixou e colocou seu rosto na lupa que Max havia instalado diante do aquário.

— Ah, cara... ah, cara... olhe só para eles! Olhe para eles! — sussurrou ele. Não pude deixar de sorrir. Nunca quis manter os toddlianos longe de Duddy. Mas então Max me alertou para não contar sobre os toddlianos a ninguém e logo depois Duddy parou de falar comigo. Então foi mais fácil do que eu imaginava guardar os toddlianos como um segredo, eu não tinha um melhor amigo por perto para contar.

Sabia que Duddy os amaria. E fiquei feliz por ver que eu tinha razão.

— Eles são tão INCRÍVEIS!

Max bufou.

— Bem melhor do que aquelas estúpidas formigas, hein? — Ele segurou Duddy pelas costas da camisa e o empurrou para a entrada. — Agora saiam daqui, perdedores. Temos de ensaiar antes do espetáculo. — Ele olhou para a passarela novamente, pegou sua chave e começou a destrancar o aquário, murmurando para mim: — Acho que você não conseguiu manter em segredo a existência dos insetinhos, hein, Butroche? Você tem sorte por eu estar de bom humor hoje, porque finalmente ganharei algum dinheiro com estes insetinhos, senão você veria o que faço com pessoas que não cumprem promessas.

Lucy piscou para mim e depois ela e Duddy se separaram.

— Certo. Pegue o lagarto e vamos fazer essa coisa. Tenho de começar a receber o dinheiro das pessoas. Viu a fila lá fora?

Eu vi. Era melhor aquilo dar certo, ou então aquelas pessoas teriam um show ainda mais interessante do que elas esperavam.

Tirei Camo da gaiola e seus olhos giraram, vasculhando a cena. Perséfone estava escondida atrás da cabeça dele.

— Lembra do ensaio? — perguntei baixinho.

— Claro, Peregrino — gritou ela para mim. — Temos de dar início ao plano!

Max abriu a tampa o bastante para que eu colocasse Camo dentro e a fechasse novamente.

Foi então que se ouviu uma confusão do lado de fora da tenda.

— CRUELDADE COM OS ANIMAIS! — gritava Lucy. — Estas pobres criaturas estão sendo violentadas! Boicotem esta atração!

— Boicotem esta atração! — repetiu Duddy.

— O quê?... — resmungou Max, saindo da tenda. Eu o ouvi ameaçar Lucy. — Vou acabar com você amanhã se você não CALAR A BOCA!

Eu me virei para o aquário.

— Rápido! Não temos muito tempo! — disse aos toddlianos. Max parecia com tanta raiva que era capaz de cortar todos os membros de Lucy.

Duddy era mais forte do que parecia — caramba, ele conseguiu até mesmo conquistar Ernie Buchenwald —, mas eu temia que ele e Lucy não fossem capazes de sair dessa.

Observei a ação no aquário; tudo estava indo de acordo com o planejado na Fase Um da Operação CAMOflagem. Só esperava que não fosse tarde demais. Lucy não seguraria Max por muito tempo.

Assim que foi completada a Fase Um, gritei:

— AH, NÃO! Max, venha rápido. Camo está *comendo* os toddlianos!

Isso acabou com a briga lá fora.

— Ouça aqui — ouvi Lucy dizer —, ficarei calada por enquanto, mas, ao primeiro sinal de que você os está machucando, vou mandar prendê-lo. — Eu precisava aceitar: aquela menina tinha coragem.

Max resmungou alguma coisa e voltou correndo para dentro da tenda.

— Tem certeza de que eles estão bem? — perguntou ele, destravando a tampa. Ele pegou Camo e o examinou.

— Não sei, ele pode ter engolido alguns toddlianos. Parecia que estava mastigando alguma coisa. — Segurei forte o “*pen drive*” que estava no meu bolso. — Melhor levá-lo para pegar sol e ver se há pernas saindo da boca dele. Tenho certeza de que os toddlianos são tóxicos para camaleões.

Enquanto Max tentava abrir à força a boca de Camo, dei início à Fase Dois da operação e derrubei o conteúdo da caixa (isto é, o *pen drive*) que Duddy havia me entregado dentro do aquário.

— Deixe para lá, eu os estou vendo agora! Eles estavam se escondendo. Parece que todos estão aqui.

— Que bom. Foi por pouco, Butroche. — Ele soltou Camo na mesinha perto do aquário. — Controle seu lagarto de agora em diante. Só temos tempo para uma apresentação, no máximo duas.

*Hummmm.*

— Por que não temos tempo para mais apresentações? — perguntei. — A feira vai durar o fim de semana todo.

Max me encarou, as sobrancelhas formando um V peludo.

— *Porque sim* — disse ele, olhando para a entrada da tenda novamente. — Cale a boca.

Só fiz que sim, tentando não mostrar hesitação. *Siga o plano. É um bom plano.*

Max olhou para o aquário. Um grupo de pontinhos correu até o trapézio. Isso o deixou satisfeito.

— Bem a tempo também. — Ele verificou seu celular. — O primeiro show vai ser em dois minutos, e temos uma fila de um quilômetro lá fora. É melhor que vocês façam um belo espetáculo, senão jogarei ketchup sobre vocês e darei para o camaleão!

Enquanto Max mexia no dinheiro na sua gaveta, dei início à Fase Três. Com uma das mãos devolvi Camo à sua gaiola e, com a outra, cuidadosamente passei a caixinha na barriga dele.

— Todos estão aí? — sussurrei.

— Sim! — gritou Perséfone. — Eu reuni todos. Eles vão fazer o que eu mandar, não se preocupe.

Coloquei a caixa no bolso.

— Muito bem — disse Lewis nos meus cabelos. Mas ainda não estávamos totalmente seguros. Na verdade, estávamos prestes a entrar naquela fase que me dava enjoo.

— Entrem, entrem todos! — Max gritou ao abrir a tenda. — Uma nova espécie de seres minúsculos se apresentará para o seu prazer!

Tínhamos cinquenta cadeiras dobráveis, e elas foram todas ocupadas por crianças e adultos. Max contava o dinheiro, cobrando cinco dólares por pessoa. Quando todos os assentos foram ocupados, ele deixou várias pessoas ficarem de pé onde quer que encontrassem lugar. Tudo ficou muito agitado, e Max parecia empolgado, acenando com um maço de notas na minha direção.

— Xbox, aqui vou eu — disse ele.

Abri caminho até a primeira fila para ver a ação se desenrolar. Talvez eu pudesse me misturar à multidão se Max viesse atrás de mim.

O tumulto das vozes na tenda cessou quando ele trancou e escondeu a gaveta de dinheiro sob a mesa.

— Você os viu? — perguntou o menino ao meu lado. — São mesmo pessoas em miniatura?

Antes que eu pudesse responder, Max acionou a música pesada e anunciou:

— Contemplem o Circo Maxiano! — Ele ajustou a enorme lupa diante do aquário. — Primeira fila, aproximem-se e se preparem para se surpreender!

Fiquei no meu lugar enquanto o restante das pessoas corria para o aquário. Por um instante, o único som era o chiado das guitarras elétricas. Então as pessoas começaram a rir.

— Não é uma nova espécie! — gritou um homem.

— São apenas formigas comuns! — disse o menino que estava ao meu lado. — Tenho formigas assim no meu quintal. — Ele puxou Max pela calça jeans. — Quero meu dinheiro de volta!

Mais pessoas se reuniram ao redor do aquário. Algumas riram. Em pouco tempo todos gritavam ao mesmo tempo:

— Queremos nosso dinheiro de volta! Isso é uma mentira! Vou denunciá-lo! Pilantra!

— Esperem! Sentem-se! — Enquanto Max tentava conversar com as pessoas em meio ao som da música pesada, alguém bateu na cabeça dele com uma maçã do amor. — Parem com isso! — gritou Max. — Eles estavam aqui há um minuto, eu juro!

— Ah, claro — ironizou um adolescente. — Enganar um bando de alunos do sexto ano não bastava? Ouvi a história do projeto de ciências falso que você tentou mostrar na escola. E agora você tem coragem de pegar o dinheiro das pessoas! — Ele jogou sua bebida em Max e o líquido vermelho explodiu contra o peito dele como se fosse um tiro.

Max ficou com o rosto todo vermelho, combinando com sua camisa.

— Eu disse PAREM! PAREM! — Ele bateu um punho no outro.

— MENTIRA! — foi a resposta do adolescente. Aquilo pegou, e toda a multidão passou a gritar: — MENTIRA! MENTIRA! MENTIRA!



MENTIRA!

Max não sabia para onde olhar. Se ele não merecesse tudo aquilo, eu sentiria até pena dele. Mas então ele começou a vir na minha direção e eu me preocupei em salvar minha própria pele. Max me agarrou pela camisa.

— Se você tem algo a ver com isso — ameaçou ele —, vou voltar amanhã e acabar com você.

Era nessa hora que eu havia planejado desaparecer na multidão, mas ele me segurava com força.

— Ou melhor... Você pode me recompensar com aquele seu skate. Vou até sua casa pegá-lo. Entendeu?

*Ops.* Abri a boca para concordar e sair dali, e foi quando um cara apressado, usando terno, entrou correndo na tenda, trazendo consigo uma pasta com os dizeres “Facas Kensington” marcados na lateral, um segurança logo atrás dele.

— *Aqui está ele* — gritou, apontando o dedo cheio de sardas na direção de Max. — *Aqui está o menino que me disse que alguém tinha esvaziado todos os meus pneus! O que está acontecendo aqui? Esta tenda é minha!*

Olhei para Max. Não estava muito surpreso com o fato de ele não ter pago pelo espaço. Mas *e/le* parecia chocado por seu plano ter fracassado. O segurança se aproximou e o agarrou pelo ombro.

— Acho que é melhor você responder a algumas perguntas, menino.

A mamãe do menininho que estava empolgado em ver a apresentação cutucou o segurança nas costas.

— Ele roubou nosso dinheiro! — reclamou ela. — Você deveria falar com ele a respeito disso. Roubar o dinheiro do aniversário de uma criança de cinco anos!

*Esta é minha chance.* Dei meia-volta e fugi, saindo da tenda e passando pelo cara furioso das facas e as pessoas enfileiradas para

receber o dinheiro de volta. Lucy e Duddy me esperavam numa mesa de piquenique ali perto.

— Deu certo? — perguntou Lucy.

— Ouça — eu disse, ofegante. Ainda era possível ouvir “MENTIRA! MENTIRA! MENTIRA!” vindo da tenda, depois o discurso do cara das facas.

— *Quem quer ver minha notável faca Kensington cortar esta lata de alumínio?*

Ri para meus amigos.

— Max praticamente ameaçou me matar. Mas conseguimos!

Lucy abriu a mão e nós nos cumprimentamos, batendo um na mão do outro no ar.

— *Eles* estão bem? — quis saber Duddy.

Tirei a caixinha do bolso e a abri. Havia cerca de cinquenta toddlianos dentro dela e todos fizeram “Ooooh!” quando a luz os atingiu. Lewis desceu correndo pelo meu braço para recebê-los. Ele disse:

— SALVE, GRANDE TODD!


E todos o acompanharam:

— SALVE, GRANDE TODD! SALVE, GRANDE TODD! SALVE, GRANDE TODD!





## CAPÍTULO 28



**Eu até que consegui dormir** gostoso naquela noite, considerando que Max havia prometido acabar comigo no dia seguinte. Acho que era porque eu havia feito a coisa certa... finalmente.

Na manhã seguinte, Daisy e eu tivemos um tempo juntos enquanto ela brincava com Camo no meu quarto. Meus três companheiros toddlianos estavam no meu ombro, observando a diversão.

Daisy enrolou o rabo de Cano no seu pulso e o usou como bracelete. Ele colocou os pés com dois dedos dele para cima e acariciou o rosto dela, olhando nos olhos da criança. Bem, um dos olhos se fixou nela. Eu não sabia o que eles fariam um sem o outro na segunda-feira, quando Camo iria para a casa de outra pessoa. Talvez Daisy domasse VanderPuff depois.

Não. Nem mesmo o Superbebê conquistaria a Cachorra-Demônio.  
Ouviram-se uma batidinha e a porta do meu quarto se abriu.

— Oi, mamãe! Entre.

Mamãe abriu a porta e olhou em volta. Ela ficou boquiaberta.

Foi um daqueles raros e maravilhosos momentos em que mamãe ficava sem palavras. Sua cabeça girava nos ombros, vasculhando o quarto inteiro.

— Precisa de alguma coisa? — perguntei.

Se havia, ela não lembrava. Mamãe se aproximou lentamente de Daisy e de mim.

— O que... o que *aconteceu* aqui?

— Ah, limpei tudo.

Mamãe passou o dedo pela superfície brilhante da minha mesa recém-limpa. Seus olhos vagaram para as prateleiras que continham meus organizados bonecos do *Dragon Sensei*. Ela abriu as gavetas da penteadeira inglesa e perdeu o fôlego ao ver as roupas todas dobradas. Balançando a cabeça, ela abriu a porta do armário.

— Eu não consigo acreditar — murmurou ela ao ver as camisas penduradas nos cabides e os sapatos enfileirados. — Quero dizer... não acredito *mesmo*.

Mamãe fechou a porta do armário e se virou para mim. Fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e respirou fundo.

— Na verdade... Todd Galveston Butroche, na verdade está um cheiro *bom* aqui. Tem cheiro de campos de verão!

Levantei-me e olhei para o quarto impecável.

— Bem, usei um pouco do seu spray aromatizador de ambiente. Você não está brava, está? Sei que deveria ter perguntado porque você sempre fala isso, mas acho que, para esconder o cheiro...

Mamãe se sentou na minha cama, com cuidado para não amassar o lençol do *Dragon Sensei*. Seus olhos vasculhavam o quarto novamente. Ela balançou a cabeça.

— Você gosta?

— Se *eu* gosto? — Mamãe colocou as mãos no rosto e sorriu. Recuei um pouco, com medo de que ela me desse um beijo. — Se *eu* gosto?

Ela riu e parecia estar no paraíso. Foi quando viu o teto. Acho que estava verificando se o fungo verde que crescia havia meses ainda estava ali, mas o que ela viu a fez se encolher e dar um pulo.

— O que é *aquilo*?

Eu tinha de admitir que o projeto especial do Lewis era incrível. Da noite para o dia, o teto do meu quarto fora pintado como a Capela Sistina, em Roma. No centro do quarto havia o meu retrato como um deus, estendido pelo céu, parecendo estufado e usando toga e óculos. Meus cabelos flutuavam e minha mão direita estava esticada para tocar a mão de Lucy. Ela usava um guarda-pó branco de laboratório e estava deitada num penhasco verde (onde antes havia a mancha), segurando um microscópio na mão. Uma Daisy nua e com asas pairava perto da minha cabeça, sua fiel chupeta pendendo de sua mão. Embaixo de nós estava o cobertorzinho, como uma nuvem colorida. Havia até mesmo uma representação maldosa de VanderPuff, com presas, chifres e um rabo pontudo. Ideia minha.

— Ah, isso? — perguntei. — É só uma coisa na qual eu estive trabalhando.

Os toddlianos no meu ombro riram e gritaram. Mamãe estava impressionada demais para dizer qualquer coisa.

— Sabe, não é tão ruim limpar o quarto. Consigo encontrar as coisas quando preciso delas e não tenho de me preocupar em ficar com os dedos dos pés melecados por pisar em alguma coisa molhada. Mamãe?

Ela estava boquiaberta e apontou para o cobertorzinho de Daisy no teto. Fora replicado com exatidão, com as manchas roxas e tudo.

— Mamãe? — perguntei com cuidado se ela tinha batido em minha porta por algum motivo.

— Hã? Ah, sim. Sim, você tem um amigo esperando.

— Duddy? — Corri para a porta.

— Não, aquele menino que esteve aqui antes. O grandão cabeludo.

*Max.* Chegou a hora. Engoli a enorme pedra entalada na garganta e consegui dizer:

— Mamãe, você pode cuidar da Daisy e do Camo enquanto converso com ele?

— Claro — disse ela, sentando-se na minha cama sem tirar os olhos do teto.

A caminhada do corredor até a porta da frente parecia o corredor da morte. Eu meio que esperava que os toddlianos cantarolassem “Dead man walking”, mas em vez disso eles me encorajavam.

— Grande Todd, você consegue — sussurrou Lewis no meu ouvido. — Acreditamos em você!

— Lembre-se das palavras de Churchill — acrescentou Herman. — “Você tem inimigos? Bom. Isso significa que você defendeu alguma coisa em algum momento da sua vida.”

— Fácil de dizer quando se tem seu próprio exército — murmurei.

— Deixe-o comigo! — gritou Perséfone. — Tenho treinado com meu chicote para castigar aquele verme supercrescido!

— Obrigado, caras — eu disse. — Mas certas coisas eu preciso resolver por mim mesmo.

Respirei fundo e abri a porta. Max estava lá com seus capangas, Spud e Dick. Eu não entendia por quê; ele com certeza não achava que precisava de reforço contra *mim*.

Ele forçou a passagem por mim até a cozinha.

— Um belo truque o seu, Butroche. — Havia biscoitos recheados na bancada; e ele colocou alguns na boca e continuou falando. — Então foi sua a ideia de trocar as pessoinhas por formigas e me fazer parecer um bobão? A segurança apareceu e eu tive de devolver todo o dinheiro, além de pagar uma multa de cinquenta dólares.

Ele abriu a porta da geladeira e de lá tirou uma garrafa de leite, bebendo no bico. Spud tirou a garrafa das mãos dele, bebendo depois de comer biscoitos também.

Eles podem se meter comigo, mas não com o leite da minha irmã.

— Devolva já isso!

Spud deu mais um gole e arrotou.

— Quero ver você me obrigar, seu nanico!

Max me cutucou no peito, com força.

— Eu achava que tínhamos um trato. — Ele me empurrou contra a lavadora de louças. — Achava que estávamos nos entendendo.

Seu bigodinho de leite o fazia parecer mais velho e eu me convenci de que ele era isso mesmo, um menino do sexto ano como eu. Dei de ombros.

— E daí? Você vai deixar de me proteger agora? Fui vítima de valentões como você a vida toda; não suporto mais. Faça o que você fizer, valeu a pena recuperar os toddlianos.

Max se lançou sobre mim como um falcão prestes a atacar a presa.

— Ah, deixar de proteger você é apenas metade do plano. — Ele se endireitou e apontou para o meu quarto, no fim do corredor. — Sei tudo sobre seus amiguinhos e aposto que muitas pessoas gostariam de conhecê-los. Aposto que há muitos laboratórios que pagariam um bom dinheiro para ver os insetinhos.

— Laboratórios de testes médicos — zombou Dick.

— *Reality shows* — disse Spud com a boca cheia de biscoitos. — *As Mães das Pessoas-Insetos*. Eu com certeza assistiria! Dá para obrigá-los a participar de um concurso de talentos e...

— Cale a boca, Spud! — gritou Max.

Os toddlianos sofriram um ataque de pânico no meu ombro e eu entrei em pânico com eles.

— Você não pode fazer isso! De jeito nenhum! — eu disse. — Não conte a ninguém! Por favor!

Max estalou os dedos, um de cada vez. Eu não conseguia respirar. Por fim, ele se abaixou e seus olhos quase se fecharam.

— Vou guardar segredo por enquanto... mas isso vai lhe custar caro. — Ele se endireitou e cruzou os braços. — Para começar... você me deve aquele skate.

Soltei a respiração que eu prendia. Era o que eu temia. Disse a mim mesmo que era melhor do que apanhar, mas ainda era ruim. *Sacrifício, Todd*.

— Siga-me — resmunguei, abrindo a porta da garagem.

A prateleira que o papai construía tinha chamas pintadas nas laterais e continha três skates. Eu sabia que o papai teve de trabalhar turnos extras para conseguir o material e me sentia pior pelo dinheiro desperdiçado dele do que por qualquer outra coisa.

Eu sempre colocava meu skate preferido na parte mais alta, mas, por algum motivo, agora ele estava na parte mais baixa. Estranho. Talvez o papai estivesse praticando depois do trabalho. Ele disse que era um bom skatista quando criança.

— No tempo em que os dinossauros vagavam pela Terra.

Peguei o skate e passei a mão pela prancha lisa de madeira e pelas letras brancas e pretas. Ele se chamava Insanidade Psíquica, e o "Q" de psíquica calçava tênis e fazia um *ollie*. Adeus, skate mais legal de todos os tempos.



— Ele é extralargo e tem *shape* duplo — sussurrei. — Os eixos são independentes e as rodas são feitas pela Bones, para o caso de você precisar substituir. — Girei as rodinhas da frente pela última vez e o entreguei a Max. — Ele é todo seu.

Max o arrancou das minhas mãos e deu uma risadinha.

— Queria um desses há muito tempo. Isso é muito melhor do que o seu velho Zero, Nixy.

Ele o empurrou até a entrada da garagem e subiu no skate.

Foi quando uma vizinha disse algo do alto da manga da minha camisa.

— *GERÔNIMO!*

O trio toddliano repentinamente se lançou do meu ombro, voou e pousou no skate em cordas de... *fio dental*? O fio dental passava por cima e por baixo da prancha, prendendo o pé de Max. Ele se assustou e tentou se libertar, sem conseguir. Dick e Spud ficaram na entrada da garagem, olhando boquiabertos para o skate.

— BUTROCHE! — gritou ele. — O quê? ...

Foi o que ele conseguiu dizer antes de ouvirmos um som estridente como o de uma broca de dentista. Então vi um motorzinho preso à parte de baixo da prancha. Ele estava pintado de prata, combinando com os eixos traseiros.

Não consegui acreditar no que aconteceu em seguida. O Insanidade se lançou para a frente e quase atropelou Spud e Dick, que saíram do caminho a tempo.

— Socorro! — gritou Max. Eles não moveram nenhum músculo.

O skate seguiu pela entradinha em declive, depois deu meia-volta e subiu até a garagem. Max lutou para manter o equilíbrio, mas estava claro que ele não aguentaria por muito tempo.

— Pare com isso! — gritou ele. — Por favor! Faça... — Ele olhou para cima e, ao ver algo ao longe, ficou pálido. Sua sobrancelha se arqueou e seus olhos se arregalaram.

Quando me virei para ver o que o assustava tanto, quase caí de costas. No meio da garagem estava... EU MESMO! Bem, na verdade era a estátua de metal que Lewis havia feito de mim, mas totalmente refeita e mais realista. Ela estava usando a fantasia do Imperador Oora que os toddlianos me ajudaram a costurar para a festa de Duddy. A estátua de metal estava incrível, usando uma enorme capa roxa, escamas de dragão e Cogumelos Explosivos pretos feitos com cabeças de bonecas. Eu tinha de admitir que era impressionante.

A parte mais assustadora era a fumaça verde que saía das bocas e olhos dos Cogumelos Explosivos. Parecia e cheirava àquela coisa de enxofre que emanava do laboratório de química de Lucy. Cara, a estátua era assustadora.

Max com certeza concordava comigo. Ele se encolheu e mexeu as pernas, tentando libertar os pés. O Insanidade estourou atrás dele. Max balançou os braços como uma galinha em chamas e depois se jogou de barriga no concreto. Nem mesmo *eu* havia sido derrotado com tal grandiosidade épica.

Spud e Dick riram até não poder mais.

— Chega! — riu Spud. — Não deixe o monstro de metal me pegar!

— Aaauuugh! — gargalhava Dick, imitando os braços agitados de Max e correndo pela entrada da garagem em círculos. — Você gritou feito uma menininha! Proteja-me... daquele assustador Homem Bobão com a... capa de dragão! — Ele ria demais para conseguir dizer qualquer outra coisa.

Mas Spud não havia terminado.

— Nocaute! — anunciou ele como um locutor. Depois, se aproximou de Max e contou regressivamente de dez até um. — Senhoras e senhores, Max-O-Perdedor-Loving foi derrotado e temos um NOVO CAMPEÃO MUNDIAL... INSANIDADE PSÍQUICA! — Ele socou o ar, saltando e quase caindo na cabeça de Max. — E a multidão vai à LOUCURA!

Dick se curvou e segurou a barriga.

— Vamos lá, Nixon. Deixe o bebê tirar sua sonequinha. Ele não vale nosso tempo. — Eles saíram pela rua e Dick se dobrava e ria de vez em quando, enquanto Spud gargalhava.

Estendi a mão para ajudar Max a se levantar, mas ele me encarou e se desviou de mim. Resmungou alguma coisa e se sentou. Seu rosto estava manchado por alguma coisa preta e grudenta que vazara da minivan na entrada da garagem. Adicione um nariz sangrando a isso, e Max parecia mesmo bem mal.

— Ei, Loving — não pude deixar de perguntar —, ainda acha que o *Dragon Sensei* é para idiotas? — Max fez uma careta para mim e resmungou. Peguei meu canivete suíço e cortei o fio dental que o mantinha preso ao Insanidade. Assim que se viu livre, ele pulou e saiu mancando pela calçada.

— Ei, não quer mais o skate?

Ele se virou e bufou para mim. Dei um salto e lhe entreguei o Insanidade. Ele ameaçou pegá-lo, mas em vez disso ficou olhando para a garagem.

— Pode ficar — disse ele, cuspidando sangue. — E diga a seus monstros que eles venceram... a batalha.

Eu me joguei no quintal e o observei se afastar, mancando. Como pude achar que Max era tão legal? Ele não era nada disso. E eu nunca havia notado isso antes, mas seus cabelos pretos oleosos o faziam se parecer com um imitador barato do Elvis Presley.

Nunca precisei mesmo deles. Já tinha meus amigos legais. Três deles escondidos em algum lugar no meu quintal.

— Obrigado, caras — suspirei para a grama. — Eu lhes devo uma. Bem... mais de uma.

— Com quem você estava falando? — perguntou mamãe, saindo pela porta da frente e parando atrás de mim. — Não está na hora de ir para a festa do Duddy? — Ela estendeu a mão para me ajudar a

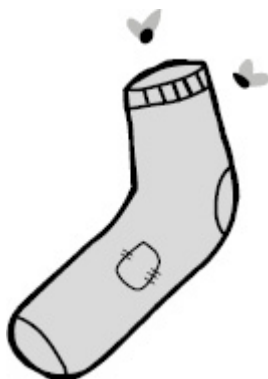
me levantar. — E não precisamos nem mesmo pegar aquele ônibus nojento — disse ela, sorrindo. — Posso levá-lo de carro! Aconteceu uma coisa muito estranha esta manhã. Tentei ligar a minivan e o motor pegou imediatamente.

— Pegou?

Ela riu.

— Sim, pegou. É um milagre!

— É mesmo. — Olhei para o gramado e sorri. — É mesmo.





## CAPÍTULO 29



**Fingi pegar uma moedinha** na entrada da garagem e abri a mão para que os toddlianos viessem a bordo. Enquanto mamãe foi pegar sua bolsa, corri para a garagem e apanhei minha capa do Imperador Oora, depois corri para meu quarto e deixei os toddlianos no carpete para que eles relaxassem enquanto eu me transformava para a festa.

Quando terminei e dei uma olhada na minha imagem, não pude deixar de rir, apesar de o Imperador Oora ser um cara bastante sério. Não havia dúvida quanto a isso, mas aquela era a fantasia *mais legal* de todos os tempos. Ajustei a corda do meu chapéu e me curvei para o espelho. Quem era aquela criatura com a pele manchada de preto e marrom e com bigode de Fu Manchu?

— Imperador Oora, você é o governante de Fernsopi e, neste dia, todos os seus inimigos se curvarão diante de ti!

Eu me cumprimentei com entusiasmo.

Lewis havia usado um pouco do delineador da minha mãe para fazer meus olhos se parecerem de répteis e eu até mesmo a havia convencido a permitir que eu deixasse meus óculos em casa. Talvez não fosse capaz de enxergar longe, mas quem já viu uma salamandra má gigante usando óculos? Além disso, a casa de festas Dave e Buster estaria iluminada como Las Vegas, então eu conseguiria enxergar bem e as escamas de dragão na parte de dentro da minha capa brilhariam ainda mais.

A minha parte preferida da festa foi quando os Cogumelos Explosivos no colarinho da minha capa de veludo roxo soltaram vapor verde. Eu havia pintado cabeças de bonecas de preto e havia usado branco fosforescente nos olhos e bocas. Pareciam os cogumelos venenosos que cresciam no Pântano das Almas que Oora havia roubado de sua sobrinha, Saki. Girei minha capa e fiz o melhor para mostrar minha risada de imperador do mal.

— Você vai morrer hoje, Saki. Ninguém que me trai e sobrevive.

Fingi lançar um dos Cogumelos contra o espelho.

— Ca-BUM! — ribombei.

De repente, um barulho surgiu no meu quarto, como centenas de mãozinhas batendo palmas. *Eram* centenas de mãozinhas batendo palmas. Os toddlianos aplaudiam minha apresentação. Coloquei os micro-óculos e pedi que eles me encontrassem na Toddlândia, isto é, no chão do meu armário.

A Toddlândia era como um paraíso. Eu havia resgatado uma das velhas sandálias de mamãe que estavam com VanderPuff, eu lavei-a e a revesti com bolas de algodão para formar uma cama confortável. Uma tampa de margarina servia como fonte de água (nas palavras de Perséfone) e piscina. Prometi trocar a água todas as manhãs e o algodão todas as noites. Era o mínimo que eu podia fazer para amigos tão bons.

Por falar em bons amigos, Duddy havia me dado uma ideia com seu terrário. A Toddlândia continha um minúsculo parquinho com balanços feitos de cliques cliques e elásticos, gangorras de lápis, uma régua flexível, grampos colocados numa borracha como trepa-trepa e um trampolim de esponja. Eu tinha de admitir: era mesmo incrível.

Até Perséfone concordava. Ela perseguia grilos enquanto eu construía aquilo. Ao voltar, ela desceu do Camo e assobiou.

— Nada mau... nada mau mesmo. Para um novato.

— Ei, Lewis! — chamei quando o vi se jogar na piscina. Ele se secou num pedaço de algodão e subiu no meu dedo.

— Sim, Grande Todd? — Ele me lançou um sorriso engraçado. — Ou devo dizer Imperador Oora?

Nós nos cumprimentamos e gritamos juntos:

— Oo-ra! Oo-ra! Oo-ra!

— Certo, quem quer ir para a festa do Duddy comigo? — perguntei. — Vai ser divertido e eles têm uma Montanha de Nachos do outro mundo, que os alimentaria por, tipo, uns quinhentos anos.

— O suficiente é tão bom quanto um banquete — citou Herman do alto de uma pilha de roupas de ginástica. — E nosso banquete aqui é incomparável.

Olhei mais de perto. O monte estava cheio de toddlianos se deliciando.

— Hummmmm... Hummmmm...

— Como você vê — disse Herman —, preferimos jantar Suor à la Todd Bod.

— Você acha isso bom? Na semana que vem, na aula de Educação Física, vou fazer umas flexões extras para vocês. Daí minhas roupas ficarão supersuadas e saborosas.

— Ooooooh! — fizeram eles. — OBRIGADO, GRANDE TODD!

— De nada. — Ergui meu dedo até o nível dos meus olhos. — E você, Lewis, quer ficar também?

— E perder a Montanha de Nachos? — Ele saltou do meu dedo para meu ombro e se ajeitou entre dois Cogumelos Explosivos.

Eu me virei e olhei para ele.

— Ei, obrigado pelo que vocês fizeram lá com o Max.

Lewis sorriu.

— Quero dizer. Aquilo foi... — Pigarreei e tentei novamente. — Quero dizer, você é um ótimo amigo.

— Obrigado, Grande Todd. Será uma honra acompanhar o Imperador Temeroso hoje.

Meia hora mais tarde, entrei na casa de festas Dave e Buster. Era evidente que eu não era o único ninja que havia mergulhado de cabeça na festa de Duddy. Foi fácil encontrar a multidão de *Sensei* em meio às luzes piscantes. Lá estava Ike, ou Mongee-Poo, usando calça verde justa e *collant*, gritando e balançando seu longo rabo para a frente e para trás ao brincar de hóquei aéreo. Por sorte ele atirava discos, e não cocô. Wendell defendia do outro lado, apesar de as mangas vermelhas do seu quimono o atrapalharem. Ri ao imaginar Sensei Nagee e Mongee-Poo disputando numa arena de hóquei.

— Ei, caras! — chamei. — Vocês estão ótimos! — Wendell acenou para mim e Ike se aproveitou do gol desprotegido.

— GOL! — gritou ele. — Ganhei... DE NOVO! — Ele fez uma dancinha da vitória ao redor de Wendell, gritando alto o bastante para o lugar todo ouvir. Um dos funcionários da casa se virou para ver o que era aquela confusão. Ike coçou o sovaco e fingiu lançar sua arma secreta de cocô na máquina Tippin' Bloks. O funcionário só balançou a cabeça.

— Você também está incrível — disse Wendell. Apertei o aparelho que Herman me ajudou a instalar na capa. Um vapor verde saiu dos



olhos e bocas dos Cogumelos Explosivos.

— Uau! — Wendell sussurrou e Ike parou de coçar o covão para vir dar uma olhada. Uns seis dos milhares de primos de Duddy vieram correndo também. Foi um sucesso.

Vários primos estavam vestidos como Koi Boys, usando bigodes falsos, nadadeira preta e barbatanas falsas. Mas havia um menino cuja fantasia era ainda mais ridícula. Ele usava um saco de lixo branco que havia sido pintado de caneta marca-texto amarela. Na cabeça ele tinha uma toalha de banho amarela enrolada como turbante e enormes óculos escuros que cobriam quase todo o seu rosto. Se ele não estivesse usando presas de vampiro, eu jamais teria imaginado que ele fosse SharkTreuse.

— Fantasia legal, Todd — disse ele, com a língua presa. *Ernie Buchenwald?* Não havia como disfarçar aquela voz.

— Você parece legal também, Ernie — menti. Ei, pelo menos ele havia tentado.

— Obrigado — disse ele e depois perseguiu os primos na área Skee-Ball, gritando: — BONFAAAI!!!

Na máquina da Garra Gigante, desperdicei seis moedas tentando ganhar o Lula Molusco para dar de presente a Duddy. Lewis se esforçava para me ajudar do seu lugar, no meu chapéu.

— Para a esquerda.... um pouco mais... AGORA! Oops! Tente de novo. — Acho que ele não entendia que, todas as vezes que eu passava o cartão na máquina, aquilo me custava dinheiro. Mas por Duddy valia a pena. Eu simplesmente perderia alguns jogos de Monster Drop.

— Seu problema é que você está tentando pegar a cabeça, que é pesada demais para a garra — disse uma voz atrás de mim. — Se bem que você não está usando seus óculos. Aqui, deixe-me tentar.

Vespa, a Vingadora, a Vespa do Ódio, assumiu os controles. Ela usava luzes douradas de Natal em fios como antenas, uma máscara amarela com enormes olhos pretos prismáticos e um colete preto.

Um ferrão enorme cheio de algo que parecia cola brilhante saía de seu abdômen listrado de dourado e preto. Ela tinha até mesmo um conjunto extra de braços saindo do meio do corpo.

— Peguei! — disse a Vespa enquanto o Lula Molusco caía no compartimento. Ela entregou o boneco para mim. — E então, o que acha? — Asas se abriram nas costas dela. Mas não eram asas reais. Eram... *hologramas*? Caramba! Eu só conhecia uma pessoa capaz de inventar aquilo.

Ela tirou a máscara.

— Nada mau, hein?

— Lucy! — eu ri. — Você está arrasando. Sabia? — Nós nos cumprimentamos. Eu estava mesmo feliz por ver aquela menina.

Ela riu também.

— Você também não está nada mau. Sua fantasia é incrível! Ei, Lewis! Você está aí? Ele o está tratando bem?

— Salve, Lucy, a Valente! — Lewis escorregou pela corda do meu chapéu e não parou de falar sobre o “valor de Lucy diante do inimigo” e sobre como ela tinha de ver a nova e melhor Toddlândia. Por fim, Lucy conseguiu fazê-lo parar de falar.

— Obrigada por suas palavras gentis. Estou feliz por saber que você está em boas mãos. — Alguém ganhou um monte de moedas naquela hora e não dava para ouvir nada em meio ao barulho das sirenes. Quando elas finalmente silenciaram, Lucy disse: — Nunca estive aqui antes. Susan acha que o *video game* apodrece seu cérebro. Este lugar é INCRÍVEL, ainda que um pouco exagerado. E a comida cheira muito bem. — Ela fechou os olhos e respirou fundo. — Paraíso das porcarias. Não conte à Susan, mas vou comer tanto queijo hoje que atrapalharei minha flora intestinal até os vinte anos.

Eu vi Duddy antes que ele me visse. Ele estava vestido de Saki, que não usava chapéu, então seus cabelos loiros o tornavam completamente reconhecível. Seu traje se parecia basicamente com o meu, só que a capa dele era dourada e seus Cogumelos Explosivos

tinham pedaços de gravetos brilhantes enfiados nos olhos e bocas. Claro que o rosto dele não parecia tão bom como o meu, mas nem todo mundo tinha seu maquiador toddliano pessoal. Acho que a mãe dele desenhou seu bigode. Duddy me viu e deixou a guerrinha que acontecia na parte central da sua festa.

— Todd! ESTOU AMAAAANDO ISSO. Quero dizer, que INCRÍVEL!  
— Ele limpou a testa, olhando os amigos. — Ike! Wendell! Vocês têm de ver isso! — Mongee-Poo estava ocupado lançando saquinhos de feijão nas pessoas. Ele parou e, juntamente com Wendell, veio admirar minha fantasia novamente. Soltei mais fumaça verde dos Cogumelos Explosivos e até mesmo Lucy ficou impressionada. Dei o crédito a quem devia.

— Sim, uns amigos especiais me ajudaram.

Ike e Wendell voltaram para a batalha e Duddy se aproximou de mim.

— Você trouxe alguns de seus *amigos especiais* com você?

Apontei para o meu chapéu. Lewis apareceu na cordinha.

— Oi, Duddy, o Mestre Dragão!

O Mestre Dragão riu.

— Eles são MUITO LEGAIS!

— Eu sei. Ainda bem que a Lucy teve a ideia de lhe perguntar se podíamos pegar suas formigas emprestadas. Não sei como teríamos recuperado os toddlianos sem as formigas. Honestamente, eu achava que você não nos ajudaria, já que...

— Deixa pra lá. — Duddy deu de ombros. — As formigas ficaram felizes por ajudar as criaturinhas, e eu também.

Entreguei a Duddy o Lula Molusco de pelúcia.

— Obrigado por ter me perdoado, cara.

Duddy deu de ombros e seu rosto ficou rosado sob suas sardas escuras de salamandra.

— É para isso que servem os amigos.

— E os líderes — eu disse. — Então, vamos lá, Mestre Dragão! Qual é o seu plano de batalha?

— Bem, já que a Vespa, a Vingadora, é a mais poderosa de todas as guerreiras fernsopianas, acho que ela deveria atacar o Koi Boy com seu Ferrão da Dor!

Lucy levantou a máscara sobre suas tranças e saudou:

— Koi Boy se arrependerá do dia em que saiu do seu laguinho tranquilo quando eu apontar meu traseiro na direção dele! — Ela correu para a ação e aqueles pobres Koi Boys não sabiam o que os atingia.

— Ah! Meu primo Chris acabou de chegar — disse Duddy, apontando para a área de festa. — Ele trouxe seus *nunchakus*. Vamos mostrar a ele seus Cogumelos Explosivos!

Duddy correu e eu comecei a segui-lo.

— Ei, bobão! — gritou um menino enorme no Spin-N-Win. Eu o reconheci como Mason, um dos valentões da mesa de Max na escola. Fantasiado, ele não sabia quem eu era. — Queremos brincar também. Podemos brincar de caratê com vocês?

Os caras que estavam com Mason imitaram Duddy e seus amigos. Eles tagarelavam enquanto um deles se coçava e gritava como Ike.

Parei e fiquei olhando a caótica cena da batalha. Os funcionários da casa de festas trocavam olhares que diziam que eles achavam que a coisa toda havia fugido do controle também.

Mason me chamou.

— O que você está esperando, Lagartão? Não vai brincar com seus amigos bobões?

Lancei um pouco do gás venenoso dos Cogumelos Explosivos na direção dele, mas não fiquei para ver seu rosto derreter. Tinha coisas melhores a fazer, como ajudar meus amigos a derrotar uma legião de clones de Koi Boy!

— Você deveria usar seu Cogumelo Explosivo contra SharkTreuse — sugeriu Lewis. — Ele parece estar ficando sem poder de lula.

— Mas tenho de lutar contra ele sob a água, onde os Cogumelos Explosivos não funcionam — eu disse. — Então terei de roubar a bolha de campo de força do Koi Boy ou, melhor ainda, a habilidade de Saki de se transformar em criaturas aquáticas. Daí posso enterrar Sharky no seu túmulo submarino.

— Uma escolha muito criativa, Grande... quero dizer, Imperador Temeroso.

— Mas precisarei de um parceiro, já que não tenho superpoderes.

— Estou com você até a morte! — gritou Lewis.

— Vamos esperar que não chegue a tanto. — Eu ri.

A Vespa zumbiu ao meu lado.

— Protejo suas costas também!

— Mas somos inimigos declarados — eu a lembrei.

— Não somos mais. — Ela abriu as asas de holograma. — A vida aqui em Fernsopi é curta demais para isso.

Ela tinha razão. A vida era curta demais para se preocupar com ser popular. E daí que meus amigos são bobões? Eles sabiam se divertir e cuidavam de mim quando precisava.

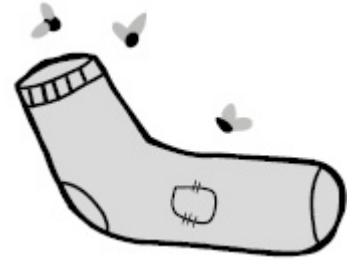
O que significa que eu devo ser um bobão também, porque não conseguia parar de sorrir.

Lucy acendeu o ferrão.

— Você está comigo, Butroche?

Eu a saudei e corri para a batalha.

— GERÔNIMOOOO!!!



# EPÍLOGO



— **E foi assim, meus jovens**, como o Grande Todd e seus amigos salvaram nosso povo da escravidão e da tirania de Max, o Poderoso.

Os Netinhos se levantaram.

— SALVE, GRANDE TODD! SALVE, GRANDE TODD! — gritaram, correndo por toda a Toddlândia como gafanhotos em concreto quente.

— Mas, vovô — disse a pequena Andrômeda —, se o Grande Todd sempre foi tão bom e incrível, por que os toddlianos se afastaram dele?

Senti o rosto esquentar.

— Não nos afastamos exatamente — eu disse, mas os Netinhos ficaram em silêncio, observando-me com os olhos arregalados. Eu lutava para encontrar palavras. Como explicar o Tempo das Trevas? — É que foi... houve diferenças de opinião...

Herman se intrometeu, lançando-me um olhar sábio.

— Agora, crianças — disse ele —, vamos falar de tempos mais felizes! Como o Grande Todd derrotou o traiçoeiro Natick Nitros na épica batalha conhecida como Baze Ball!

— E o banquete que se seguiu a isso! — acrescentou Perséfone, esfregando a barriga. — Foram bons tempos, queridinhos!

A pequena Andrômeda piscou, deixando escapar um bocejo.

— E quando... quando Herman construiu a arca? Ou quando ele instalou a Nova Toddlândia no laboratório de Lucy, a Valente? — Ela se ajeitou na cama, mas olhou de Perséfone para mim. Ela claramente não estava pronta para dormir ainda. — Há tantas histórias do Grande Todd que quero ouvir. O que aconteceu depois da festa do Duddy? O que aconteceu ao Max?

Olhei para Perséfone e Herman e suspirei. Claro que nossos Netinhos não ficariam satisfeitos com apenas uma história esta noite!

— Muito bem — eu disse, também me ajeitando na cama. — Eis o que aconteceu depois...





